

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
HISTÓRIA E CONEXÕES ATLÂNTICAS: CULTURAS E PODERES
JONATAN DA SILVA ALVES FIRMINO**

**A FESTA DE IEMANJÁ NO MERCADÃO DE MADUREIRA: UMA ANÁLISE
HISTÓRICA DOS CONFLITOS POLÍTICOS E RELIGIOSOS DURANTE A
GESTÃO DE MARCELO CRIVELLA (2017-2020)**

São Luís

2024

JONATAN DA SILVA ALVES FIRMINO

A Festa de Iemanjá no Mercado de Madureira: uma análise histórica dos conflitos políticos e religiosos durante a gestão de Marcelo Crivella (2017-2020)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História e Conexões Atlânticas da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos.

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Silva Alves Firmino, Jonatan.

A FESTA DE IEMANJÁ NO MERCADÃO DE MADUREIRA: : UMA
ANÁLISE HISTÓRICA DOS CONFLITOS POLÍTICOS E RELIGIOSOS
DURANTE A GESTÃO DE MARCELO CRIVELLA 2017-2020 / Jonatan
da Silva Alves Firmino. - 2024.

142 p.

Orientador(a): Lyndon de Araújo Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2024.

1. Festa de Iemanjá. 2. Mercadão de Madureira. 3.
Marcelo Crivella. 4. Conflitos Político-religiosos. 5.
Subúrbio. I. de Araújo Santos, Lyndon. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Jonatan da Silva Alves Firmino

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História e Conexões Atlânticas da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em: 17 / 06 / 2023

Banca examinadora:

Profª. Dra.: Joana D'Arc do Valle Bahia

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr.: Luiz Alberto Alves Couceiro

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

Orientador Prof. Dr.: Lyndon de Araújo Santos

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

Depositado em: / /

DEDICATÓRIA

Este trabalho eu dedico inteiramente a minha amada mãe e ao meu tão amado quanto saudoso pai, que me deixou em fevereiro de 2021, vítima da criminosa ação de um governo assassino, na pandemia de covid-19, no meio da seleção para o curso. Não sucumbi à dor. Aqui, realizamos os três um sonho sonhado juntos. Repetir incansavelmente o quanto sou grato aos dois sempre será insuficiente. Nessas páginas têm alguns meses de trabalho meu e anos e anos de cuidado dos meus pais.

Eu sou testemunha de que a educação pode transformar a realidade das pessoas e meus pais, que sempre acreditaram nisso, não mediram esforços para que eu chegasse diante de uma banca de defesa de dissertação para conquistarmos o título de mestre. Da geração do “sou a primeira pessoa da minha família a”, eu tenho a honra de trazer para as famílias Alves e Firmino essa titulação inédita, na torcida de que seja uma entre várias outras no futuro.

Destaco os intermináveis dias em que a dona Maristela passou limpando e servindo em escolas particulares para que eu recebesse bolsas de estudos e as muitas vezes que, sem dinheiro para passagem, o seu Maurício me buscava na escola a pé e no caminho de volta para casa enchia minha mente de histórias que me fizeram vislumbrar um novo mundo de possibilidades todas. Que privilégio é ser filho de vocês!

Chegamos aqui e iremos mais longe. Eu amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Concluir esta etapa da minha formação acadêmica representa uma profunda satisfação pessoal, que é, sem dúvida, o fruto de um esforço coletivo. Neste momento de gratidão, desejo expressar meus sinceros agradecimentos a todas as forças que me acompanharam nesta jornada.

Primeiramente, dirijo minha gratidão a Deus, fonte de força e coragem inesgotáveis, que me guiou em cada passo deste caminho difícil em tantos aspectos. Minha reverência à Iemanjá, a mãe protetora das águas, e a São Francisco de Assis, meu santo de devoção, cujo exemplo de vida me ensina sobre a humildade e o respeito absoluto para com todos. Agradeço, igualmente, a toda espiritualidade que firmemente manteve-me resiliente e focado nessa trajetória.

Expresso minha profunda gratidão ao meu orientador, o professor Lyndon Santos, cuja dedicação, atenção e sabedoria me direcionaram academicamente e me engrandeceram pessoalmente. Seu profissionalismo e humanidade são exemplos que levarei comigo. Da mesma forma, agradeço a todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História, cuja excelência acadêmica e sensibilidade humana enriqueceram imensamente minha formação. Não posso deixar de mencionar a Universidade Federal do Maranhão, instituição que me forneceu as ferramentas e os recursos necessários para que eu, produto da educação pública brasileira, pudesse alcançar mais esta vitória em minha jornada educacional.

Meus colegas de curso merecem um agradecimento especial. Formamos um grupo lindo de apoio mútuo, algo que jamais imaginei ser possível em um programa de pós-graduação. Nossa solidariedade e companheirismo foram essenciais para superar os desafios acadêmicos e pessoais que enfrentamos.

Por fim, ao Maranhão, terra que me acolheu e proporcionou inúmeras experiências valiosas, tanto na vida acadêmica quanto profissional, ofereço meu mais sincero obrigado.

Este momento de conclusão não marca apenas o fim de uma etapa, mas o início de novos desafios e conquistas que, estou certo, enfrentarei com a mesma dedicação e levando em mim um pouco de tudo que vivenciei nesse período.

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

RESUMO

Este estudo propõe uma investigação histórica sobre os conflitos político-religiosos envolvendo a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira durante a gestão do ex-prefeito Marcelo Crivella na cidade do Rio de Janeiro. A celebração é interpretada como uma manifestação de resistência cultural e religiosa, além de ser percebida como uma forma de ocupação do espaço público. Durante a administração de Crivella, a festividade enfrentou desafios consideráveis, refletindo complexas interações político-religiosas. Embora tenha contado com apoio institucional, também foi alvo de restrições, especialmente em 2019, devido a limitações de recursos que impediram sua realização nos moldes tradicionais. Essa conjuntura representa o embate entre as tradições afro-brasileiras e as políticas municipais, influenciando a visibilidade e continuidade da festa. O estudo conclui que a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira é emblemática da interação entre religião, cultura, política e território suburbano do Rio de Janeiro. Do ponto de vista teórico e metodológico, esta pesquisa se baseia nos conceitos de História Cultural, conforme delineados por Peter Burke, e nos conceitos de História Oral, como compreendidos por Paul Thompson. Concentrando-se na interseção entre a cultura afro-brasileira e o panorama político na cidade durante o período de 2017 a 2020, o trabalho utiliza entrevistas semiestruturadas para investigar como a festa, iniciada em 2003 e organizada por comerciantes do Mercado, reflete a identidade e a dinâmica social das regiões suburbanas cariocas, bem como sua relação com a gestão de Crivella nesse intervalo temporal. Além das entrevistas, as fontes empregadas nesta pesquisa incluem jornais, legislação e decretos municipais, e plataformas de redes sociais.

Palavras-chave: Festa de Iemanjá; Mercado de Madureira; Marcelo Crivella; conflitos político-religiosos; subúrbio.

ABSTRACT

This study proposes a historical investigation into the political-religious conflicts involving the Iemanjá Festival at Mercado de Madureira during the administration of former mayor Marcelo Crivella in the city of Rio de Janeiro. The celebration is interpreted as a manifestation of cultural and religious resistance, in addition to being perceived as a form of occupation of public space. During Crivella's administration, the festival faced considerable challenges, reflecting complex political-religious interactions. Although it had institutional support, it was also subject to restrictions, especially in 2019, due to resource limitations that prevented it from being carried out in traditional ways. This situation represents the clash between Afro-Brazilian traditions and municipal policies, influencing the visibility and continuity of the party. The study concludes that the Iemanjá Festival at Mercado de Madureira is emblematic of the interaction between religion, culture, politics and the suburban territory of Rio de Janeiro. From a theoretical and methodological point of view, this research is based on the concepts of Cultural History, as outlined by Peter Burke, and on the concepts of Oral History, as understood by Paul Thompson. Focusing on the intersection between Afro-Brazilian culture and the political panorama in the city during the period from 2017 to 2020, the work uses semi-structured interviews to investigate how the party, started in 2003 and organized by Mercado traders, reflects the identity and the social dynamics of Rio's suburban regions, as well as its relationship with Crivella's administration in this period. In addition to interviews, the sources used in this research include newspapers, legislation and municipal decrees, and social media platforms.

Keywords: Iemanjá Festival; Mercado de Madureira; Marcelo Crivella; political-religious conflicts; suburb.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Madureira	26
Figura 2 - Evolução dos transportes em Madureira nos séculos XIX, XX e XXI	29
Figura 3 - Mercadão de Madureira no início do século XX e atualmente	31
Figura 4 – Banners de divulgação de ações sociais do Mercadão	32
Figura 5 - Eventos promovidos pelo Mercadão de Madureira	36
Figura 6 - Manifestações culturais afro-brasileiras em Madureira	43
Figura 7 - Loja de artigos religiosos do Mercadão de Madureira	46
Figura 8 - Loja de animais vivos no Mercadão.....	47
Figura 9 - Representações de Iemanjá	62
Figura 10 - Livro "Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios"	67
Figura 11 – Iemanjá retratada no livro de Macedo	70
Figura 12 – Deputado Átila Nunes participa da Festa de Iemanjá em 2005.....	73
Figura 13 - Caminhão de som de Dionísio Lins cedido para a festa em 2022	76
Figura 14 - Hélio Sillman conversa com guardas municipais em 2022.	77
Figura 15 - Imagem de Iemanjá junto à urna para os pedidos dos fiéis.....	94
Figura 16 - Início da festa na Avenida Edgard Romero.....	95
Figura 17 - Início da procissão pelos corredores do mercado em 2022	96
Figura 18 - Tendas da Prefeitura do Rio na Praia de Copacabana	98
Figura 19 - Hélio Sillman em entrevista à Globo News.....	100
Figura 20 - Imagem de Iemanjá chega à Praia de Copacabana em 2013	102
Figura 21 - Pedestres assistem à carreata da festa.....	104
Figura 22 - Carreata da festa em 2013	107
Figura 23 - Multidão recebe a estátua de Iemanjá em Copacabana em 2011....	108
Figura 24 - Cobertura jornalística da festa em 2017.....	109
Figura 25 - Programação da festa em 2018	113
Figura 26 - Festa de Iemanjá do Mercadão em 2019	118
Figura 27 - Agentes da Prefeitura atuam na festa em 2022.....	121
Figura 28 – Entrega das oferendas no mar de Copacabana em 2022	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O GRANDE MERCADO DA “CAPITAL DO SUBÚRBIO” – <i>LOCUS</i> DA PESQUISA	24
1.1. Madureira, capital do subúrbio	25
1.2. O Mercado de Madureira	30
1.3. Madureira, território afro-brasileiro.....	38
1.4. Compras votivas no Mercado de Madureira.....	45
2. UM PANORAMA POLÍTICO E RELIGIOSO	52
2.1. Por que Iemanjá?	53
2.2. As festas de Iemanjá no Rio de Janeiro	57
2.3. Um ícone, para o bem e para o mal	61
2.4. A IURD de Crivella e seu manual de intolerância religiosa	64
2.5. A política em torno da festa	71
2.6. Eleições 2016 – a vitória de Crivella	79
2.7. O bispo no poder	82
3. A.C. & D.C. - ANTES E DEPOIS DE CRIVELLA	92
3.1. A festa de Iemanjá do Mercado de Madureira.....	93
3.2. As origens da festa do Mercado.....	99
3.3. O crescimento e o apogeu.....	106
3.4. Início do fim: festa de 2017	108
3.5. Resistência na festa de 2018	111
3.6. A carreata vira circuito: a festa de 2019	114
3.7. A era Paes e a festa de 2022.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro apresenta um complexo e diversificado cenário cultural e religioso no qual vivências e sociabilidades distintas, e por vezes antagônicas, compartilham o mesmo espaço e com ele se relaciona a ponto de serem os lugares da cidade parte importante de tais vivências. No subúrbio do Rio, que tem sua constituição muito marcada pela histórica presença de populações afro-brasileiras, manifestações que expressam a riqueza imaterial da cidade afloram. Nesse contexto, esta pesquisa analisa uma das muitas manifestações culturais suburbanas ligadas às origens afro-brasileiras de sua gente, a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. A partir desse evento, são levantados e discutidos os conflitos existentes entre seus organizadores e participantes e a administração municipal de Marcelo Crivella, prefeito do Rio de Janeiro no período de 2017 a 2020.

O interesse neste estudo inicialmente surge da admiração pessoal que tenho pela riqueza cultural do subúrbio carioca e do reconhecimento da importância econômica, social e cultural do Mercado de Madureira. As primeiras percepções sobre a relevância do Mercado para o Rio de Janeiro surgiram ainda na adolescência, quando eu estudava em um colégio do bairro de Cascadura, vizinho de Madureira. Por essa proximidade, tornou-se um hábito quase diário ir ao Mercado no intervalo entre as aulas da manhã e da tarde para comprar, passear e observar as coisas, as formas, as pessoas e suas relações com aquele lugar tão dinâmico e vivo.

Oriundo de uma família de crenças e cultos religiosos muito diversificados, o tema religião sempre esteve presente na minha casa. Minha mãe é umbandista e meu pai era evangélico pentecostal, eu, católico. Essa proximidade com religiões diferentes despertou em mim grande interesse por várias formas de crenças. O desejo de conhecer mais sobre ritos, lugares, mitos e teologias de outras religiões, particularmente as práticas de igrejas evangélicas e cultos afro-brasileiros sempre esteve presente e desde muito cedo, eu percebia alguma relação dessas religiões com as periferias do Rio de Janeiro, onde nasci e cresci. Nesse contexto, o Mercado de Madureira era, para mim, como uma exposição de cultura, devido à grande concentração de lojas de artigos religiosos de cultos afro-brasileiros no local.

Com essas inquietações me impulsionando, eu frequentava o Mercado de Madureira com o olhar mais atento ao redor, absorvendo e refletindo sobre a importância daquele lugar para tantas pessoas, para mim inclusive. A essa altura, já se delineavam ideias do quanto importante são as religiosidades na formação da cultura da cidade que tem como seu maior símbolo uma imagem de Jesus Cristo, o redentor. Assim, comecei a considerar o mercado mais

do que um local de compras e passeios, passei a enxergá-lo como um lugar de encontro, com grande relevância religiosa e cultural para o subúrbio carioca.

Em um movimento contínuo de aproximação e distanciamento do objeto de pesquisa, meu objetivo é analisá-lo sem pretender uma suposta isenção que almejasse o total desligamento entre minhas vivências e a pesquisa que realizei, o que é impossível, visto que até mesmo a própria escolha do objeto investigado sofre influência das experiências e das formações social, política, econômica etc. do investigador. Ratificando a tolice da presunção de total isenção do pesquisador em história, Arnaldo Momigliano afirma:

O historiador não é fundamentalmente para Mazzarino um profissional, investigador da verdade do passado, mas um vedor, "profético" intérprete do passado, condicionado pelas suas opiniões políticas, pela fé religiosa, características étnicas e, finalmente, mas não em exclusivo, pela situação social. Todas as evocações poéticas, míticas, utópicas, ou, de qualquer modo, fantásticas do passado entram na historiografia. (MOMIGLIANO, Arnaldo, 1967, ed. 1969, p. 61, apud LE GOFF, Jacques, 1924, p. 49)

De acordo com o *site* da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o título de patrimônio mundial na até então inédita categoria de “Paisagem Cultural Urbana” foi concedido pela instituição à cidade do Rio de Janeiro em 2012. Esse foi o gatilho que fez surgir o interesse em compreender melhor a relação entre os espaços físicos da cidade e a cultura carioca. Após dez anos de tentativas, o Rio recebeu o título de patrimônio mundial com a proposta de salvaguardar a relação entre o conjunto paisagístico da cidade e a cultura carioca, destacando a importância da relação das práticas culturais de sua população com os territórios da cidade.

O geógrafo Milton Santos (2016, p.10) conceitua de forma integrada o termo “território”, enfatizando que a configuração territorial de uma localidade é o resultado de uma complexa interação entre recursos naturais e criações humanas. Essa definição colabora para a condução do estudo e os métodos aqui utilizados. Conforme o autor, “o espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento”. Esta perspectiva é crucial para entender que o título recebido reconhece a cidade como palco de relações sociais, econômicas e culturais. Os recursos naturais, como montanhas, rios e lagos, não são vistos isoladamente, mas em como eles são percebidos, utilizados e transformados pelas pessoas. Da mesma forma, as construções humanas, como prédios e estradas, são reflexos da cultura, da economia e das relações de poder existentes.

A territorialidade, assim, emerge como um fenômeno que reflete as complexas interações humanas com o ambiente em diferentes contextos históricos e revela como os espaços são moldados, interpretados e experienciados pelas comunidades, considerando as mudanças e continuidades ao longo do tempo. A análise historiográfica, portanto, proporciona uma compreensão mais profunda de como as noções de territorialidade evoluíram e foram influenciadas por variáveis históricas, culturais e sociais, destacando a dinâmica interativa entre pessoas e seu ambiente em uma perspectiva temporal. Neste sentido, Joan Nogué e Joan Rufí afirmam:

São as ações e os pensamentos humanos que dão sentido a uma porção qualquer do espaço e a convertem em território. O território, per se, não existe, mas se faz. Neste sentido, é um espaço delimitado (ora por limites, ora por fronteiras) com o qual se identifica um determinado grupo humano que o possui e o codifica e aspira controlá-lo em sua totalidade. Este sentimento de desejo e de controle é, definitivamente, a expressão humana da territorialidade. (NOGUÉ; RUFÍ, 2006, p.216)

O texto de justificativa do projeto de candidatura da cidade, exalta a relação da paisagem urbana e natural do Rio de Janeiro com a história e o imaginário do país no seguinte trecho: “No Rio, a simbiose entre a cidade e a paisagem é única, ainda mais marcante do que os valores do sítio histórico em si, dos monumentos e da arquitetura”. Na página “Lista do Patrimônio Mundial” do site da UNESCO, o Rio de Janeiro é descrito como um ambiente onde espaço e cultura se entrelaçam de modo particular de onde surge um modo de viver. O texto defende o reconhecimento da cidade como patrimônio mundial na categoria “Paisagem Cultural Urbana” com o seguinte trecho:

Nessa paisagem estão incluídos o Jardim Botânico, fundado em 1808; as Montanhas do Corcovado, com a famosa estátua do Cristo Redentor; além dos morros ao redor da Baía de Guanabara, que incluem as amplas paisagens desenhadas ao longo da Praia de Copacabana – que contribuíram para a cultura de vida ao ar livre dessa espetacular cidade. A cidade do Rio de Janeiro também é reconhecida pela inspiração artística que oferece a musicistas, paisagistas e urbanistas (UNESCO, 2016).

Ao observar a rica diversidade cultural nos subúrbios do Rio de Janeiro, surgem questionamentos sobre as complexas interações entre cultura, religião, política e território no contexto urbano carioca. Estas conexões ganham ainda mais relevância ao considerar a ocupação do espaço público da cidade por eventos ligados a religiões de matriz afro-brasileira, como a umbanda, omolocô e candomblé, em resposta ao histórico processo de apagamento dessas tradições religiosas e aos recentes episódios de intolerância registrados no Rio nos últimos anos.

A definição dessas religiões expõe diferenças teológicas e litúrgicas dessas religiões afro-brasileiras em relação a outras tradicionalmente cristãs. Prandi assim conceitua a umbanda:

A umbanda, ritualmente muito próxima do candomblé dos ritos angola e caboclo [...], incorpora na doutrina virtudes teologais do catolicismo – fé, esperança e caridade –,

as grandes virtudes católicas adotadas pelo kardecismo, e procura emprestar desta religião seus modelos de organização burocrática e federativa. Seu panteão tem à frente orixás-santos dos candomblés e xangôs, mas o lugar de destaque está ocupado por entidades desencarnadas semi-eveméricas, à moda kardecista e africana. [...] A umbanda é a religião dos caboclos, boiadeiros, pretos-velhos, ciganas, exus, pombagiras, marinhoiros, crianças. (PRANDI, p.56-57, 2008).

O mesmo autor apresenta uma definição do candomblé:

O candomblé opera em um contexto ético no qual a noção judaico-cristã de pecado não faz sentido. A diferença entre o bem e o mal depende basicamente da relação entre o seguidor e seu deus pessoal, o orixá. Não há um sistema de moralidade referido ao bem-estar da coletividade humana, pautando-se o que é certo ou errado na relação entre cada indivíduo e seu orixá particular. A ênfase do candomblé está no rito e na iniciação, que, como se viu brevemente, é quase interminável, gradual e secreta. (PRANDI, p.10, 1996)

Lopes, por sua vez, define assim o omolocô:

[...] o omolocô fora um antigo culto provavelmente banto, de origem e práticas obscuras, cuja expansão se verificou no Rio de Janeiro, em especial, na primeira metade do século XX. Desenvolvido principalmente por intermédio da liderança de Tancredo da Silva Pinto, sua difusão foi fruto de uma reação ‘reafricanizante’ à chamada ‘umbanda branca’, expandida a partir do Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro em 1941. Reivindicando uma remota origem angolana, no âmbito da cultura dita ‘lunda-quioco’, o omolocô, já pouco conhecido à época deste texto, parece ter sido apenas uma linha ritual da umbanda, que procurou reviver em parte a antiga cabula. (LOPES, p.497, 2011)

As interações entre as práticas rituais e festivas, especialmente as públicas, dessas três religiões e de suas vertentes, os territórios, a cultura e a política da cidade suscitam o interesse pela compreensão das formas como essas práticas são construídas, atualizadas e preservadas ao longo do tempo na cidade do Rio de Janeiro.

A análise dos conflitos político-religiosos entre a gestão de Marcelo Crivella e a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira é conduzida neste trabalho a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com organizadores, religiosos, participantes da festa e agentes da Prefeitura do Rio de Janeiro. A utilização destas entrevistas como fonte buscar registrar as perspectivas e memórias pessoais, considerando que todas as entrevistas foram realizadas no período entre dezembro de 2022 e janeiro de 2024, permitindo a obtenção de detalhes informativos enriquecidos pela vivência e pelo relato dos entrevistados. Através destas narrativas, emergem detalhes sobre os desafios enfrentados na organização da festa, a importância espiritual e cultural atribuída a ela pelos participantes, e as visões internas das políticas públicas, proporcionando uma compreensão mais profunda dos eventos.

Segundo Peter Burke (2005), o crescente fascínio pela narrativa no campo da história está relacionado, em parte, ao estudo das práticas narrativas específicas de determinada cultura, isto é, as histórias que indivíduos dessa cultura frequentemente narram sobre si mesmos. Essas "narrativas culturais", conforme são denominadas, fornecem indícios significativos acerca do

contexto em que foram criadas. Para o autor, a história cultural deve priorizar a análise das estruturas que contextualizam os eventos, valorizar as experiências cotidianas de pessoas comuns e valer-se de fontes que vão além dos registros oficiais. Por essa perspectiva de investigação, as entrevistas realizadas com pessoas envolvidas na festa de Iemanjá do Mercado de Madureira são priorizadas nesta pesquisa. A intenção é compreender o valor individual atribuído à festa e examinar os efeitos das políticas adotadas pela administração de Crivella sobre a celebração durante o período analisado. Paul Thompson, por sua vez, relaciona memória e história e aborda como essa relação impacta os resultados obtidos através da história oral:

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes. (THOMPSON, 1997, p. 57)

Ao empregar a oralidade como fonte, as subjetividades, distorções, omissões, e a percepção individual dos entrevistados são reavaliadas como elementos enriquecedores da interpretação histórica (SANTHIAGO, 2008). A subjetividade, antes vista como um empecilho à objetividade, agora é considerada fundamental para um entendimento mais profundo dos eventos históricos, valorizando as experiências pessoais e transformando-as em uma contribuição significativa ao conhecimento histórico. A validade da subjetividade como fonte histórica depende de sua cuidadosa transcrição do oral para o escrito, aproveitando a natureza fluida e dinâmica das narrativas orais. Como Thompson (2002) argumenta, a abordagem da história oral traz para o primeiro plano vozes ainda não ouvidas, apontando para a construção de uma história que não prioriza apenas grandes eventos e figuras notáveis, mas leva em conta para suas análises as experiências pessoais de figuras que participam das mais variadas formas de um evento. Ela ressalta a importância das experiências cotidianas na construção do entendimento histórico.

O emprego de entrevistas semiestruturadas na pesquisa torna-se uma ferramenta essencial para captar a complexidade das interações entre os diferentes grupos. As conversas com os organizadores revelam os desafios logísticos e políticos na realização da festa, enquanto as vozes dos religiosos e participantes de fora do Rio iluminam aspectos da importância espiritual e cultural do evento. De forma complementar, as perspectivas dos trabalhadores da prefeitura desvendam o funcionamento interno das políticas municipais, suas formulações e

percepções no seio do governo. Esta abordagem permite uma análise mais holística dos eventos, contemplando tanto as experiências pessoais quanto as políticas e práticas institucionais.

É imprescindível reconhecer que a entrevista como fonte de pesquisa permite alcançar uma compreensão parcial, porém significativa, de uma realidade complexa e heterogênea. Esta realidade é caracterizada por sua natureza diversa, abarcando uma multiplicidade de perspectivas e experiências individuais e coletivas. Ao se referir a uma compreensão parcial, destaca-se a noção de que o conhecimento produzido é sempre situado e limitado pelas condições e pelo contexto em que a pesquisa é conduzida (FRASER, 2004) e esse contexto é influenciado por variáveis temporais, sociais e históricas, as quais moldam tanto a maneira como os sujeitos percebem e interpretam suas realidades quanto às próprias circunstâncias que estão sendo investigadas. Assim, a entrevista captura fragmentos da realidade, fornecendo esclarecimentos sobre sua influência e interpretação dentro de um contexto mais amplo, revelando as complexas interações entre indivíduo, sociedade e história.

A integração dessas entrevistas com o arcabouço teórico da história social permite a construção de uma narrativa historiográfica mais completa e matizada. Esta abordagem integrada é fundamental para a compreensão abrangente dos conflitos, pois considera tanto as estruturas sociais e políticas quanto as experiências individuais e coletivas. Assim, ao explorar a complexidade destes conflitos através de uma lente multidimensional, é possível capturar a riqueza e a profundidade das experiências vividas, contribuindo significativamente para o entendimento dos intrincados relacionamentos entre religião, cultura, política e sociedade no Rio de Janeiro contemporâneo.

Conforme explicam José Meihy e Fabíola Holanda (2017), a entrevista semiestruturada oferece um roteiro básico de perguntas, mas permite ao entrevistador e ao entrevistado a liberdade de explorar temas emergentes ao longo da conversa. Essa flexibilidade é crucial para aprofundar no entendimento das experiências e percepções dos entrevistados, oferecendo uma visão mais rica e contextualizada do período histórico em questão. A subjetividade e a perspectiva pessoal são aspectos centrais das entrevistas semiestruturadas na história oral. Diferentemente das fontes documentais (ALBERTI, 2004), que muitas vezes se apresentam de maneira mais impessoal, as entrevistas capturam as perspectivas individuais dos sujeitos, proporcionando uma dimensão mais humana e diversificada à história.

Jan Vansina (1982) defende que a preparação do pesquisador em história oral deve incluir um conhecimento sólido do tema de pesquisa e o desenvolvimento de habilidades de comunicação e condução de entrevistas. Além disso, o consentimento informado dos

participantes é essencial, sendo necessário esclarecer os objetivos da pesquisa e o uso das informações coletadas (MEIHY e HOLANDA, 2017). A análise e interpretação das entrevistas semiestruturadas demandam um olhar atento e cuidadoso sobre o conteúdo, considerando não apenas o que é dito, mas também como é dito. Isso inclui aspectos como pausas, ênfases e emoções, elementos estes que Alessandro Portelli (1997) considera cruciais na compreensão da narrativa.

Contudo, a subjetividade e a memória seletiva dos entrevistados podem levar a possíveis distorções nas narrativas. A representatividade e a possibilidade de generalização são questões constantes, já que as narrativas individuais não necessariamente refletem a experiência coletiva ou uma “verdade histórica” de forma ampla. Portanto, é importante reconhecer suas limitações e fragilidades, inerentes à natureza da memória, volátil ao esquecimento, às romantizações (JOUTARD, 2000). Apesar disso, a perspectiva da história oral proporciona dados valiosos implícitos em um conjunto de situações que seriam imperceptíveis em outras abordagens, de modo que essas limitações podem representar, na verdade, uma vantagem, quando contextualizadas.

A partir dessas considerações, optou-se por uma perspectiva que prioriza a percepção de indivíduos situados em posições-chave na organização e execução da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira. Entre os selecionados estão o coordenador do evento, Hélio Sillman, e a então Secretária de Cultura do Rio de Janeiro, durante a administração de Marcelo Crivella, Nilcemar Nogueira. A pesquisa incluiu também a contribuição da ialorixá Mãe Miriam de Oyá, responsável pelos aspectos litúrgicos da celebração, e da ialorixá Mãe Patrícia de Ayrá, membro da equipe de religiosos que dá suporte à Mãe Miriam. Foram ouvidos também o supervisor do Batalhão de Motociclistas da Guarda Municipal do Rio de Janeiro, Aires, responsável pela operação de controle de tráfego no dia da realização da 20ª edição da Festa de Iemanjá, em 29 de dezembro de 2022, que se identificou no momento da entrevista apenas por seu “nome de escala”, termo utilizado pelo próprio agente e a participante dessa mesma edição do evento, a turista de Salvador, Graça Freitas.

Além das entrevistas, fontes bibliográficas, documentais e iconográficas formam a base teórica da pesquisa, com ênfase na história cultural e religiosa no Rio de Janeiro. Documentos oficiais e registros municipais são utilizados para investigar as políticas públicas e decisões administrativas que impactaram a festa. Notícias sobre o evento e as tensões ocorridas em torno dele, assim como conteúdos produzidos e publicados nos perfis do Mercadão de Madureira e da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira na rede social Facebook são também fontes

úteis deste estudo. Essas informações serão então complementadas e avaliadas em conjunto com os dados obtidos nas entrevistas que darão os contornos da construção desse trabalho.

Esta pesquisa explora a disputa simbólica pelo espaço público da cidade durante a gestão Crivella, destacando como eventos culturais e religiosos se tornam campos de negociação política. A festa é vista não apenas como uma celebração religiosa, mas também como um fenômeno histórico e político, refletindo tensões e processos de negociação no subúrbio do Rio entre 2017 e 2020. O contexto geral da realização das festas e os desafios enfrentados por seus organizadores e participantes durante a gestão Crivella orientam este estudo, considerando a natureza pública desse evento ligado às religiosidades afro-brasileiras em uma cidade então administrada por um prefeito com fortes conexões com a Igreja da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), instituição fundada e liderada por seu tio, o também bispo Edir Macedo. A IURD foi denunciada por intolerância religiosa ao Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2009, como publicou o jornal Folha de São Paulo do mesmo ano.

As muitas celebrações culturais e religiosas realizadas em áreas públicas da cidade do Rio revelam a conexão entre o espaço e os seus. O reordenamento das ruínas das praias e seu aterramento, juntamente com as mudanças no uso do espaço urbano em áreas menos privilegiadas, são temas pouco explorados em relação às memórias dos cultos à Iemanjá em áreas públicas da cidade do Rio. Esses processos são cruciais para a reconstrução da memória urbana, que pode ser lembrada ou esquecida pelas pessoas participantes e pelo poder público. Ao longo do tempo, várias praias cariocas foram aterradas, como a antiga praia de Santa Luzia, as praias da região da Glória e toda orla modificada para a construção do Aterro do Flamengo na década de 1950, locais onde as oferendas à Iemanjá tradicionalmente eram colocadas por adeptos de religiões de matriz africana na cidade, restando de maneira mais intensa na cultura da cidade as celebrações para Iemanjá na praia de Copacabana (BAHIA, 2018). A Festa de Iemanjá do Mercadão surge já com essa relação estabelecida entre o culto à Iemanjá e Copacabana, por isso o evento foi pensado desde o início para ocupar a rua com sua procissão e carreata de cerca de trinta quilômetros e que dura quase duas horas entre os bairros de Madureira e Copacabana, utilizando e interagindo com toda essa extensão da cidade. D'Abadia conclui:

A cultura, como expressão de significados das práticas sociais inseridas num lugar, possibilita os estudos dos diversos tipos de festas e suas múltiplas implicações, sobretudo no que concerne ao desvendamento da Geografia Cultural, ampliando fronteiras de conhecimento de locus específico (D'ABADIA, 2006, p.9).

No Brasil, os conflitos político-religiosos são frequentemente moldados pelo legado colonial, pelas dinâmicas sociais e raciais do país, e pela interação entre religião e política na atualidade. Religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, historicamente se constituíram como práticas de culto mais reservadas e por vezes até afastadas do espaço urbano, alternativa encontrada para manter as características de suas liturgias e para contornar a discriminação sofrida em suas manifestações públicas. Paula Montero (2012, p.175) afirma que “os cultos de tradição afro-brasileira [...] tendem, de um modo geral, a ocupar a esfera pública em uma posição mais marginal”, enquanto Reginaldo Prandi (1992, p.89) aponta que “os pentecostais, mais modernos que os afro-brasileiros, lançam mão da mídia eletrônica e da política partidária” em suas expressões públicas de experiências de sua religiosidade.

A atuação de Marcelo Crivella como prefeito do Rio de Janeiro compõe um cenário político e social mais amplo que se delinea mais evidentemente no Brasil desde a década de 1990, com o crescimento da população que se identifica com as denominações evangélicas. De acordo com a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM/Cepid) da Universidade de São Paulo (USP), de 17.033 templos evangélicos, em 1990, o Brasil passou a contar com 109.560, em 2019, um aumento de 543%. Uma pequena amostra desse fenômeno é vista no próprio bairro de Madureira que abriga atualmente, entre tantas outras: Igreja de Nova Vida de Madureira, Igreja Família de Deus, Primeira Igreja Batista de Madureira, Ministério Betesda, Igreja Pentecostal Cristo é a Vida, Ministério Bezalel, Assembleia de Deus Ministério Mão no Arado, Igreja Batista de Madureira, Igreja Cristã Contemporânea, Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Terra Prometida, Ministério Missão e Vida, a sede da Assembleia de Deus Ministério Madureira e três unidades da Igreja Universal do Reio de Deus.

Na mesma tendência, observou-se a crescente participação de seus representantes na política do país, como apontou o jornal Correio Braziliense, em matéria publicada em 22 de maio de 2022, que divulgou que naquele ano a Frente Parlamentar Evangélica era composta por filiados de 80% dos partidos representados na Câmara dos Deputados, com 181 deputados e 8 senadores¹. As conexões entre religião e política têm ganhado a atenção de pesquisadores no Brasil e no mundo nos últimos anos com o aspecto crescente da religião na esfera pública, tornando-se constantemente elemento presente nos debates políticos.

No contexto brasileiro, os evangélicos, notadamente os ligados às organizações neopentecostais, mantêm uma relação estreita com as esferas pública e política, expressada

¹ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/05/5009738-bancada-evangelica-ja-alcanca-80-dos-partidos.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

particularmente em sua participação nas casas legislativas, municipais, estaduais e nas federais, a chamada “bancada evangélica” simboliza bem esse processo. Concomitantemente, a atuação desses políticos com os meios de comunicação é uma característica comum a muitos de seus representantes. O próprio Crivella é um exemplo desse fenômeno.

Ao longo de sua gestão como prefeito do Rio, Crivella foi criticado por supostamente favorecer seu agrupamento religioso em detrimento de outras tradições, especialmente as afro-brasileiras. Durante seu mandato, várias tensões surgiram relacionadas a execução de eventos culturais e religiosos ligados às tradições afro-brasileiras na região de Madureira, como o fechamento da Casa de Jongo da Serrinha, a interrupção da realização da Feira das Yabás, noticiada, ambos noticiados pela Agência Brasil em 2018 e o objeto dessa pesquisa, a Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira, que foi impactada com as políticas públicas e decisões administrativas da Prefeitura nesse período.

Verifica-se que os conflitos político-religiosos no Rio de Janeiro e no Brasil não existem de forma isolada nem são fatos de simples avaliação quando desconectados de fatores múltiplos, mas estão inseridos em um conjunto complexo que envolve a negociação, coexistência, luta por espaço e reconhecimento de direitos dentro de uma sociedade heterogênea. Analisar tais conflitos proporciona mais compreensões a respeito de como determinados grupos e suas crenças são simultaneamente acolhidos, desafiados e incorporados na estrutura política e social do país, tomando como objeto recortado o subúrbio do Rio de Janeiro e a Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira.

As manifestações públicas da cultura afro-brasileira parecem ainda causar estranhamento porque durante muito tempo no Brasil tais manifestações foram proibidas e isoladas do convívio urbano. No caso da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira, a disputa entre organizadores do evento e a administração de Crivella constitui-se uma competição pela ocupação do espaço público da cidade. Há, portanto, um embate entre a construção e o banimento de territorialidades, locais de vivências e símbolos.

Guimarães e Davies desafiam visões estereotipadas dos subúrbios, argumentando que as relações sociais coletivas nestas áreas não só caracterizam, mas também ampliam a diversidade cultural e social. Contrariando a percepção de marginalidade ou homogeneidade, os autores apresentam os subúrbios como espaços ricos em conexões culturais e sociais. Eles destacam a importância das redes de apoio mútuo, compartilhamento de recursos e experiências coletivas como fundamentais para a vida suburbana. Essa análise revela a contribuição ativa da coletividade à diversidade cultural e social dos subúrbios, evidenciada em práticas artísticas e

na expressão de identidades e reivindicações sociais. Os autores propõem uma reavaliação dos subúrbios, reconhecendo-os como locais de significativa atividade social e cultural e enfatizando sua complexidade e relevância urbana.

[...]O subúrbio figura como berço do futebol, tradição do samba, do catolicismo popular e dos carnavais de rua, local em que se encontraria uma sociabilidade menos corrompida pelos modos de vida impessoais e que daria suporte à memória afetiva e aos laços sociais da população pobre da cidade. (GUIMARÃES; DAVIES, 2018, p.458)

O termo “cultura popular” é definido por Antonio Gramsci (1950) como cultura das classes subalternas, alertando para a não homogeneidade cultural do tecido social. O autor afirma (1950, p.220) que “o povo não é uma unidade culturalmente homogênea, mas está culturalmente estratificado de maneira complexa”. Empregando um conceito criado por Mikhail Bakhtin, Carlo Ginzburg (2006) utiliza em sua célebre obra, “O queijo e os Vermes”, o termo “circularidade cultural” para retratar a relação constante de conflitos e confluências entre as culturas popular e da elite. Num paralelo, essa concepção de circularidade cultural pode ser aplicada à realidade do Rio de Janeiro que é palco, historicamente, de uma imensa mistura de gentes e suas culturas, obviamente forçada pelas elites dominantes que impuseram ao Brasil sistemas sociais e econômicos que por séculos forçaram essa convivência, o que acabou por moldar a cidade do Rio de Janeiro como lugar da reunião de culturas diversas, antagônicas e complementares.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, cada um abordando aspectos específicos relacionados à Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira e aos contextos político, religioso e social que a cercam. No primeiro capítulo, intitulado "O grande mercado da 'capital do subúrbio' – *locus* da pesquisa", são explorados o papel central do bairro e do mercado na realização da festa. Inicia-se discutindo a importância de Madureira como um símbolo do subúrbio carioca, destacando sua história, geografia e papel como um centro cultural e econômico na cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, é analisado o Mercadão de Madureira, autointitulado o maior mercado popular do Brasil, examinando sua estrutura, sua relevância econômica e social, e seu papel como epicentro de compras votivas para as tradições religiosas afro-brasileiras.

No segundo capítulo, intitulado "Um panorama político e religioso", investiga-se o contexto político e religioso que envolve a realização da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira. Começa-se explorando os motivos pelos quais Iemanjá foi escolhida como figura central dessa celebração, examinando suas origens e sua importância nas religiões afro-brasileiras. Em seguida, é investigado o papel de Iemanjá como ícone cultural e religioso, a abrangência de seu culto no Rio de Janeiro e as tensões políticas em torno da festa, durante a

gestão de Marcelo Crivella, ligado à Igreja Universal, instituição envolvida em casos de intolerância religiosa.

No terceiro capítulo, intitulado "A.C. & D.C. - antes e depois de Crivella", é analisado o impacto da gestão de Crivella na Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. É investigada a história da festa desde suas origens até os recentes acontecimentos, incluindo o crescimento e o apogeu, bem como os desafios enfrentados nas festas de 2017, 2018 e 2019. Explora-se também a mudança de cenário com a gestão de Eduardo Paes e sua abordagem em relação à festa. Finalmente, são apresentadas as considerações finais, onde são sintetizados os principais resultados da pesquisa. Imagens de edições da festa, notícias de jornais e posts de redes sociais são recursos de suporte utilizados para facilitar a visualização da narrativa ao longo do trabalho.

Este estudo consiste em uma pesquisa interdisciplinar que parte da história e dialoga com conceitos da antropologia, sociologia e geografia, com o objetivo de analisar os conflitos político-religiosos entre a gestão de Marcelo Crivella na Prefeitura do Rio de Janeiro e o organizadores e participantes da Festa de Iemanjá no Mercado de Madureira, destacando a interação entre a cultura carioca e os espaços urbanos. Considerando essa festividade religiosa também como um ato político e social, este trabalho correlaciona as ações do Poder Municipal durante a administração de Crivella e práticas culturais e religiosas afro-brasileiras no subúrbio do Rio de Janeiro.

O foco central reside na análise detalhada das festas ocorridas entre 2017 e 2019, bem como sua comparação com a edição de 2022, a fim de compreender as mudanças nas relações entre organizadores, participantes e a administração municipal, especialmente após a sucessão de Crivella em 2021. Assim, pretende-se contribuir para os estudos historiográficos sobre religião, cultura e política no Rio de Janeiro, a partir de conflitos recentes, bem como investigar formas pelas quais comunidades ligadas à festa se afirmam, negociam e salvaguardam seu espaço e suas tradições em uma cidade em constante transformação, especialmente durante o período de tensão representado pela gestão Crivella.

1. O GRANDE MERCADO DA “CAPITAL DO SUBÚRBIO” – *LOCUS* DA PESQUISA

Madureira, popularmente apelidada de "capital do subúrbio", emerge como um ponto central na geografia e na vida cotidiana da cidade do Rio de Janeiro. Situada na zona norte da capital fluminense, essa região é um verdadeiro ponto de convergência entre os bairros das zonas norte e oeste, bem como a Baixada Fluminense. Essa localização estratégica é favorecida por uma extensa rede de vias rodoviárias, ferroviárias e o sistema de BRT, conectando Madureira a todas as regiões da cidade e aos municípios vizinhos.

A história de Madureira é marcada por uma evolução significativa, dividida em duas fases distintas. Antes da chegada da ferrovia, o desenvolvimento do bairro era gradual, moldado principalmente por dinâmicas locais e interações com o entorno natural e econômico. A urbanização emergente transformou a paisagem rural em uma área urbana em crescimento, refletindo as mudanças sociais e econômicas da época.

O Mercado de Madureira, epicentro econômico e social do bairro, desempenha um papel crucial na vida da comunidade. Com centenas de lojas e um fluxo diário de cerca de milhares de pessoas, o mercado é considerado o maior mercado popular do Brasil. Além de ser um centro de comércio, o mercado também serve como ponto de encontro para interações diversificadas, fortalecendo os laços comunitários e preservando as tradições locais.

Madureira, historicamente ocupada por pessoas negras, é hoje um núcleo produtor da cultura afro-brasileira no Rio de Janeiro. O bairro carrega um legado cultural profundo, resultante do êxodo rural pós-abolição e das reformas urbanas do início do século XX. A preservação dessa identidade afro-brasileira é fundamental para a manutenção da diversidade cultural e o fortalecimento dos laços sociais na região. No Mercado de Madureira, a presença de lojas de artigos religiosos de tradições afro-brasileiras é notável, refletindo a importância do espaço como um centro de práticas rituais e religiosas. As compras votivas realizadas no mercado são fundamentais para os adeptos de religiões afro-brasileiras, oferecendo uma ampla variedade de produtos relacionados às práticas religiosas, como imagens de orixás, ervas, instrumentos musicais e vestimentas ritualísticas. Em suma, Madureira e o Mercado representam não apenas um centro econômico, mas também um *locus* cultural e religioso importante na cidade do Rio de Janeiro. A interdependência entre cidade e campo, passado e presente, é evidente nessa região, onde as tradições afro-brasileiras são preservadas e celebradas como parte integrante da identidade local.

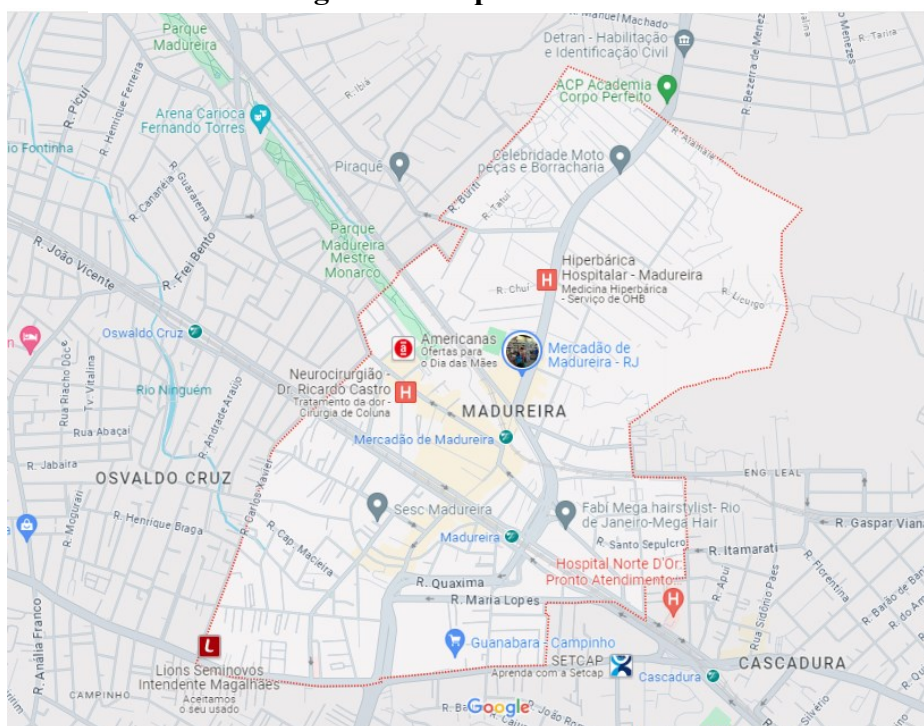
1.1. Madureira, capital do subúrbio

O bairro de Madureira, endereço inicial do objeto desta pesquisa, localiza-se na zona norte da capital fluminense e é a sede da XV Região Administrativa da Prefeitura do Rio de Janeiro, que abrange os bairros Bento Ribeiro, Campinho, Cascadura, Cavalcanti, Engenheiro Leal, Honório Gurgel, Madureira, Marechal Hermes, Oswaldo Cruz, Quintino Bocaiúva, Rocha Miranda, Turiaçu e Vaz Lobo. A região possui uma das maiores densidades demográficas da cidade. Geograficamente, Madureira está situada em uma área de convergência entre bairros das zonas norte e oeste da capital e da Baixada Fluminense – conjunto de cidades da região metropolitana do Rio localizados na planície entre os limites da capital e a Serra dos Órgãos. Por conta dessa localização, uma extensa rede de vias rodoviárias, dois ramais ferroviários (Gramacho e Santa Cruz) e os corredores do BRT (*Bus Rapid Transit*) – sistema de transporte que utiliza ônibus articulados que trafegam em corredores exclusivos nas vias urbanas com paradas em estações determinadas – atravessam Madureira conectando o bairro a todas as demais regiões da cidade e aos municípios da Baixada. Esse emaranhado de vias e modais de transporte favoreceu o desenvolvimento do bairro e promove ainda hoje um grande fluxo de pessoas na região.

A intrincada rede de vias de transporte e sistemas de locomoção integrados em Madureira tem sido um elemento determinante em sua trajetória histórica e desenvolvimento urbano. Esta malha de transportes representa um avanço técnico e um fator ativamente significativo na configuração do panorama socioeconômico do bairro. A facilitação do acesso e da mobilidade, impulsionada por essa conectividade, tem sido um catalisador essencial para o vigor econômico e a vitalidade social que caracterizam Madureira. Como consequência imediata dessa interconexão, observa-se a formação de um fluxo contínuo e intenso de pessoas, que percorrem e interagem com o espaço urbano diariamente. Esta dinâmica de movimento e encontro converte Madureira em um ponto central de interações sociais e atividades comerciais, destacando sua posição como um dos núcleos urbanos mais pulsantes e acessíveis do Rio de Janeiro.

Esta análise, fundamentada em uma perspectiva historiográfica que enfatiza a intersecção entre espaço urbano e dinâmicas sociais, revela como Madureira, por meio de sua configuração espacial, se tornou um microcosmo da vida urbana carioca. A investigação desse fenômeno urbano proporciona, portanto, percepções valiosas sobre as maneiras pelas quais os espaços urbanos são construídos, vivenciados e transformados, refletindo e simultaneamente moldando as realidades sociais e econômicas da cidade.

Figura 1 - Mapa de Madureira



Fonte: Google Maps².

Além de uma população residente aproximada em 50.000 pessoas, segundo dados do IBGE³, com base no censo de 2010, das quais muitas vivendo em uma das sete favelas do bairro (Serrinha, Cajueiro, Congonhas, Faz-quem-quer, Comendador Pinto, São José e Sapé), Madureira atrai centenas de milhares de visitantes, consumidores e trabalhadores diariamente por conta das atividades econômicas, culturais e sociais desenvolvidas ali. Por essa razão, o bairro é conhecido como “capital do subúrbio”. Nele estão abrigados o maior mercado popular do país, o segundo maior complexo comercial do Rio de Janeiro, espaços de cultura, tradicionais escolas de samba, bares, times de futebol e áreas de lazer, como o Parque Madureira, segundo informação da Prefeitura do Rio, o terceiro maior parque público da cidade, um marco na revitalização do subúrbio e símbolo da transformação daquela região da cidade.

Já nas primeiras décadas do século XX, Madureira destaca-se pelo seu crescimento e dinamismo econômico. A criação do Mercado de Madureira (um entreposto de hortifrutigranjeiros) em 1914 é apontada como iniciativa pioneira em torno da qual outras lojas e serviços se desenvolveram. Aos poucos, é consolidada sua imagem como “capital dos subúrbios”. Não apenas o comércio é utilizado como um índice de desenvolvimento, mas também a construção de casas e edifícios “imponentes” é apontada como importante iniciativa para o progresso da região suburbana. (FRAGA; SANTOS, p.14, 2015)

² Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Madureira,+Rio+de+Janeiro+-+RJ/@-22.8702984,-43.3400991,14.75z/data=!4m6!3m5!1s0x99632828cfcc1f0x8ea83a8e6deb0e48!8m2!3d-22.8724517!4d-43.3363996!16s%2Fm%2F05p79v_?hl=pt-BR&entry=ttu. Acesso em 22 de dezembro de 2023.

³ Disponível em: <https://www.data.rio/documents/popula%C3%A7%C3%A3o-residente-e-domic%C3%ADlios-segundo-bairros-do-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro-2010/about>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

A evolução da centralidade social e econômica do bairro de Madureira, na capital fluminense, pode ser analisada em duas fases distintas, demarcadas pela chegada da ferrovia e pela inauguração da estação ferroviária local. Na primeira fase, antecedente à chegada do transporte ferroviário, o desenvolvimento de Madureira foi caracterizado por um ritmo gradual e contínuo, moldado principalmente por dinâmicas locais e a interação da comunidade com o entorno natural e econômico.

Esta trajetória evolutiva do bairro sofreu uma transformação significativa com a inauguração da estação ferroviária em 15 de junho de 1890. Este evento marcou o início da segunda fase, na qual o crescimento de Madureira foi notavelmente acelerado. A presença da ferrovia facilitou a mobilidade, o acesso a recursos, a entrada de novos habitantes e o estabelecimento de comércios e serviços. Essa nova infraestrutura transformou fundamentalmente o perfil do bairro, catalisando seu desenvolvimento e elevando sua importância tanto no contexto social quanto econômico da cidade do Rio de Janeiro. Assim, a ferrovia não apenas conectou Madureira a outras regiões, mas também foi um elemento crucial na reconfiguração de sua dinâmica urbana e no fortalecimento de sua posição como um núcleo vital na metrópole carioca.

Madureira, a humilde estação da central, inaugurada em 1890, alcançou em trinta e dois anos um avanço formidável. Desde 1918 que se transformou o aprazível subúrbio (...) conta com animadíssimos cafês, confeitarias, lojas de moda, armarinhos, mercado, ostentando algum luxo em quatro ou cinco lojas principais (Apud FRAGA; SANTOS, 2015. ABREU, 1988:81).

Durante as primeiras décadas do século XVII, ainda sob o domínio do sistema colonial, a cidade do Rio de Janeiro estava dividida em freguesias, unidades administrativas utilizadas pelas autoridades portuguesas para divisão de seus territórios (SANTOS, 1965), e a região do bairro de Madureira, que pertencia à Freguesia do Irajá, começou a ser ocupada. Grandes fazendas foram criadas ali, abastecendo a cidade do Rio de Janeiro com produtos agrícolas, e para isso, recorrendo intensivamente ao uso de mão de obra escravizada. Naquela época, a área urbana da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro estava confinada às regiões centrais e a algumas partes mais próximas do centro na zona sul. Assim, a vasta área ao norte da cidade, onde hoje se situa Madureira, era conhecida como “sertão carioca”, uma nomenclatura que refletia a escassa densidade populacional e a predominância de propriedades rurais (GANDRA, 1995).

Durante os séculos XIX e XX, houve uma transição dos grandes latifúndios para fazendas de menor extensão na região. Nesse contexto, surge a Fazenda do Campinho no século XIX, de propriedade de Francisco Ignácio do Canto. Parte dessa fazenda foi arrendada para fins

agrícolas por Lourenço Madureira. Após a morte de Canto, uma disputa judicial entre seus herdeiros e Madureira resultou na posse das terras por parte deste último, que posteriormente receberam o nome de Campinho em sua homenagem. O atual bairro do Campinho, localizado nas adjacências de Madureira, surgiu a partir das terras da antiga Fazenda do Campinho (SILVA, 2020). Com o falecimento de Madureira, a fazenda foi subdividida, permitindo que diversos pequenos produtores rurais se estabelecessem. Esses novos ocupantes transformaram o terreno em chácaras e sítios de menor escala (GANDRA, 1995), o que resultou em um aumento significativo na densidade populacional da região e na diversificação da produção agropecuária.

Essa expansão rural se mostrou um elemento crucial para o florescimento comercial do bairro. No ano de 1890, a cerimônia de inauguração da estação ferroviária de Madureira constituiu um momento histórico de grande relevância para o desenvolvimento da região (SILVA, 2020). A chegada da estação ferroviária ao bairro não só consolidou o nome do bairro, mas também promoveu um aumento expressivo no fluxo de pessoas e no transporte de mercadorias, estabelecendo assim as bases fundamentais para a estrutura e dinâmica atuais de Madureira.

De acordo com os estudos de Gandra (1995), foi nas primeiras décadas do século XX que Madureira experimentou rápidas e significativas transformações, as quais impulsionaram o processo de urbanização do bairro, até então predominantemente rural, uma característica comum a toda a região circundante. Este encontro abrupto entre a modernidade, simbolizada pela urbanização, e a tradição, representada pelo ambiente rural, deu origem a uma cultura popular rica e diversificada, que combina e reinterpreta elementos de ambos os mundos. Esta síntese cultural reflete novas formas de sociabilidade, emergindo como um espaço dinâmico de transição entre o antigo e o novo, do campo para a cidade, moldando a identidade única do bairro.

Madureira se tornou bairro em 1909 e a partir da década de 20 o processo de ocupação do bairro, com sua consequente urbanização, se acelerou. Isso levou a uma alteração nas atividades econômicas desenvolvidas: da produção rural, passou à produção industrial e ao comércio. Durante esse processo de transformação do bairro se desenvolveu a vida cultural, sobretudo as festas populares: carnaval, pastorinhas, festas religiosas e jongo (Gandra, 1995, p. 53).

Em um período relativamente breve, a paisagem da região de Madureira, anteriormente marcada por características predominantemente rurais, sofreu uma transformação significativa rumo à urbanização. Esta mudança é evidenciada ao compararmos duas fotografias do início do século XX, ainda que as datas exatas de ambas não estejam claramente estabelecidas. A primeira imagem retrata um cenário rural, com vastas áreas de vegetação e estruturas agrícolas

típicas, refletindo um modo de vida mais ligado à terra e às práticas agrárias. Em contraste, a segunda fotografia revela os primeiros sinais da urbanização emergente: construções mais densas, vias de acesso mais definidas e uma redução dos espaços verdes abertos.

Figura 2 - Evolução dos transportes em Madureira nos séculos XIX, XX e XXI



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional; Portal da Prefeitura do Rio⁴

A transição observada em Madureira, de um cenário preponderantemente rural para uma configuração urbana, constitui um índice representativo das alterações sociais e econômicas experimentadas no Rio de Janeiro ao longo dos primeiros anos do século XX. Este processo de mudança é paradigmático do fenômeno de expansão urbana, acoplado a um declínio concomitante das práticas agrícolas, ocorrido não apenas em Madureira, mas evidenciado em todo o subúrbio da cidade. Estas tendências sublinham a constituição de um ambiente onde práticas rurais e urbanas coexistiram por um período e subsidiando contornos novos nas vivências sociais, religiosas e culturais naquela localidade, misturando elementos tradicionais dos meios rurais com as dinâmicas apresentadas pela modernidade representada pela urbanização.

A análise dessas fotografias proporciona uma perspectiva de compreensão das transformações no ambiente urbano e social de Madureira. Elas funcionam como registros visuais importantes da rápida transição da região, captando o momento em que a antiga paisagem rural começou a dar espaço para o avanço da urbanização. Esse processo é um marco na história do desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, documentando as mudanças significativas na estrutura da cidade e na vida de seus habitantes. As imagens, portanto, são

⁴ Fotografia à esquerda: Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1485735/icon1485735.jpg. Acesso em 8 de outubro de 2023; Fotografia do centro: Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1512912/icon1512912.jpg. Acesso em 8 de outubro de 2023; Fotografia à direita: Portal da Prefeitura do Rio. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnbpcajpcglclefindmkaj/https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/126674/4122829/Aprese-ntacaoTranscarioca.pdf>. Acesso em 08 de maio de 2024.

elementos essenciais que ajudam a compreender a história de urbanização e crescimento de Madureira e do subúrbio da cidade.

1.2. O Mercado de Madureira

A infraestrutura urbana de transportes favoreceu o desenvolvimento socioeconômico do bairro e continua sendo um elemento propulsor para o dinamismo das atividades econômicas locais. A integração de múltiplos modais de transporte facilitou o fluxo contínuo de pessoas e de mercadorias de diversas origens até o Mercado. Esta acessibilidade ampliada contribuiu significativamente para o estabelecimento do mercado como um agente econômico predominante no subúrbio. O fluxo constante de pessoas promove as atividades de comércio do mercado e fomenta toda a economia local, gerando uma série de outras atividades comerciais em seu entorno. Estacionamentos, vendedores ambulantes e lojas de diversos itens que estrategicamente disputam espaços próximos, principalmente na Avenida Ministro Edgard Romero e na Rua Conselheiro Galvão, nas quais localizam-se as entradas para o Mercado e consequentemente o contingente de consumidores é enorme. A movimentação nos arredores do Mercado catalisa o potencial de comércio de bens e serviços naquela região.

Economicamente, o Mercado de Madureira tem grandiosa importância para a região do subúrbio. Considerado o maior mercado popular do Brasil, contando mais de 580 lojas, milhares de trabalhadores e um fluxo diário de consumidores de cerca de 80 mil pessoas, o centro comercial representa um protagonista da economia suburbana, gerando negócios, empregos e renda. A ampla gama de produtos comercializados ali atrai uma multidão que enche os corredores das dezesseis galerias do mercado diariamente.

O Mercado funciona também como um epicentro social para Madureira e todo o subúrbio carioca. Em pesquisa sobre a presença e as sociabilidades desenvolvidas por comerciantes portugueses do Mercado de Madureira, Santos (2008) afirma que “o ‘Mercado’ tende a assumir outras funções [...] que estão associadas às amizades e à família”. Importante é registrar também o papel do mercado na interação entre o meio rural e o urbano, característica comum das feiras livres (origem do atual mercado) que não se perdeu completamente, mesmo após sua modernização e transformação.

O Mercado de Madureira assume um papel crucial na trama social e cultural da cidade, destaca-se por ser um ponto de encontro para interações diversificadas, onde os frequentadores não somente realizam transações comerciais, mas também se engajam em um intercâmbio de ideias e informações. Esta dinâmica contribui significativamente para o fortalecimento de laços

comunitários e a preservação de tradições locais. O mercado serve assim como um microcosmo urbano, refletindo e influenciando a vida cotidiana e as práticas culturais da população carioca.

Adicionalmente, o Mercado de Madureira estabelece uma conexão vital entre a cidade e o campo, evidenciando a interdependência socioeconômica entre estas esferas. A maioria dos produtos comercializados ali provém do meio rural, trazendo para o ambiente urbano um fragmento das vivências campestres. Essa interação enriquece o contexto urbano com elementos rurais, criando um diálogo cultural contínuo e dinâmico. Assim, o mercado funciona como um elo entre diferentes modos de vida e experiências culturais que coopera com a manutenção de memórias e práticas do campo na cidade do Rio.

Fernand Braudel, em sua abordagem historiográfica sobre os mercados, enfatiza a importância desses espaços como centros de sociabilidades e vivências. Ele argumenta que mercados como o de Madureira são mais do que simples locais de comércio, representam pontos de encontro cultural e social, onde se desenrolam complexas dinâmicas sociais. O autor afirma que “a vida de mercado, tão fácil de apreender, esconde muitas vezes (...) uma vida subjacente, modesta, porém autônoma, muitas vezes autossuficiente ou propensa a sê-lo. Outro universo, outra economia, outra sociedade, outra cultura” (BRAUDEL, 1998, p.44).

Figura 3 - Mercadão de Madureira no início do século XX e atualmente



Fonte: Diário do Rio; Jornal O Globo⁵

Como objetos de pesquisa, os mercados são compreendidos como espaços urbanos que espelham de forma vívida as interações sociais, as relações de poder e as práticas culturais que permeiam o tecido das cidades. Estes locais servem como palcos dinâmicos onde se desenrolam e se negociam uma multiplicidade de identidades culturais, sociais e econômicas, refletindo a heterogeneidade e a complexidade das sociedades urbanas. O Mercado de Madureira emerge

⁵ Fotografia à esquerda: Diário do Rio. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-mercadao-de-madureira/>. Acesso em 22 de dezembro de 2023. Fotografia à direita: Jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/decreto-de-dornelles-da-status-de-bem-imaterial-ao-mercadao-de-madureira-23278508>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

como um exemplo paradigmático dessa dinâmica. Este espaço ultrapassa as fronteiras de sua função comercial para se estabelecer como um elemento integral e significativo da estrutura social e cultural da cidade. Ele se torna um símbolo da vida urbana carioca, onde a convergência de diversas tradições e práticas revela a rica tapeçaria cultural da metrópole. Portanto, a análise de uma celebração do Mercado de Madureira permite conhecer um pouco mais de contribuição na formação e expressão da identidade cultural e religiosa do subúrbio do Rio de Janeiro.

O ambiente do Mercadão é marcado pelo dinamismo e pela diversidade de seus comerciantes e clientes. Também é uma característica do lugar encontrar relações de proximidade entre comerciantes antigos que pertencem, muitas das vezes, a famílias que trabalham ali há gerações; assim como, os laços construídos por lojistas novos, chineses e nordestinos, em sua maioria, que entre si formam redes de apoio e sociabilidades; há também os trabalhadores de lojas que possuem mais de uma unidade no mercado, o que os condiciona a trabalharem e interagirem com mais pessoas, é o caso do Hélio Sillman, criador e organizador de todas as vinte edições da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira. No espaço do mercadão, Sillman é gerente da loja “Mundo dos Orixás” e sócio da loja “Rei das Miçangas”.

Figura 4 – Banners de divulgação de ações sociais do Mercadão



Fonte: Perfil do Mercadão de Madureira no Facebook.⁶

As trocas entre comerciantes, funcionários e clientes remete muitas vezes ao clima acolhedor comum das feiras. Essa característica de proximidade entre os frequentadores e

⁶ Perfil do Mercadão de Madureira no Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/mercadaodemadureira/photos?locale=pt_BR. Acesso em 10 de outubro de 2023.

trabalhadores do mercado foi crucial para a escolha de Mãe Miriam como figura religiosa de comando para a execução da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. A sacerdotisa relembra essa rede de sociabilidades narrando como conheceu Hélio Sillman, organizador do evento, e como, a partir de então, assumiu a coordenação do evento:

Eu frequento o Mercado de Madureira muitos e muitos anos, então eu tenho as minhas lojas preferidas, sempre fui cliente do Helinho, e temos assim uma amizade muito boa, né, até que eu recebi esse convite, aceitei, e ele a mãe Miriam, não outra pessoa, a senhora aceita para coordenar? Eu gosto de desafio, eu sou guerreira, então Iansã traz uma adaga na mão, eu falei vamos embora. (MÃE MIRIAM, 2022)

O Mercado é um local da cidade onde pessoas das mais variadas origens convivem espelhando de certa forma a diversidade intrínseca do subúrbio carioca. Este local é um reflexo da variedade cultural da região, assim como um promotor ativo da inclusão e do pertencimento de segmentos da sociedade que encontram ali uma espécie de refúgio. Dentro deste microcosmo urbano, as múltiplas facetas da vida no subúrbio do Rio se encontram e interagem e o Mercado como sujeito contribui ativamente para a construção de uma identidade comunitária coesa e enraizada através de muitas das suas ações voltadas para a comunidade local.

A cultura urbana do Rio de Janeiro é marcada pela presença histórica do Mercado de Madureira, cuja origem se deu em 1914, em um Brasil ainda predominantemente rural. Inicialmente estabelecido como uma feira livre, o Mercado concentrava-se na comercialização de produtos agropecuários, já tradicionalmente produzidos na região. Localizado no espaço que hoje abriga a quadra da escola de samba Império Serrano, próximo à estação de trem rebatizada em 2011 de Estação Mercado de Madureira – anteriormente conhecida como Estação Magno.

Situado em uma região periférica da cidade, o mercado iniciou suas atividades em um momento histórico paralelo à saída dos terreiros de candomblé do centro da cidade para áreas mais afastadas e municípios do entorno da Grande Rio (PEREIRA, 2016). Essa transição foi impulsionada tanto pela perseguição policial quanto pela procura de espaços maiores para a realização de rituais religiosos. Conforme os terreiros encontravam novos endereços em bairros como Madureira e Oswaldo Cruz, ou cidades próximas como São João de Meriti, Nova Iguaçu e Nilópolis, o Mercado adaptou-se a essas mudanças, começando a oferecer produtos religiosos afro-brasileiros, além de manter sua atividade inicial de venda de animais para o consumo alimentar da comunidade local.

Segundo Martins (2009), a construção, bastante simplória, do espaço que abrigou a feira que daria origem ao Mercado foi iniciativa do prefeito Bento Ribeiro, com a intenção de prover os pequenos pontos de comércio que àquela altura eram responsáveis pelo abastecimento de alimentos de grande parte das áreas suburbanas da cidade. Sobre a Martins afirma:

Aceito como sendo 1914 o ano da criação do Mercado de Madureira, nesta ocasião o que teria sido oficializado não possuía ainda a configuração do que se possa classificar como mercado. A sua construção se teria resumido ao nivelamento do terreno, que, depois de cercado, em seu interior foram abertas alamedas e demarcadas áreas de instalação de bancas de vendas, regularizando a feira permanente que ali perto já existia. Sua implantação foi em terreno localizado na confluência das atuais Olívia Maia e Ministro Edgar Romero, para a qual fazia frente, e entre este e o outeiro às margens da Linha Auxiliar, onde se encontram as torres da Light. O terreno, então pertencente à União e sob concessão à Light, hoje parcialmente cortado pela rampa do viaduto Negrão de Lima, não seria muito plano, mais não tanto inclinado como atualmente, que é resultante da movimentação de terra para formação do acesso ao viaduto (MARTINS, 2009, p. 46).

A Em 1922, a Estação Engenheiro Leal foi inaugurada, situando-se nas proximidades do fundo do Mercado de Madureira, um marco que impulsionou significativamente o desenvolvimento comercial da região. A aceleração desse progresso incentivou Antônio Prado Júnior, prefeito da cidade na época, a implementar uma série de obras de expansão no mercado. Em 1929, foi construído um pavilhão de boxes no coração do mercado, elevando-o ao status de principal centro de distribuição de alimentos nos subúrbios cariocas.

Esta expansão de 1929 marcou o início de uma série de transformações substanciais. Em 1948, sob a administração do prefeito general Mendes de Moraes, uma segunda grande reforma foi realizada. Concluída em 1949, esta reforma adicionou 26 novos boxes, uma área destinada à recuperação de caixotes, e um edifício de três andares na entrada do mercado. Este prédio abrigava as dependências administrativas e de fiscalização, bem como os escritórios dos grandes comerciantes atacadistas, consolidando a transição do espaço de uma feira tradicional para um mercado estruturado.

Em 1956, a formação da Associação dos Locatários, Prepostos e Representantes do Mercado de Madureira (ALPREMM) por um grupo de comerciantes marcou um momento decisivo na história do mercado. A principal iniciativa da ALPREMM foi negociar com as autoridades para evitar a demolição do mercado, priorizando sua restauração e preservação. Posteriormente, em 1957, a Companhia Brasileira de Financiamento Imobiliário (Cibrasil) iniciou a construção de um novo e amplo centro comercial no bairro, seguindo um projeto concebido em 1955. Este empreendimento culminou na inauguração do Entrepasto Mercado do Rio de Janeiro, localizado na Avenida Ministro Edgar Romero, em 18 de dezembro de 1959. A cerimônia de inauguração contou com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, marcando um novo capítulo na história do comércio da região, onde o mercado continua operando até os dias atuais.

Ao longo das décadas seguintes, o Mercadão de Madureira firmou-se como o mais importante centro de comércio popular do subúrbio e um dos maiores da cidade. No local, além

dos gêneros agropecuários comuns desde a sua formação, produtos de papelaria, materiais para festas, utensílios domésticos, maquinário e equipamentos passaram a ser comercializados, com destaque para a concentração de lojas de artigos religiosos afro-brasileiros.

A trajetória de evolução do espaço foi interrompida no ano 2000, quando um incêndio de grandes proporções destruiu completamente o prédio levando ao fechamento de todas as lojas do local. Com isso, um vultuoso aporte de investimentos e obras foram necessárias para a reconstrução do espaço, que foi reinaugurado em outubro de 2001, com instalações seguras e capazes de atender à demanda de consumidores que, àquela altura, já havia aumentado muito em relação ao período em que o primeiro prédio foi erguido ali, em 1959. Com a reconstrução, o Mercado voltou a operar moderno, atual, mas sem perder por completo a essência de feira livre, dos laços de afeto, de sociabilidades, parcerias e trocas, tão comuns às feiras.

O Mercado atravessou os últimos 111 anos porque se reinventou e se adaptou às novas conjunturas da cidade do Rio de Janeiro em termos de espaço físico e de contextos sociais. Sobre essa capacidade dos mercados de resistirem ao tempo e às novidades, Pintaudi observa:

[...] se hoje tem continuidade no espaço, isto certamente se deve ao fato de poderem dialogar com outras formas comerciais mais modernas. Todas as culturas adotaram esta forma de troca de produtos e o fato de se realizar esporadicamente, periodicamente ou de maneira perene e com local apropriado para esse fim, dependia das mercadorias que ali se trocavam e da necessidade de se realizar a troca com certa frequência, do deslocamento possível nos diferentes momentos históricos e da importância que o local representava para o abastecimento da cidade e da sua região de abrangência. (PINTAUDI, p.3, 2006).

O Mercado configura-se como um relevante locus de sociabilidades, inserido no contexto social e cultural do Rio de Janeiro. O espaço transcende sua funcionalidade mercantil, assumindo uma dimensão significativa na produção e reprodução de práticas culturais da região. A constante congregação de pessoas de grupos sociais distintos, em meio ao intercâmbio comercial e social, estabelece o mercado como um microcosmo representativo da heterogeneidade social e cultural do Rio. Através de uma série de iniciativas, tais como exposições de arte, apresentações de dança, mostras fotográficas e concertos musicais, promovidas pela administração do Mercado, o local atua ativamente na produção cultural no subúrbio carioca, demonstrando compromisso com a preservação e fomento da cultura local. Estas manifestações culturais, mais que simples estratégias de atração de clientela, representam autênticas expressões da identidade cultural do subúrbio, reforçando os valores e tradições da comunidade no contexto urbano.

O Mercado de Madureira se estabelece, portanto, como um território de vivências para adeptos de religiões afro-brasileiras das comunidades suburbanas. No local se destaca a venda de itens litúrgicos essenciais para as práticas dessas crenças, dessa maneira, o mercado integra-

se profundamente a essas tradições religiosas, como uma extensão de suas práticas. Assim, o Mercado se torna um ponto de convergência crucial para a manutenção e expressão de práticas religiosas afro-brasileiras no subúrbio, reforçando sua identidade e coesão comunitária.

Figura 5 - Eventos promovidos pelo Mercado de Madureira



Fonte: Facebook do Mercado de Madureira.⁷

As manifestações culturais realizadas no e pelo Mercado de Madureira são diversas, mas sua forte vocação para acolher expressões culturais afro-brasileiras é notável. Reconhecido historicamente como um centro de comércio de produtos relacionados às religiões afro-brasileiras, o Mercado de Madureira é uma referência em toda a cidade nesse segmento de mercado, atraindo diariamente milhares de pessoas ligadas a essas religiões que visitam o local para realizar suas compras votivas. Consolidado no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro como um ponto de encontro do "povo do santo", termo frequentemente utilizado pelos seguidores das religiões de matriz africana para se autodefinirem, o Mercado de Madureira desempenha um papel significativo na distribuição de itens religiosos relacionados às práticas afro-brasileiras. Gradualmente, as expressões culturais associadas a essas tradições religiosas têm sido incorporadas às atividades culturais promovidas pelo mercado. Um exemplo notável é a Festa de Iemanjá, que ocorre há duas décadas e é o principal foco desta investigação. As iniciativas

⁷

Disponível em:
https://www.facebook.com/photo/?fbid=6146978518647847&set=pb.100064598323378.-2207520000&locale=pt_BR. Acesso em 10 de outubro de 2023.

em:

promovidas pelo mercado para celebrar a cultura estão em sintonia com sua relação simbiótica com o bairro de Madureira e sua identificação com as tradições afro-brasileiras.

Dessa forma, o Mercado de Madureira representa um local de resistência e reafirmação da identidade e religiosidade afro-brasileira no subúrbio e emerge como um agente nas disputas entre os organizadores da festa de Iemanjá e a administração de Crivella. Oficialmente reconhecido como patrimônio cultural carioca de natureza imaterial pelo Decreto Nº 35862, de 04 de julho de 2012, e como patrimônio cultural fluminense pela Lei nº 8189, de 30 de novembro de 2018, tanto o decreto municipal quanto a legislação estadual basearam-se na relevância do Mercado como uma destacada atração de Madureira, contribuindo de forma significativa para a disseminação de seu renome para além de suas fronteiras e o papel crucial desempenhado pelo Mercado na salvaguarda das tradições culturais e religiosas afro-brasileiras.

As decisões de reconhecer o Mercado como patrimônio imaterial refletem a necessidade de preservar a memória cultural através do registro dos locais onde se perpetuam práticas culturais coletivas. Nesse sentido, o reconhecimento oficial do Mercado de Madureira não apenas enaltece sua importância histórica e cultural, mas também reforça seu papel como um espaço de resistência diante das adversidades enfrentadas pelas manifestações culturais afro-brasileiras em um contexto urbano marcado por conflitos e intolerância religiosa e cultural.

O Mercado promove uma variedade de eventos culturais, como rodas de samba, capoeira e oficinas de danças tradicionais, como jongo, coco e maculelê. O local oferece acesso a essas manifestações culturais às pessoas que frequentam o mercado, muitas vezes pela primeira vez, e servem como ferramentas de educação e preservação das tradições afro-brasileiras. Além disso, oficinas e cursos educativos para capacitar grupos vulneráveis financeiramente, também são oferecidos no local, promovendo tanto elementos da cultura afro-brasileira, como culinária e artesanato, quanto o próprio desenvolvimento social e econômico da comunidade local, fortalecendo assim seu caráter integrador na região. Essas iniciativas são importantes para preservar e transmitir conhecimentos e habilidades tradicionais para as próximas gerações. Assim, o Mercado reflete a cultura local e desempenha um papel ativo na sustentação da diversidade cultural do subúrbio carioca e da cidade como um todo, tornando-se um símbolo valioso da identidade suburbana.

1.3. Madureira, território afro-brasileiro

Madureira é hoje um núcleo produtor efervescente da cultura afro-brasileira no Rio de Janeiro. O bairro, historicamente ocupado por pessoas negras carrega um legado cultural profundo e indelével. O fim definitivo do sistema escravagista no Brasil em 1888 impactou de maneira determinante a constituição física, social e cultural de Madureira. Isso porque a devido ao abandono imposto aos ex-escravizados e a seus descendentes, que não receberam suporte de políticas públicas de inclusão na sociedade brasileira, milhares de homens e mulheres em situação de vulnerabilidade social e já marginalizados historicamente por sua condição originária de escravizados buscaram moradia nos cortiços do então centro histórico do Rio de Janeiro, nas encostas de morros e nas áreas afastadas da cidade. Dessa forma Madureira, na periferia das áreas nobres do Rio de Janeiro e cercada de morros, tornou-se um destino ideal para essa população majoritariamente negra e pobre.

Nessa mesma dinâmica pós-abolição, na fuga do já empobrecido Vale do Paraíba, antigo reduto das grandes fazendas produtoras de café, houve grande êxodo rural de ex-escravizados e de seus descendentes dessa região do estado do Rio de Janeiro para a então capital do país, símbolo de prosperidade e desenvolvimento no Brasil dos anos 1890 – ainda majoritariamente rural. Em busca de melhores condições de vida, essas populações de origens afro-brasileiras, experimentadas no cotidiano rural estabeleceram-se nas periferias e morros do Rio de Janeiro levando consigo um universo de construções sociais, redes de relacionamentos e afetos, musicalidade, cultura etc. para o meio urbano, onde essas experiências seriam ressignificadas e adaptadas à nova realidade e ambiente.

No início do século XX, durante as reformas urbanas lideradas por Pereira Passos, houve um deslocamento de pessoas pobres, em sua maioria negras, das áreas centrais do Rio de Janeiro para Madureira e outras regiões suburbanas. Oficialmente intituladas de Plano de Embelezamento e Saneamento da Cidade, essas reformas de características higienistas (ABREU, 1987), ficaram conhecidas como "bota-abaixo" e tinham o objetivo de conferir ares de modernidade do Rio de Janeiro, então capital federal. Essa mudança forçada resultou na formação de novas comunidades e identidades suburbanas entre a população negra e pobre.

Como aponta Nei Lopes, os morros e periferias da capital fluminense tornaram-se destino quase obrigatório de uma vultuosa população menos abastada que já não mais encontrava abrigo nas regiões centrais da cidade. Lopes aponta que:

Os migrantes do Vale do Paraíba que para o Rio de Janeiro continuam vindo desde a falência da lavoura cafeeira na região, aos veteranos da Guerra do Paraguai, os flagelados da grande seca, vêm juntar-se, agora, mais e mais negros, oriundos das

diversas regiões do país, mas principalmente das províncias vizinhas. (LOPES, 1992, p.3)

O estabelecimento dessas populações no subúrbio do Rio, compartilhando experiências comuns em muitos aspectos, favoreceu a construção de vivências coletivas que refletem nas expressões culturais, artísticas e religiosas ligadas às origens afro-brasileiras em Madureira. Lá, estão sediadas a centenária escola de samba Portela – fundada em 1923 entre os bairros de Madureira e Oswaldo Cruz – considerada a mais antiga do Brasil ainda em funcionamento e a maior campeã da folia carioca com 22 títulos da série principal do carnaval carioca; o Império Serrano, criado em 1947 no Morro da Serrinha, que possui nove títulos da série principal do carnaval do Rio; a Casa de Jongo da Serrinha, dança de roda, associada às tradições dos povos bantu que teria sido introduzida em Madureira por pessoas que migraram do Vale do Paraíba e se fixaram no Morro da Serrinha.; a Companhia Fuzuê d’Aruanda; terreiros de candomblé e de umbanda, como o Ilê Asé Igbá Odé, o Asé Olodé Ala Orum,, a Tenda Espírita Caboclo Cobra Coral, a Tenda Umbandista de Amor e Caridade do Caboclo 7 Flechas, entre outras casas religiosas; a sede da União Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros, entidade com que se destina a promoção e legalização de templos de umbanda, candomblé e outros cultos afro-brasileiros; o Baile Charme do Viaduto; a Feira das Yabás; a Festa de São Jorge, o Trem do Samba; o próprio Mercado de Madureira e sua conexão com as religiões afro-brasileiras; e a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, o objeto principal dessa pesquisa.

Madureira se constituiu como uma das opções possíveis para moradia de parcelas da população negra na cidade, onde puderam recriar algumas práticas sócias religiosas de matriz afro-brasileira, entre elas o Omolocô, blocos carnavalescos e anos mais tarde as primeiras agremiações carnavalescas (SILVEIRA, 2012, p.103).

A música e a dança ocupam um lugar central na expressão cultural de Madureira. O samba, com raízes profundas nos ritmos africanos, ressoa como a voz musical do bairro. As rodas de samba, mais que eventos de lazer, são manifestações da história e da cultura afro-brasileiras. Nesses encontros, diferentes gerações se unem em um diálogo musical que atravessa o tempo, mantendo viva a memória dos ancestrais africanos e de seus descendentes na diáspora. Madureira é reconhecido como um dos principais berços do samba no Rio de Janeiro, com raízes profundas nas heranças africanas do bairro. Este gênero musical, essencial na identidade cultural brasileira, ecoa como a voz musical do lugar e os exemplos mais relevantes disso são as escolas de samba Portela e Império Serrano.

A Portela é uma das escolas de samba mais antigas e renomadas do Brasil e está sediada na Rua Clara Nunes, via que divide os bairros de Madureira e Oswaldo Cruz. Sua história está profundamente entrelaçada com a de Madureira e com a evolução do samba como um todo. A escola é conhecida por seus sambas-enredo que frequentemente abordam temas históricos e

culturais, contribuindo significativamente para a preservação e promoção da história afro-brasileira e do próprio samba. Já o Império Serrano, fundado em 1947 e sediado na Avenida Edgard Romero – no mesmo local onde anteriormente funcionou o primeiro Mercadão de Madureira - representa um marco significativo na história do samba em Madureira. Sua contribuição não se restringe apenas à sua música e desfiles, mas também ao seu papel na manutenção e promoção da cultura afro-brasileira. Império Serrano é conhecida por suas inovações na arte do samba e por manter um forte vínculo com as tradições e a história afro-brasileira, o que a torna uma instituição respeitada no panorama cultural do Rio de Janeiro.

O jongo, cujas raízes remontam aos povos bantu, é uma expressão cultural fortemente vinculada ao bairro de Madureira, em virtude dos intensos esforços de projetos dedicados à preservação dessa tradição musical no Morro da Serrinha. Sua execução ocorre em roda, com os dançarinos em pares, ao som de três tambores e palmas. Suas canções, frequentemente referidas como "pontos", abordam majoritariamente as experiências dos escravizados e o ambiente rural, espelhando a história dos primeiros jongueiros da Serrinha, que em sua maioria procediam do campo, especialmente do Vale do Paraíba, antiga região produtora de café. O Jongo da Serrinha, fundado no final dos anos 1960 pelo Mestre Darcy e Vovó Maria, destaca-se como o agrupamento mais representativo do jongo na cidade do Rio de Janeiro, além disso os fundadores do Jongo da Serrinha têm importantes ligações com a escola de samba Império Serrano.

Os jongueiros usavam um rosário no pescoço para se protegerem; existia o culto às almas ancestrais; os tambores eram oferecidos a entidades, recebiam comidas como oferenda e eram tocados exclusivamente nas rodas de jongo. Vovó Maria Joana, mãe de Mestre Darcy, que era também parteira e mãe-de-santo – dona do terreiro de umbanda Tenda Espírita Cabana de Xangô –, benzia os tambores antes das rodas de jongo iniciarem (SIMONARD, 2005, p.25).

A Festa de Iemanjá, realizada anualmente por comerciantes do Mercadão de Madureira se une a uma série de outras iniciativas locais que simbolizam a conexão do bairro com suas raízes afro-brasileiras. Durante o evento, a comunidade se reúne para realizar oferendas e rituais, em uma profunda demonstração de fé e respeito. Esta festividade exemplifica como as práticas religiosas africanas foram adaptadas e continuam vivas no contexto urbano de Madureira, atestando a vitalidade e a resiliência da cultura afro-brasileira.

A culinária de Madureira é um testemunho vívido da fusão cultural afro-brasileira. Pratos que combinam ingredientes e técnicas de cozinha africanos servidos nas quadras das escolas de samba do bairro e na Feira das Yabás representam não apenas a ancestralidade africana e afro-brasileira incorporada à vida cotidiana, mas também uma forma de celebração

cultura afro-brasileira em Madureira. Esta culinária serve como um constante lembrete da rica herança africana do bairro, sendo um elemento fundamental da sua identidade cultural.

A educação e a preservação cultural ocupam um papel central na manutenção e disseminação da identidade afro-brasileira. Instituições como o jongo da Serrinha, a Portela, Império Serrano e a Central Única das Favelas (CUFA) desempenham um papel crucial ao promover o conhecimento sobre as raízes africanas e suas influências na cultura brasileira. Estas iniciativas educativas não se limitam ao ambiente acadêmico tradicional, expandindo-se para oficinas e projetos comunitários que buscam resgatar e valorizar a história e as tradições afro-brasileiras.

O compromisso com a preservação cultural em Madureira vai além da mera transmissão de conhecimento, trata-se de uma resistência ativa contra a marginalização histórica das culturas afro-brasileiras na cidade do Rio de Janeiro. As práticas culturais e religiosas de matriz africana, muitas vezes subjugadas e desvalorizadas, encontram em Madureira um refúgio e um espaço de florescimento. As comunidades das escolas de samba, por exemplo, são mais do que entidades de lazer, atuando como guardiãs de tradições orais, musicais e performáticas que constituem um legado vivo das diásporas africanas na contemporaneidade urbana do Rio de Janeiro. Essas entidades, em conjunto com diversos agrupamentos culturais, exercem uma função essencial na manutenção da memória coletiva e na consolidação da identidade afro-brasileira na localidade.

A Feira das Yabás, evento idealizado pelo cantor e compositor Marquinhos de Oswaldo Cruz, é realizada todo segundo domingo de cada mês, na Praça Paulo da Portela, em Oswaldo Cruz, bairro vizinho a Madureira, é um evento cultural de relevância na preservação da cultura afro-brasileira, especialmente no que tange à culinária e às tradições matrilineares. A feira é nomeada em homenagem às Yabás, denominação do panteão yorubá que se refere aos orixás femininos Iemanjá, Iansã, Obá, Ewá, Oxum e Nanã. Mais do que um evento gastronômico, a Feira das Yabás é uma verdadeira celebração da herança cultural africana, criando um espaço comunitário de união e apreciação onde os visitantes têm a oportunidade de experimentar não só a culinária típica do subúrbio carioca, mas também pratos que são um legado da influência africana na região.

Nas barracas geridas pelas matriarcas das famílias mais renomadas e tradicionais da região de Oswaldo Cruz, oferece-se uma variedade gastronômica rica e diversificada. Entre os pratos oferecidos, destacam-se o mocotó, angu à baiana, feijoadá, cozido, e a tripa lombeira,

todos entrelaçados com a cultura do samba, ilustrando a intrínseca conexão entre a culinária, a música e a identidade cultural da afro-brasileira da comunidade da região de Madureira.

Além do aspecto culinário, a Feira das Yabás é um cenário de manifestações culturais diversas, incluindo música, dança e outras formas de arte que celebram a riqueza da cultura afro-brasileira. Artistas locais e convidados apresentam-se regularmente, trazendo ao público uma variedade de expressões artísticas que vão desde o samba tradicional até performances contemporâneas. Essas manifestações culturais, entrelaçadas com o aspecto culinário do evento, criam uma experiência imersiva, permitindo aos visitantes não apenas degustar a culinária, mas também vivenciar a cultura afro-brasileira em sua plenitude. A feira, portanto, desempenha um papel fundamental na preservação e promoção da cultura afro-brasileira em Madureira, contribuindo significativamente para a educação cultural e para o fortalecimento da identidade comunitária.

A Feira da Yabás, evento com música e gastronomia Negra, foi uma iniciativa do cantor e compositor Marquinhos de Oswaldo Cruz, no ano de 2009, realizado no segundo domingo do mês na Praça Paulo da Portela em Oswaldo Cruz, que traz, para a rua, as famílias suburbanas para o almoço de domingo. O evento das Yabás, em sua versão original, acontecia por insistência de Marquinhos de Oswaldo Cruz e com o apoio das mulheres, que não desistiam de montar suas barracas artesanais e venderem suas iguarias. [...] No ano de 2012, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro reconheceu o valor cultural e social desse encontro e legalizou o espaço com: palco adequado; banheiros químicos; barracas padronizadas; e uma tenda para receber músicos e cantores. Além do mais, preocupou-se em manter um efetivo da guarda municipal, uniformizar as cozinheiras e equipes de apoio e disponibilizar som e luz para a alegria dos sambistas, que frequentam a feira (SILVA, p. 138-139, 2020).

Já a Festa de São Jorge, organizada pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, é uma celebração emblemática que ocorre anualmente em Madureira. Esta festividade é dedicada a São Jorge, santo de grande veneração no Rio de Janeiro, onde é sincretizado com Ogum, um orixá das religiões afro-brasileiras ligado ao domínio do ferro, da confecção de armas e aparatos de proteção, orixá guerreiro e inventor das ferramentas para a agricultura que garantem a produção e colheita. A celebração não é apenas uma expressão de fé religiosa, mas também um evento cultural que reflete a fusão de crenças e tradições religiosas que caracterizam a sociedade brasileira. Durante a festa, elementos típicos das celebrações católicas se mesclam com práticas das religiões afro-brasileiras, criando um ambiente onde a diversidade cultural e a fé se entrelaçam de maneira única e significativa.

Além dos aspectos religiosos, a Festa de São Jorge do Império Serrano é também uma ocasião de grande festividade e expressão cultural. O evento inclui procissões, missas e oferendas, bem como apresentações musicais, samba e outras formas de arte que celebram tanto o santo quanto a cultura afro-brasileira. A escola de samba Império Serrano, uma das mais

tradicionais e respeitadas do Rio de Janeiro, desempenha um papel central na organização e na animação da festa, atraindo não apenas os moradores locais, mas também visitantes de outras partes da cidade e do país. A festa de São Jorge, assim como a de Iemanjá, tem a capacidade de reunir grupos diversos que por um momento se encontram através da fé e da celebração para vivenciarem experiências comunitárias tão presentes na cultura carioca.

Figura 6 - Manifestações culturais afro-brasileiras em Madureira



Fonte: Agência Brasil; Galeria do samba; Portal Sambando; Portal R7⁸.

O Baile Charme do Viaduto de Madureira acontece sob o Viaduto Prefeito Negrão de Lima – popularmente chamado de "Dutão" – e é um símbolo da cultura negra urbana carioca. Originado na década de 1980, o baile caracteriza-se pela sonoridade e danças peculiares. Na mistura de gêneros como soul, funk e R&B (Rhythm & Blues), que adaptados a ritmos brasileiros como samba e funk carioca, incorporam elementos culturais nossos e se transfiguram numa nova manifestação musical e artística (MARTINS, 2004), os frequentadores executam coreografias coletivas sincronizadas que reforçam o caráter de experiência coletiva. O baile é uma manifestação de resistência cultural e autoafirmação que ocupa um espaço público e o transforma em local de encontro, celebração e expressão de identidade.

⁸ Fotografia superior esquerda: Portal R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/portela-escolhe-nesta-sexta-feira-samba-enredo-de-2015-final-tem-3-concorrentes-17102014>. Acesso em 2 de janeiro de 2024; Fotografia inferior esquerda: Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/camara-do-rio-institui-24-de-junho-como-dia-do-jongo>. Acesso em 2 de janeiro de 2024. Fotografia inferior direita: Portal Sambando. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/noticias/imperio-serrano-faz-carreata-em-homenagem-a-sao-jorge/6152/>. Acesso em 2 de janeiro de 2024.

Do ponto de vista da coesão comunitária e da dinâmica social, o Baile Charme do Viaduto de Madureira se estabelece como um território de inclusão e interação social, onde práticas de respeito e valorização mútuas são fomentadas. O viaduto que abriga o baile constitui um espaço simbólico para a juventude preta, proporcionando um ambiente onde podem expressar livremente sua identidade e criatividade, e servindo como um bastião de resistência cultural na cidade, frente às diversas formas de discriminação e marginalização. O evento representa o processo de territorialização afro-urbana em um *locus* de celebração da identidade negra e um símbolo da vivacidade e da resiliência da comunidade afro-brasileira no Rio. Em Madureira a identidade afro-brasileira está profundamente enraizada em vários aspectos da vida cotidiana local. Tradicionalmente um território de preservação da cultura afro-brasileira na cidade do Rio de Janeiro, a presença atual da juventude preta com ocupação dos espaços aponta para a continuidade dessa vocação do bairro. Essas práticas são essenciais para a manutenção da identidade cultural de Madureira, servindo como lembretes constantes da herança africana que permeia o bairro.

De acordo com Le Goff (1924), a memória é um elemento fundamental da identidade coletiva, sendo a busca por essa memória uma atividade chave dos indivíduos e sociedades contemporâneas. O autor observa que a memória coletiva não é apenas um resultado, mas também um instrumento e objeto de poder. As sociedades com memória social predominantemente oral, ou aquelas em transição para uma memória coletiva escrita, ilustram vividamente a luta pelo controle da recordação e tradição. Le Goff também destaca a importância do que chama de “verdadeiros lugares da história” - Estados, esferas sociais e políticas, e comunidades com experiências históricas ou geracionais compartilhadas - na formação e no uso da memória coletiva.

A manutenção da identidade afro-brasileira em Madureira, portanto, é um esforço contínuo que envolve diversas frentes, desde a educação formal até as manifestações culturais populares. Assegurar que as próximas gerações recebam essa herança não se limita à conservação de um passado histórico, mas engloba também a valorização da importância e da continuidade da cultura afro-brasileira na atualidade e no futuro. Assim, em Madureira, a educação e a preservação cultural emergem como instrumentos para fomentar a igualdade cultural, consolidando o legado africano no mosaico cultural da cidade do Rio de Janeiro.

1.4. Compras votivas no Mercado de Madureira

A significativa presença de lojas de artigos religiosos de tradições afro-brasileiras, como umbanda e candomblé, no Mercado de Madureira tem conexões com processos muito anteriores à própria existência do bairro de Madureira, encontrando origens que delineiam a formação da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil como um todo. Conforme aponta Rodrigo Pereira (2016), alguns itens do cotidiano de africanos e seus descendentes, tanto na África quanto no Brasil, no decorrer do século XIX, desempenharam um importante papel como elementos básicos de alimentação, vestuário e comércio, além de assumirem significados religiosos dentro dos contextos de suas cosmovisões.

O azeite de dendê, os moluscos e o pano da costa, por exemplo, são materiais identificados por viajantes tanto no Brasil quanto na África como parte integrante da vida religiosa e secular em meados do século XIX, que no Brasil, passaram a ser associados às práticas religiosas de escravizados e de seus descendentes (PEREIRA, 2016). Os usos religiosos desses produtos, principalmente no candomblé, constituíam um foco de comércio entre o Brasil e a África Ocidental, criando uma interconexão comercial transatlântica.

No âmbito das relações comerciais da época, torna-se evidente a relevância econômica de itens de cunho religioso, tanto para o Brasil quanto para os países africanos, devido à transferência e adaptações dos cultos africanos (aos orixás, voduns, nkisis) em território brasileiro na diáspora. Não apenas itens religiosos movimentaram esse comércio transatlântico, mas no escopo dessa pesquisa são os itens que nos oferecem possibilidades de análises para compreensão da vocação do Mercado de Madureira para a venda de materiais afro-votivos.

Esses produtos, devido à sua importância, constavam nas listas de importação e exportação de ambas as regiões atlânticas, notadamente entre as décadas de 1850 e 1870, como aponta Cunha (2012), expressando a relevância dessas transações comerciais. O fortalecimento e o desenvolvimento das religiões de matriz africana e afro-brasileira no Brasil criaram uma demanda maior de consumo de itens associados a práticas rituais afro-brasileiras, como ervas, incensos, velas, imagens de orixás, entre outros elementos utilizados em cerimônias e oferendas.

Este fenômeno de consumo pode ser compreendido em um contexto histórico mais amplo, estabelecendo uma ponte entre o comércio transatlântico do século XIX e as culturas de consumo africanas e afro-brasileiras na atualidade. A diáspora africana, resultante do comércio de escravos, foi fundamental na transferência de práticas culturais e religiosas da África para o Brasil (PARÉS, 2016). Estas práticas, adaptadas e contextualizadas no novo ambiente, criaram

uma demanda por itens votivos específicos, cuja origem remonta às tradições africanas, ameríndias e europeias. A crescente procura impulsionou uma diversificação na oferta desses itens, que passaram a ser comercializados em uma gama mais ampla de locais e o Mercado de Madureira se destaca como um dos principais locais desse tipo de comércio.

Figura 7 - Loja de artigos religiosos do Mercado de Madureira



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As compras votivas realizadas no Mercado de Madureira são o principal motivo do espaço ter se tornado uma referência para adeptos de religiões afro-brasileiras. No local, é possível encontrar uma infinidade de itens relacionados e necessário para as práticas ritualísticas de diversas religiões e cultos, como: estátuas de orixás, entidades e santos católicos; ervas e plantas utilizadas em rituais e banhos; instrumentos musicais, como atabaque, agogô, chocalho etc.; fios de conta e guias (colares que representam orixás e outras entidades); roupas e vestimentas ritualísticas usadas em diversas cerimônias; búzios, cristais, conchas e cartas; velas e elementos de decoração; assim como inúmeros ingredientes para oferendas. Essa disponibilidade de produtos ligados às religiões afro-brasileiras faz do Mercado de Madureira um lugar de encontro para seus adeptos.

No Mercado, a compra de itens específicos das práticas litúrgicas afro-brasileiras estabelece uma conexão íntima entre os seguidores dessas tradições e o espaço comercial. Essas práticas religiosas se entrelaçam ao contexto econômico e social da cidade, tornando o mercado uma extensão dos terreiros. Como aponta Anderson Teixeira (2021), o Mercado transfigura-se especialmente como elemento central das práticas afro-religiosas no Rio de Janeiro durante

o processo de iniciação de novos membros. As compras guiadas por listas extensas de itens necessários para a realização dos ritos iniciáticos nas religiões afro-brasileiras, conhecidos como feitura de santo, feitura de cabeça, ou simplesmente feitura, representam mais do que simples atos de consumo, são parte de um processo de aprendizado.

Figura 8 - Loja de animais vivos no Mercado



Fonte: Jornal O Globo.⁹

O processo de aquisição dos artefatos necessários para a prática de rituais nas religiões afro-brasileiras não é meramente uma transação comercial, mas um ato imbuído de significados religiosos e culturais profundos. Essas compras requerem um conhecimento extenso e especializado dos vocabulários ritualísticos que são a espinha dorsal dessas tradições religiosas. Consequentemente, essa tarefa geralmente demanda a participação de indivíduos com experiência significativa dentro da religião, frequentemente envolvendo a presença do próprio sacerdote responsável pela iniciação. A escolha adequada desses itens ritualísticos é crucial, pois cada elemento possui um simbolismo específico e uma função determinada dentro do contexto litúrgico.

Essa interação entre o mercado e as práticas religiosas transcende a esfera do comércio, estabelecendo um vínculo direto com os terreiros, os espaços sagrados onde essas religiões são praticadas. A presença de lojas especializadas que atendem especificamente às necessidades da

⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/decreto-de-dornelles-da-status-de-bem-imaterial-ao-mercado-de-madureira-23278508>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

comunidade religiosa afro-brasileira é um indicativo da sacralização desse espaço comercial. A realização de eventos significativos como a Festa de Iemanjá no Mercado de Madureira, é um exemplo dessa interconexão. O deslocamento dos terreiros para as periferias do Rio de Janeiro e a demanda por produtos não disponíveis em suas instalações contribuíram significativamente para a afirmação do Mercado de Madureira como um centro de referência nas compras afro-votivas. A concentração de lojas especializadas em itens específicos para rituais, como animais vivos, alguidares, contas e moluscos, e a infraestrutura do Mercado proporcionam uma experiência de compra eficiente, segura e livre de possíveis atos de perseguições.

Portanto, O Mercado de Madureira configura-se também como um locus importante de sociabilidades para os adeptos das religiões de matriz africana. As interações que ocorrem neste espaço vão além das meras transações comerciais, englobando a troca de experiências, saberes e práticas religiosas. Este ambiente propicia a formação de uma rede de apoio e comunidade, fortalecendo os laços entre os indivíduos que compartilham não só uma fé, mas também um espaço físico de encontro e interação. A presença de estabelecimentos especializados e a disponibilidade de produtos específicos para essas religiões atraem fiéis de diversas regiões, consolidando o Mercado como um importante ponto de convergência cultural e religiosa na cidade.

Segundo Elena Andrei (1994), a arte do Candomblé jêje-nagô, encontrada no Mercado de Madureira, constitui um legado cultural que emerge de um processo histórico iniciado no continente africano. Esse processo, marcado pela diáspora africana e pela dolorosa realidade da escravidão, reflete uma jornada de longa duração e de características sinuosas, permeada por um sincretismo intercultural entre as tradições africanas e o cristianismo. Esse entrelaçamento cultural foi se solidificando nas instituições icônicas como a Casa Branca, o Gantois e o Opô Afonjá. Com o passar do tempo, essa arte religiosa e cultural foi se estruturando e adquirindo uma identidade estilística própria, que hoje se manifesta como um conjunto definido e distintivo de expressões artísticas e espirituais. Tal manifestação é um reflexo da resistência e da resiliência dos povos africanos e afro-brasileiros, representando um elemento fundamental para o entendimento da diversidade cultural e da identidade afro-brasileira na contemporaneidade.

Sob a ótica da conceituação dos “lugares de memória” elaborada por Pierre Nora, o Mercado de Madureira pode ser compreendido como um espaço de importante significado histórico e cultural para as comunidades de religiões de matriz africana no subúrbio do Rio de Janeiro. Nora (1993) define os “lugares de memória” numa perspectiva tríplice, como espaços

físicos onde a memória social se fixa e é perceptível sensorialmente, esses lugares funcionam como pontos de ancoragem para memórias coletivas e representam locais simbólicos que manifestam e revelam a identidade coletiva. Esses lugares são marcados pela intencionalidade de preservação de memórias, não surgem espontaneamente, mas são construções históricas cujo interesse reside em seu papel como documentos e monumentos que alimentam processos sociais, conflitos, paixões e interesses antagônicos de preservação e banimento.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. E por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como às conchas na praia quando o mar se retira da memória viva. (NORA, p. 13. 1993)

Para além de sua funcionalidade econômica, intimamente ligada ao consumo afro-votivo, o mercado constitui-se um símbolo de resistência, preservação e continuidade de tradições e crenças afro-brasileiras em um contexto urbano desafiador. Através da persistência de suas práticas comerciais e religiosas, o Mercado assume o papel de um arquivo vivo, um repositório da história e cultura afro-brasileira, perpetuando a memória coletiva destas comunidades e funcionando como um elo entre as comunidades de religiões de matriz africana no subúrbio carioca. É, portanto, dentro desse contexto que a Festa de Iemanjá surge como ação deliberada de preservação da identidade afro-religiosa no Rio de Janeiro, a partir do mercado e de Iemanjá que se conecta com outro tradicional espaço de culto à orixá dos mares na cidade, a Praia de Copacabana, o que nos permite compreender a carreata que define a festa.

A análise das práticas de aquisição de itens votivos afro-brasileiros no Mercado de Madureira revela uma dimensão cultural e religiosa profunda, intrinsicamente ligada às tradições afro-brasileiras. Sendo assim, a existência do mercado se estende ao campo simbólico e identitário, refletindo a complexidade das crenças e práticas religiosas afro-brasileiras e suas conexões com a vida social urbana. O local propicia o encontro saberes entre praticantes das religiões afro-brasileiras. O diálogo com os comerciantes, muitos dos quais são também praticantes ou profundos conhecedores dessas tradições, contribui para a riqueza e profundidade da experiência religiosa. Esta dimensão social do Mercado o faz ponto de encontro e fortalecimento comunitário.

Muniz Sodré (1998) introduz e desenvolve o conceito de "comunidade-terreiro", definindo-o como um espaço propício à criação de relações sociais peculiares e à formação de valores distintivos. O autor enfatiza a importância do território, interpretado não meramente em termos geográficos, mas, primordialmente, sob uma perspectiva simbólica. Dentro deste arcabouço teórico proposto por Sodré, o Mercado de Madureira é identificado como um exemplar de comunidade-terreiro. Esta classificação advém da sua relevância como ponto de encontro e comercialização de itens utilizados nas práticas rituais das religiões afro-brasileiras. O Mercado, assim, não só se constitui como um centro comercial, mas também como um espaço de significado cultural e espiritual, refletindo e perpetuando as tradições e os valores inerentes às práticas religiosas afro-brasileiras.

No artigo "Odô iyá! Festa e devoção de matrizes africanas no Mercado de Madureira", Anderson Rodrigues Teixeira elabora uma análise perspicaz sobre a dinâmica entre o espaço urbano e as práticas religiosas, inspirando-se em estudos anteriores de autores como Rosendahl e Haesbaert. Rosendahl (1996) destaca a influência do sagrado na configuração dos espaços urbanos, transformando-os em territórios significativos quando ocupados de maneira efetiva e emocionalmente engajada. Ela aponta que os rituais religiosos têm o poder de remodelar os espaços urbanos, seguindo um ritmo próprio que é estabelecido pelos rituais.

Na investigação da interação entre a dinâmica urbana e as manifestações religiosas, Rosendahl (2002) identifica que o conceito de sagrado desempenha uma função crucial na constituição dos espaços urbanos. Esses espaços, ao serem efetivamente e emocionalmente apropriados, transformam-se em territórios significativos. Rosendahl argumenta que os rituais e práticas religiosas têm o poder de reconfigurar e dar novo significado aos espaços urbanos, seguindo um cronograma determinado pelas cerimônias religiosas. Ela exemplifica este fenômeno através das cidades-santuário, que, de acordo com sua análise, convergem peregrinos cujas práticas e crenças concretizam uma organização espacial funcional e social distinta. Teixeira (2021), por sua vez, se apropria dessa ideia para interpretar o Mercado de Madureira, especialmente durante a festa de Iemanjá, como um mercado-santuário. Neste ambiente, a territorialidade afro-religiosa vai além de uma simples interpretação capitalista do espaço, sugerindo uma compreensão mais profunda e simbólica.

Conforme argumenta Rogério Haesbaert (2005), os territórios possuem tanto uma função prática quanto um significado simbólico e identitário. Essa dualidade se torna evidente durante a celebração de Iemanjá no Mercado de Madureira. No dia da festa, devotos se reúnem ao redor da imagem da divindade, entoando cânticos e realizando danças que refletem as

corporeidades e sonoridades características dos terreiros, um fenômeno também observado e descrito por Sodré (1988).

Teixeira (2021) enfatiza a importância de compreender esses espaços não apenas como locais de transações comerciais, mas como cenários onde se manifestam a fé, a cultura e a identidade afro-brasileira. A festa de Iemanjá no Mercado de Madureira se revela, assim, como um momento em que o sagrado e o profano, o econômico e o espiritual, coexistem e se entrelaçam, oferecendo uma janela para a compreensão mais ampla das práticas religiosas afro-brasileiras e sua influência na configuração dos espaços urbanos do Rio. Historicamente, o Mercado de Madureira constitui-se como um reflexo da herança africana no Brasil, preservando e promovendo práticas culturais e religiosas fundamentais para a identidade afro-brasileira. Em períodos de intensa repressão e intolerância religiosa, espaços como o Mercado desempenharam um papel crucial na resistência cultural. Eles ofereceram um refúgio para a prática e a manutenção das tradições afro-brasileiras, resistindo às tentativas de marginalização e silenciamento dessas expressões culturais e religiosas.

A análise das compras votivas afro-brasileiras no Mercado de Madureira proporciona uma perspectiva valiosa das dinâmicas sociais, culturais e religiosas que permeiam a comunidade afro-brasileira no subúrbio do Rio de Janeiro e a importância do mercado para essa comunidade. O estudo destas práticas comerciais, intrinsecamente ligadas às tradições religiosas afro-brasileiras, desvela aspectos fundamentais da identidade e da vivência comunitária naquela região. Desse modo é possível compreender o surgimento e o desenvolvimento da Festa de Iemanjá, organizada e mantida por comerciantes do Mercado. Através dessa análise, é possível discernir as motivações e os objetivos que conduzem a realização deste evento, revelando como ele se entrelaça com as práticas religiosas e as necessidades econômicas, sociais e políticas da comunidade suburbana.

A procissão de Madureira à Praia de Copacabana é também uma reivindicação assertiva dos seguidores de religiões de matriz africana pela ocupação do espaço público frequentemente vedado a suas expressões e ritos. Nesse contexto, a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira simboliza uma sacralização do Mercado, das ruas da cidade e da Praia de Copacabana, consagrando-os como espaços de veneração a Iemanjá e, conseqüentemente, tornam-se territórios de vivências afro-brasileiras e suas adaptações. Sendo assim, esses locais adquirem significados práticos, simbólicos e identitários para os praticantes das religiões de matriz africana. Esta transformação reconfigura o ambiente urbano em palco de afirmação da identidade cultural e religiosa desses grupos na sociedade carioca.

2. UM PANORAMA POLÍTICO E RELIGIOSO

Na cidade do Rio de Janeiro, onde cultura, religião e política muitas vezes se entrelaçam de maneiras complexas, a realização da Festa de Iemanjá no Mercado de Madureira torna-se um microcosmo intrigante para se compreender essas interações. Por que Iemanjá, uma divindade associada aos mares e à maternidade na tradição afro-brasileira, foi escolhida como foco dessa festa? A resposta a essa pergunta nos leva a explorar não apenas aspectos culturais e religiosos, mas também políticos e midiáticos.

A veneração a Iemanjá já era uma tradição consolidada no Rio de Janeiro, especialmente nas festas realizadas nas praias da cidade ao final de cada ano. Nessas celebrações, a oferta de presentes e oferendas à divindade simboliza a gratidão e a esperança por prosperidade no novo ano. A escolha de Iemanjá para a festa no Mercado de Madureira reflete a capilaridade cultural e religiosa que a divindade possui na cidade, conectando diferentes comunidades e tradições.

A figura de Iemanjá, tanto na tradição yorubá quanto na diáspora africana no Brasil, carrega uma carga simbólica poderosa, associada à maternidade e à origem da vida. Essa representação contribui para sua elevada importância dentro das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. No entanto, essa mesma importância também a torna alvo de diversas interpretações e conflitos, como veremos adiante.

A análise iconográfica de Iemanjá revela como sua imagem é construída e interpretada por diferentes grupos sociais e religiosos. De um lado, ela é vista como uma figura unificadora, que agrega seguidores de diversas tradições religiosas afro-brasileiras sob sua égide maternal. Por outro lado, sua notoriedade a torna alvo de interpretações negativas, muitas vezes marcadas por manifestações de intolerância religiosa.

Nesse contexto, a ascensão política de Marcelo Crivella, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, e sua eleição como prefeito do Rio de Janeiro em 2017, trouxeram à tona novas dinâmicas no panorama político e religioso da cidade. A Igreja Universal, liderada por Crivella, é conhecida por sua abordagem controversa e crítica das religiões afro-brasileiras, retratando divindades como Iemanjá como figuras demoníacas. Essa visão alimenta um ambiente de intolerância religiosa que pode influenciar diretamente a realização e a percepção das festas de Iemanjá.

Ao longo deste capítulo, serão exploradas as interações entre os aspectos políticos, religiosos e culturais que moldam a realização da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira durante a gestão de Marcelo Crivella como prefeito do Rio de Janeiro. Analisaremos como

essas dinâmicas influenciaram a festa em si e as relações entre diferentes grupos sociais e o espaço urbano.

2.1. Por que Iemanjá?

A escolha de Hélio Sillman e dos demais comerciantes do Mercado de Madureira de realizar uma festa para Iemanjá como como agradecimento pela reconstrução do mercado e para aumentar a divulgação do retorno de suas atividades comerciais na cidade pode ser analisada sob múltiplas perspectivas, interligando aspectos culturais, religiosos e midiáticos. Iemanjá, na tradição Yorubá, é reconhecida como a mãe de outros orixás. Na diáspora africana no Brasil, a reconfiguração de conceitos e as adaptações cujos cultos tradicionais aos orixás passaram associaram Iemanjá aos mares e oceanos, simbolizando a origem da vida. Este papel de maternidade e criação confere a Iemanjá um status elevado dentro da cultura afro-brasileira, especialmente no contexto religioso do Candomblé e da Umbanda.

A veneração a Iemanjá no Rio já era uma tradição consolidada, particularmente nas festas realizadas aos finais de cada ano nas praias cariocas, como Copacabana, que se tornou uma espécie de vitrine do Rio de Janeiro – e do Brasil – durante as celebrações de réveillon e megaeventos na cidade. Portanto, a escolha de Iemanjá como figura central da celebração do Mercado de Madureira pode ser vista como um reflexo da abrangência do culto à Iemanjá na cidade.

Provavelmente a orixá mais conhecida e popular em número de seguidores no Brasil, Iemanjá é chamada no idioma iorubá de “Ìyá Orí”, que significa “Mãe de Todas as Cabeças”, porque, segundo a tradição Ketu, Iemanjá, além de ser mãe de vários outros orixás, como Exu, Ogum, Oxum, Oxóssi e Xangô, e de ter criado Omulu, recebeu de Oxalá, criador dos seres humanos, o poder sobre as cabeças (Orí) de todos os homens e mulheres da Terra como agradecimento por ter ela (Iemanjá) curado o seu Orí (Oxalá). Seu nome deriva da expressão iorubana “Yé Yé Omó Ejá”, que traduzido é “mãe cujos filhos são peixes”, dona das águas que garantem a fertilidade à terra, Iemanjá é cultuada como a grande mãe.

Iemanjá cura Oxalá e ganha o poder sobre as cabeças. Quando Olodumare fez o mundo, deu a cada orixá um reino, um posto, um trabalho. A Exu deu o poder da comunicação e a posse das encruzilhadas. A Ogum deu o poder da forja, o comando da guerra e o domínio dos caminhos. A Oxóssi ele entregou o patronato da caça e da fartura. A Obaluaiê deu o controle das epidemias. Olodumare deu a Oxumarê o arco-íris e o poder de comandar a chuva, que permite as boas colheitas e afasta a fome. Xangô recebeu o poder do trovão e o império da lei. Oíá-lansã ficou com o raio e o reino dos mortos, enquanto Euá foi governar os cemitérios. Olodumare deu a Oxum o zelo pela feminilidade, riqueza material e fertilidade das mulheres. Deu a Oxum o amor. Obá ganhou o patronato da família e Nanã, a sabedoria dos mais velhos, que ao mesmo tempo é o princípio de tudo, a lama primordial com que Obatalá modela os

homens. A Oxalá deu Olodumare o privilégio de criar o homem, depois que Odudua fez o mundo. E a criação se completou com a obra de Oxaguiã, que inventou a arte de fazer os utensílios, a cultura material. Para Iemanjá, Olodumare destinou os cuidados de Oxalá. Para a casa de Oxalá foi Iemanjá cuidar de tudo: da casa, dos filhos, da comida, do marido, enfim. Iemanjá nada mais fazia que trabalhar e reclamar. Se todos tinham algum poder no mundo, um posto pelo qual recebiam sacrifício e homenagens, por que ela deveria ficar ali em casa feito escrava? Iemanjá não se conformou. Ela falou, falou e falou nos ouvidos de Oxalá. Falou tanto que Oxalá enlouqueceu. Seu Orí, sua cabeça, não aguentou o falatório de Iemanjá. Iemanjá deu-se então conta do mal que provocara e tratou de Oxalá até restabelecê-lo. Cuidou de seu Orí enlouquecido, oferecendo-lhe água fresca, obis deliciosos, apetitosos pombos brancos, frutas dulcíssimas. E Oxalá ficou curado. Então, com o consentimento de Olodumare, Oxalá encarregou Iemanjá de cuidar do Orí de todos os mortais. Iemanjá ganhara enfim a missão tão desejada. Agora ela era a senhora das cabeças (PRANDI, p.237, 2001)

Em religiões como a umbanda, a jurema sagrada, o batuque gaúcho etc. Iemanjá recebe muitos outros nomes, que variam também conforme as diferentes regiões do Brasil. Além do orixá da nação Ketu, a divindade é cultuada em outras nações de candomblé com nomes – e ritos – distintos, como é o caso da nkisi Mkaia, da nação Angola, e da vodum Aziri Kaia, da nação Jeje, que apesar da diferença de ritualística mantém a paridade com elementos essenciais desse orixá, tal como o mar, a maternidade, a benevolência. O caráter político do termo para os antigos africanos na Bahia gradualmente se converteu em uma concepção predominantemente teológica e o termo "nação" passou a representar o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé (LIMA, 2003). A abrangência e capilaridade do culto a Iemanjá explicam um pouco da simpatia que essa divindade tem entre os brasileiros e sugerem o motivo de muitas pessoas, mesmo de tradições religiosas diferentes, se identificarem com ela. Como aponta Iwashita (1989):

A influência do mito e do culto de Iemanjá se faz sentir no Brasil, no Uruguai, em Cuba e em parte também nos Estados Unidos. No Brasil os adeptos de Iemanjá podem contar-se aos milhões. [...] Ela é cultuada pelos adeptos dos cultos afro-brasileiros, notadamente do candomblé e da umbanda. É invocada sob 27 nomes diferentes, sendo os mais conhecidos: Dona do Mar, Janaína, Iara, Marabô, Minha Mãezinha. Princesa do Mar, Rainha do Mar e Sereia do Mar. Etimologicamente na língua iorubá, Iemanjá = "yèyè omo ejá" significa "mãe cujos filhos são peixe". [...] Nas suas origens Iemanjá era cultuada numa região situada entre Ifê e Ibadan na atual Nigéria. Com o tráfico de escravos, o seu culto foi transferido para as colônias do Novo Mundo pelos iorubás. Uma vez estabelecido no Brasil, esse culto foi assimilado também pelos africanos de outras culturas (IWASHITA, 1989, p. 317).

A incorporação e adaptação do culto à Iemanjá em diferentes culturas, conforme descrito por Iwashita (1989), é um exemplo fascinante da dinâmica da diáspora africana no Brasil e da interação entre diferentes tradições religiosas. A natureza sincrética deste culto reflete a complexidade das influências religiosas no Brasil, onde elementos africanos, ameríndios e europeus se entrelaçam. Iemanjá, originalmente uma divindade fluvial no panteão yorubá, sofreu transformações significativas em sua transposição para o contexto brasileiro.

Esta mutabilidade revela a flexibilidade e a capacidade de adaptação das práticas religiosas afro-brasileiras, que não apenas absorveram elementos de outras culturas, mas também redefiniram suas próprias tradições para se ajustarem a novos contextos e significados.

No Brasil, a reconfiguração do espaço sagrado e do elemento natural relacionado à divindade Iemanjá é um fenômeno significativo. Na tradição yorubá originária, situada na região de Ifé, atual Nigéria, Yemojá é primordialmente associada ao Rio Ogun, como bem delineia o antropólogo Pierre Verger (1981). Entretanto, no contexto brasileiro, Iemanjá é predominantemente vinculada ao mar e aos oceanos, elemento da natureza que em África está sob a influência de Olokun, simbolizando tanto a riqueza quanto os mistérios e perigos inerentes às profundezas oceânicas, a entidade é venerada como o senhor ou senhora dos oceanos, dependendo da região e da tradição (VERGER, 1981). Essa alteração do culto à Iemanjá no Brasil evidencia um processo de reinterpretação e adaptação religiosa na diáspora.

A associação de Iemanjá com o mar no Brasil não é apenas um reflexo da geografia litorânea do país, mas carrega um simbolismo profundo relacionado à travessia transatlântica dos africanos escravizados. Esta ligação simbólica com o oceano Atlântico marca Iemanjá como uma deidade protetora e figura materna para os descendentes da diáspora africana. A transformação de Iemanjá em uma entidade vinculada ao mar representa, portanto, não apenas uma adaptação geográfica, mas também uma resposta cultural e espiritual às experiências traumáticas da escravidão e do deslocamento forçado, enfatizando o seu papel como guardião e consoladora dos afrodescendentes no Brasil.

Esta transformação de Iemanjá em um símbolo de proteção e maternidade para os afro-brasileiros ilustra a capacidade das religiões de matriz africana de fornecer consolo e identidade para uma população que enfrentou e ainda enfrenta desafios e adversidades. A figura de Iemanjá, adaptada e reverenciada em diferentes regiões do Brasil, tornou-se um símbolo unificador que transcende as barreiras regionais e as diferenças entre as várias tradições religiosas afro-brasileiras. Essa universalidade da deusa nas práticas religiosas brasileiras destaca a importância do sincretismo religioso como uma ferramenta de resistência cultural e como um meio de preservar e reafirmar identidades culturais em um país marcado por uma longa história de colonização e escravidão.

No contexto do Rio de Janeiro, o culto dedicado a Iemanjá manifestou-se de maneira paralela às tendências observadas em outras regiões do Brasil. O movimento migratório significativo de escravizados e libertos do Nordeste para o Sudeste brasileiro, impulsionado pela prosperidade da cultura do café e pelo declínio da indústria açucareira, resultou na chegada

de um grande número de yorubás e seus descendentes à capital fluminense. Este processo de migração teve um impacto profundo na disseminação e na prática das tradições religiosas africanas no Rio de Janeiro.

As primeiras casas de candomblé, estabelecidas e estruturadas em Salvador, Bahia, foram fundamentais para o desenvolvimento dessa tradição religiosa no Rio. Diversos sacerdotes e adeptos iniciados nessas casas baianas migraram para o Rio de Janeiro, onde contribuíram significativamente para a fundação e organização das primeiras casas de candomblé cariocas. Esses espaços sagrados tornaram-se centros de culto e preservação das práticas religiosas afro-brasileiras, dentre as quais o culto a Iemanjá se destacava como um elemento central, refletindo a continuidade e a adaptação das tradições yorubás no cenário religioso e cultural do Rio de Janeiro, como sugere Castillo:

[...] os primeiros axés de um dos terreiros mais antigos da cidade, o Ilê Axé Opô Afonjá, foram plantados em 1886 no bairro da Saúde, em uma cerimônia que envolveu Bamboxê Obitikô, Obá Sanyá e a filha de santo de Bamboxê mencionada anteriormente, Eugênia Anna dos Santos, mais conhecida como Mãe Aninha. [...] O legado de Bamboxê Obitikô no culto aos orixás no Rio de Janeiro continua até hoje. Os primeiros herdeiros foram Mãe Aninha, sua filha de santo, e Felisberto Sowzer, seu neto. Nas primeiras décadas do século XX, ambos foram líderes importantes no mundo do candomblé até suas mortes, em 1938 e 1940, respectivamente. Nas próximas gerações foram substituídos por Agripina de Souza (uma das primeiras filhas de santo de Aninha), Cantulina Pacheco (neta carnal de Joaquim Viera da Silva e também filha de santo de Aninha) e Regina Topázio Sowzer (filha carnal de Felisberto Sowzer), todas elas naturais da Bahia. Além dessas pessoas, da descendência carnal e espiritual de Bamboxê Obitikô, outros baianos envolvidos no candomblé também se estabeleceram na então capital federal nesse período (apud. Rocha, 2000, p. 32-35; Conduru, 2010; Augras e Santos, 2005).

Influenciados pelas práticas iniciais dos candomblés estabelecidos na Bahia, os rituais de candomblé no Rio de Janeiro foram sendo estruturados com forte inspiração nas liturgias baianas. Este processo de transposição cultural e religiosa permitiu que aspectos significativos da veneração aos orixás fossem mantidos e adaptados ao contexto carioca. Entre essas divindades, Iemanjá, tradicionalmente reverenciada como a deusa dos mares, adquiriu uma posição de destaque nas práticas religiosas afro-brasileiras do Rio de Janeiro. A veneração a Iemanjá nesse novo cenário manteve a essência de seus atributos originais, embora tenha se adaptado às particularidades socioculturais da região, refletindo a dinâmica de continuidade e transformação presentes na expansão do candomblé pelo Brasil. Essa relação entre os candomblés praticados em Salvador e no Rio de Janeiro, é confirmada por Mãe Miriam no caso particular de sua casa:

O meu pai é de uma casa tradicional em Salvador, a minha avó de santo que era mãe dele foi feita no Ilê Axé Opô Afonjá, muito tradicional. A minha avó era mais velha de santo que finada Mãe Stella [Mãe Stella de Oxóssi], e aí a minha avó faleceu, uma sobrinha dela biológica herdou a casa, e Mãe Stella foi lá sentar na cadeira, a casa da minha avó é o Ilê Axé Opô Afonjá, que é descendente do axé da Casa Branca” [Ilê Axé

Iyá Nassô Oká, também conhecido como Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho]. [...]Ele veio abrir a minha casa no Rio de Janeiro, eu estou com casa aberta há trinta e poucos anos, entendeu? Mas ele veio abrir a minha casa (MÃE MIRIAM, 2022).

O Rio de Janeiro, que manteve o status de capital federal até 1960, antes de a sede do governo ser transferida para Brasília, consolidou-se ao longo do último século como uma vitrine do Brasil para o mundo, desenvolvendo uma forte vocação turística. Neste cenário, as cerimônias religiosas em honra a Iemanjá nas praias, já enraizadas no cotidiano da cidade, passaram a adquirir progressivamente uma dimensão e um status mais abrangentes. Embora mantendo seu caráter essencialmente religioso, que perdura até os dias atuais, esses eventos foram se transformando em acontecimentos de natureza mais ampla, com apelo turístico e cultural, inclusive apontado como origem do réveillon do Rio e, e, indubitavelmente, como a inspiração inicial para a festa de Iemanjá no Mercado de Madureira.

2.2. As festas de Iemanjá no Rio de Janeiro

A prática de venerar Iemanjá nas praias ao término de cada ano é uma tradição enraizada no contexto cultural e religioso da cidade do Rio de Janeiro. Documentações históricas apontam a ocorrência dessas celebrações religiosas nas praias cariocas ainda no século XIX. Essa constatação é corroborada por estudos acadêmicos, como evidenciado na obra de Bahia (2018), que ressalta a longevidade e a importância cultural destes eventos no tecido social e religioso do Rio de Janeiro.

Voltando às flores, temos relatos em Sepetiba e na Glória desde o século XIX, em especial se olharmos as crônicas de João do Rio e também as memórias de alguns pais de santo (aquelas que se remetem aos anos 1950) contemporâneos a Joãozinho da Gomeia, que iam à Glória e ao centro do Rio fazer despachos, mas em especial suas memórias falam da praia do Russel, na Glória. (BAHIA, 2018, p. 188)

João Alves Torres Filho, mais conhecido como Joãozinho da Gomeia, foi um renomado babalorixá cuja influência se estendeu por todo o Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Nascido na Bahia, ele estabeleceu sua casa de candomblé, o Terreiro da Gomeia, pertencente à nação Angola, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Sua trajetória como líder espiritual e curandeiro atraiu uma vasta clientela, composta por membros da alta sociedade, artistas e políticos influentes, que buscavam seus conselhos e rituais para resolver problemas pessoais e obter proteção espiritual. A fama de Joãozinho da Gomeia naquelas décadas do século XX contribuiu para sua notoriedade nacional e para uma grande visibilidade do candomblé como uma religião em todo o país.

O ritual de oferecer flores, barcos com presentes, perfumes e uma série de itens associados à beleza e à vaidade para agradar a divindade e conquistar suas bençãos no fim de

cada ano por gratidão e atrair prosperidade e boa sorte para o ano que se inicia ganhou força no Rio de Janeiro a ponto de já na década de 1960 serem esses eventos noticiados como destaque em jornais e revistas. Adeptos do candomblé, da umbanda, de outras religiões de matriz africana e pessoas que, mesmo não seguindo tais religiões, simpatizam com a figura de Iemanjá e o simbolismo entrono de sua figura maternal endossaram essa tradição que hoje é bastante popular na cidade do Rio de Janeiro.

Joana Bahia, em sua pesquisa acerca das origens e evolução das celebrações em honra a Iemanjá durante as festividades de Ano Novo no Rio de Janeiro, apresenta conclusões notáveis. Joana Bahia, em sua pesquisa acerca das origens e evolução das celebrações em honra a Iemanjá durante as festividades de Ano Novo no Rio de Janeiro (BAHIA, 2018), apresenta dados importantes. As origens do culto a Iemanjá nas praias do Rio de Janeiro remontam ao século XIX, quando africanos escravizados trouxeram consigo suas crenças religiosas, entre elas, a devoção à orixá Yemoja, à nkisi Mkaia e à vodum Aziri Kaia, que na diáspora brasileira foram reinterpretadas e associadas. A prática de oferendas no mar surgiu como uma forma de manter viva a religiosidade africana e de estabelecer uma conexão espiritual com a divindade das águas, considerada protetora e maternal. Essas manifestações religiosas começaram a se expressar publicamente nas praias da cidade, especialmente em Copacabana e na Praia Grande, atualmente conhecida como Praia de Urca, desde o final do século XIX, configurando-se como uma expressão significativa da cultura afro-brasileira.

Com a urbanização e as transformações na cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XX, as práticas religiosas afro-brasileiras enfrentaram diversas restrições e deslocamentos. Entre as décadas de 1930 e 1940, o aumento da repressão e a marginalização dos praticantes dessas religiões levaram ao deslocamento dos rituais para áreas periféricas. No entanto, a devoção a Iemanjá persistiu, adaptando-se às novas circunstâncias. As cachoeiras, rios e parques passaram a ser utilizados para as oferendas, enquanto as praias continuaram a ser locais de grande importância simbólica para os rituais, apesar das restrições impostas pelas autoridades.

Na década de 1970, as celebrações para Iemanjá já tradicionais na cidade inspiraram a formatação das festas réveillon em Copacabana, tornando-se um evento icônico na cidade. A celebração anual, que inclui oferendas no mar e cortejos, atrai milhares de devotos e curiosos, reforçando a presença de Iemanjá no imaginário popular carioca. A institucionalização dessa festa no calendário oficial da cidade, promovida por líderes religiosos e culturais, evidenciou a

resistência e a resiliência das tradições afro-brasileiras, consolidando a importância de Iemanjá como um símbolo de identidade e fé na cultura do Rio de Janeiro

Seu estudo revela que, já na década de 1960, o ritual de ofertar flores ao mar, em homenagem à divindade, havia alcançado um elevado grau de integração e reconhecimento cultural na cidade. Este fenômeno é evidenciado pelo fato de que tais práticas rituais já eram amplamente divulgadas e comentadas em importantes jornais e revistas da época, sendo retratadas como um componente intrínseco e distintivo das celebrações de réveillon na cidade do Rio de Janeiro. Bahia ilumina aspectos cruciais da religiosidade popular brasileira, documenta a permeabilidade cultural e a incorporação de práticas religiosas afro-brasileiras no tecido social e nas tradições festivas da metrópole carioca.

Nos anos 1960, as descrições nos jornais são ainda mais precisas e remetem diretamente aos rituais da umbanda, e a oferta de flores no Réveillon já é citada como parte do calendário dos festejos do Ano-Novo. Os termos devoto, fiel, festa do espírito e outros passam a ganhar a imprensa, em detrimento de fetichismo e de demais termos desqualificadores. Como exemplo, temos o jornal *Careta*, de 16 de janeiro de 1960, que traz nas fotos os caboclos dando consulta nas praias de Ramos e de Copacabana. (BAHIA, p. 202-203, 2018)

A veneração por Iemanjá no panteão afro-brasileiro destaca-se por sua ampla reverberação na cultura do Brasil, particularmente no Rio de Janeiro. Este fenômeno pode ser analisado sob a ótica da figura arquetípica de Iemanjá, frequentemente associada à maternidade, ternura e acolhimento. Estas características favorecem uma conexão profunda e emocional com os devotos, refletindo a universalidade do arquétipo materno na religiosidade popular. Paralelamente, observa-se uma intersecção significativa com a devoção cristã à Nossa Senhora, sugerindo uma sincronicidade cultural e espiritual que transcende as fronteiras religiosas tradicionais. Esta convergência pode ser interpretada como um reflexo da complexidade e da pluralidade da experiência religiosa no Brasil, onde diferentes tradições muitas vezes se entrelaçam e se redefinem mutuamente.

[...] enquanto na África ela era um orixá das águas doces, no novo ambiente foi transformada em “rainha do mar”, porque seus adoradores escravizados foram transformados em pescadores do litoral. Além disso, bem cedo passou a ser confundida com a Iara indígena e com a sereia (lorelei) europeia, passando a ser representada com a forma plástica desta última. Numa evolução crescente, a “mãe d’água” se tornaria Dona Janaina, Dona Maria e outras tantas figuras, perfazendo um total de vinte e sete denominações. Mas a grande mudança seria operada quando a identificaram com a Virgem Maria, gerando sua mais espetacular transformação. (IWASHITA, 1987, p. 47)

No contexto das interações inter-religiosas brasileiras, a figura de Iemanjá, assim como outras divindades do panteão yorubá, assume o papel de humanizar o conceito do sagrado através das características de personalidade e temperamento dessas entidades. Dentro dos cultos aos orixás, notadamente marcados por um espectro de divindades com características diversas,

Iemanjá se destaca pela sua benevolência e compreensão maternal, reconhecida como mãe dos orixás. Em comparação com outros orixás que podem ser identificados por suas posturas mais firmes e severas, Iemanjá é venerada como a mãe benevolente, cuja presença suaviza e harmoniza as relações entre os orixás e seus filhos.

A apologia à figura da Iemanjá brasileira é, para nós, um símbolo diferenciado que caracteriza a simplicidade da religião ou a sua coligação à concretude da vida. É uma forma de protesto contra o universalismo abstrato, tão evidente nas culturas europeizadas ou teutas. (COPPE; PORTUGUEZ; ARAÚJO, 2020, p. 22-23)

A representação de Iemanjá no imaginário afro-brasileiro, enriquecida por características maternais e humanas, é profundamente influenciada pelos itãs (mitos Yorubá). Nestas narrativas, Iemanjá é frequentemente exaltada como mãe e criadora de outros orixás, o que eleva seu status a um de respeito e admiração no panteão afro-brasileiro. Este enfoque nas qualidades femininas e maternais não apenas consolida a relevância de Iemanjá na religiosidade popular, mas também contribui significativamente para a construção da identidade cultural brasileira.

A figura de Iemanjá transcende, portanto, os cultos afro-brasileiros, alcançando mesmo aqueles que não são praticantes destas tradições religiosas. Esse fenômeno amplifica o caráter universalista de Iemanjá, promovendo uma aceitabilidade mais abrangente. Cabe destacar que há um processo de transformação da própria imagem (aparência física representada) de Iemanjá, que muitas vezes passa por um processo de embranquecimento, o que poderia contribuir com respostas sobre a hipótese de maior aceitabilidade dessa divindade africana em relação a outras de mesma origem, contudo esse tema é vasto e esse trabalho não é capaz de aprofundar sua discussão. Partindo, porém, da premissa de que Iemanjá é mais aceita e por isso mais popular, a deidade torna-se um símbolo representativo do conjunto de crenças de seguidores da umbanda e do candomblé, assim como os de outras práticas religiosas afro-brasileiras em contextos mais públicos e populares, como é o caso da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira.

O evento exemplifica a incorporação e a celebração de Iemanjá em espaços públicos e populares da cidade, demonstrando como elementos religiosos afro-brasileiros podem ser integrados e reverenciados em contextos sociais mais amplos. A Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, portanto, mais que uma celebração religiosa é um evento cultural significativo, que reflete a interseção entre fé, cultura e identidade na cidade do Rio de Janeiro.

2.3. Um ícone, para o bem e para o mal

A iconografia, como campo de estudo dentro da história da arte, ocupa um lugar vital na interpretação e compreensão de imagens ao longo da história. Esta disciplina se concentra na análise de temas e símbolos nas artes visuais, abrangendo desde pinturas e esculturas até artefatos culturais e mídia moderna. A iconografia é essencial para decifrar o significado subjacente de obras de arte, indo além da mera apreciação estética para explorar as intenções, as crenças e os contextos culturais e históricos que influenciaram os artistas e suas obras. Essa análise profunda permite uma compreensão mais rica de como as imagens transmitem ideias e valores, refletindo e moldando as sociedades em diferentes épocas e lugares. Neste trabalho, o suporte de uma breve análise iconográfica é essencial para sustentar a tese de que a figura de Iemanjá por ser tão popular entre os cariocas e brasileiros, é também um dos principais alvos de intolerância e discriminação de criminosos.

Historicamente, a iconografia evoluiu significativamente com as contribuições de teóricos como Aby Warburg e Erwin Panofsky, este último particularmente conhecido por sistematizar a metodologia iconográfica. Panofsky estabeleceu um modo de análise em três níveis: a descrição pré-iconográfica, que identifica elementos puramente físicos; a análise iconográfica, que interpreta os símbolos e temas dentro de uma tradição cultural; e a interpretação iconológica, que busca entender o significado intrínseco dentro de um contexto cultural e histórico mais amplo. Essa abordagem não apenas esclareceu a análise de imagens, mas também forneceu uma ponte entre a arte e as disciplinas humanísticas, abrindo caminho para um estudo interdisciplinar mais rico e diversificado.

Erwin Panofsky (1979) defende que o nível da iconografia é compreendido através da associação de motivos artísticos, ou de suas combinações em composições, a temas e conceitos específicos. Segundo essa abordagem, os motivos identificados como portadores de um significado secundário ou convencional são denominados imagens. A combinação dessas imagens possibilita a construção de narrativas e alegorias. Portanto, a esfera de atuação da iconografia envolve a identificação dessas imagens, histórias e alegorias.

Figura 9 - Representações de Iemanjá



Fonte: Jornal da Paraíba¹⁰.

A análise iconográfica de Iemanjá revela-se como um ponto de estudo intrigante na investigação do desenvolvimento da festa no Mercadão durante o mandato de Crivella como prefeito do Rio. Esta perspectiva de análise torna-se mais relevante ao observar como a imagem de Iemanjá é construída e interpretada pelos adeptos das religiões afro-brasileiras, em contraste com a visão promovida pela Igreja Universal, com a qual Crivella tem vínculos conhecidos. Por um lado, Iemanjá emerge como uma figura unificadora, reunindo seguidores de diversas tradições religiosas afro-brasileiras sob a égide de sua figura materna primordial. Por outro lado, devido à sua notoriedade, Iemanjá torna-se alvo de uma construção imagética negativa, que pode incentivar manifestações de intolerância e até mesmo ataques.

Esses ataques são ilustrados por casos como a "Imagem de Iemanjá é depredada a marretadas em Florianópolis"¹¹, divulgado pelo G1 em 19/09/2019; "Estátua de Iemanjá é alvo de vandalismo na praia do Olho d' Água, em São Luís; pai de santo aponta intolerância religiosa"¹², divulgado pelo G1 em 23/07/2023; e "Imagem de Iemanjá é vandalizada após festejos em celebração à Rainha do Mar em Saquarema, no RJ"¹³, divulgado pelo G1 em

¹⁰ Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/comunidade/dia-de-ianjanja-quem-embranqueceu-a-rainha-do-mar/>. Acesso em 16 de janeiro de 2024.

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/09/19/imagem-de-ianjanja-e-depredada-a-marretadas-em-florianopolis.ghtml>. Acesso em 04 de maio de 2024.

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/07/23/estatua-de-ianjanja-e-alvo-de-vandalismo-na-praia-do-olho-d-agua-em-sao-luis-pai-de-santo-aponta-intolerancia-religiosa.ghtml>. Acesso em 04 de maio de 2024.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2023/02/06/imagem-de-ianjanja-e-vandalizada-apos-festejos-em-celebracao-a-rainha-do-mar-em-saquarema-no-rj.ghtml>. Acesso em 04 de maio de 2024.

06/02/2023, entre outros incidentes similares registrados em diferentes partes do Brasil. A destruição das estátuas de Iemanjá instaladas em espaços públicos é um símbolo da não aceitação, pressuposta neste trabalho, da ocupação desses espaços na cidade por manifestações de religiões afro-brasileiras. Esses episódios, portanto, evidenciam os desafios enfrentados pelas comunidades religiosas afro-brasileiras na preservação de suas práticas e símbolos culturais, bem como a urgência de combater a intolerância religiosa.

O livro “Orixás, Caboclos e Guias – Deuses ou Demônios?” de Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, aborda as religiões afro-brasileiras, especialmente o Candomblé e a Umbanda, de uma maneira controversa e crítica, posicionando as divindades dessas religiões — os orixás, caboclos e guias — como figuras demoníacas sob a perspectiva do cristianismo evangélico. A análise iconográfica dessa obra revela um contraste intencional entre a iconografia cristã, apresentada como pura e divina, e as representações das divindades afro-brasileiras, descritas como maléficas. Esta abordagem reflete a interpretação teológica do autor e seu esforço para deslegitimar essas religiões.

Neste livro, as descrições e as possíveis ilustrações de entidades afro-brasileiras carregam uma simbologia negativa, em oposição às representações originais em seus cultos, onde são vistos como entidades sagradas e protetoras. Essa distorção iconográfica serve como uma ferramenta para transmitir a mensagem ideológica do autor. Além disso, a obra surge em um contexto de tensões religiosas no Brasil, marcado por intolerância e disputas por espaço e influência entre diferentes crenças. A utilização da iconografia no livro reflete não apenas as crenças pessoais de Macedo, mas também atua como um instrumento de crítica e oposição às religiões afro-brasileiras, frequentemente marginalizadas na sociedade.

Portanto, nota-se a adoção de uma iconografia pejorativa em relação às religiões de matriz africana no livro “Orixás, Caboclos e Guias – Deuses ou Demônios?”. Nesta obra, símbolos associados a essas tradições são retratados de forma negativa, contribuindo para a narrativa da batalha espiritual, um tema central nas teologias neopentecostais. A forma como as imagens são utilizadas no livro evidencia a postura da Igreja Universal e de seus líderes perante as religiões afro-brasileiras. Além disso, o livro atua como um meio de proselitismo, empregando a dicotomia entre o bem e o mal como estratégia para atrair e converter novos adeptos.

2.4. A IURD de Crivella e seu manual de intolerância religiosa

O aumento dos movimentos pentecostais e neopentecostais no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, intensificou as tensões com as religiões de matriz africana devido à percepção de alguns de seus líderes e seguidores, que veem as práticas afro-religiosas como opostas às suas crenças, fomentando a intolerância. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de novembro de 2023¹⁴, mostram que, dos 124.529 templos religiosos no Brasil em 2021, 11% eram católicos, 19% evangélicos tradicionais, e 52% pertenciam às correntes pentecostal ou neopentecostal. Um estudo do Centro de Estudos da Metrópole de maio de 2023¹⁵, destaca o Rio de Janeiro como o estado com a maior densidade de igrejas evangélicas do país, com mais de 80 templos para cada 100 mil habitantes.

Nos últimos anos no Rio de Janeiro, frequentemente são registrados ataques, notadamente partindo de pessoas ligadas aos grupos evangélicos pentecostais e neopentecostais, a pessoas e organizações associadas às religiões afro-brasileiras. Manchetes como “Terreiro de umbanda é alvo de vandalismo em Realengo”; “Polícia prende 'Bonde de Jesus' que atacava terreiros de umbanda e candomblé”; e “Terreiro é destruído por traficantes na Cidade Alta” têm aparecido recorrentemente no cotidiano carioca, apontando para um fenômeno interconectado com outras forças e ações sociais e não apenas casos isolados. O panorama religioso do Brasil e mais especificamente da cidade do Rio de Janeiro são fundamentais para balizar e compreender os resultados desta pesquisa, porque os conflitos decorrentes da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira durante a gestão de Marcelo Crivella não podem ser analisados sem considerar o ambiente político, social e religioso do período na cidade.

As igrejas neopentecostais têm destaque no cenário religioso do Rio de Janeiro, onde a Igreja Universal do Reino de Deus, uma das principais instituições desse segmento¹⁶, foi fundada por Edir Macedo em 1977. Também no Rio, surgiu a Igreja Internacional da Graça de Deus, outra representante do movimento neopentecostal, fundada em 1980 por Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R. R. Soares, também tio de Marcelo Crivella. Estas igrejas são

¹⁴ Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12605/1/NT_123_Diset_crescimento_dos_estabelecimentos.pdf. Acesso em 4 de janeiro de 2024.

¹⁵ Disponível em: https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/cem_na_midia_anexos/NT20.pdf. Acesso em 4 de janeiro de 2024.

¹⁶ A IURD possui atualmente mais de 12 mil templos em 142 países dos cinco continentes, conforme informação do site da igreja. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/universal-45-anos-os-primeiros-passos-de-uma-conquista/>. Acesso em 6 de janeiro de 2024.

caracterizadas por uma teologia focada na "batalha espiritual", na qual o mal, frequentemente associado a entidades e práticas de religiões afro-brasileiras, é visto como algo a ser combatido. Esta perspectiva pode ser compreendida dentro de um contexto mais amplo de intolerância religiosa. Mariano (2005) aponta o *modus operandi* da IURD como ferramenta intencional de conversão de fiéis e ataque às religiões de matriz africana. O autor defende:

Se o ritual do exorcismo não é recente nos meios pentecostais, a Universal o exacerba nos cultos de libertação, concedendo ao Diabo e aos demônios, identificados às entidades e aos deuses das religiões afro-brasileiras e espíritas, destaque e importância sem precedentes. Tal guerra espiritual, além da vertente encabeçada pela Universal, caracterizada por dramatizações rituais de exorcismos coletivos para libertar e converter adeptos dos cultos afro-brasileiros e de outras religiões, manifesta-se também na Teologia do Domínio – baseada nas batalhas espirituais contra demônios hereditários e territoriais e na quebra de maldições de família, concepções doutrinadas forjadas e popularizadas pelo Fuller Theological Seminary no final dos anos 80 -, adotada pela maioria das igrejas neopentecostais. [...] a Teologia do Domínio ostenta igualmente um ideário de dominação sociopolítica (MARIANO, 2005, p. 43-44).

A partir desta visão do mundo e da religião, frequentemente líderes de grupos neopentecostais associam o diabo e os demônios descritos nas teologias cristãs às divindades cultuadas nas religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé. O discurso adotado por líderes da IURD frequentemente coloca as práticas afro-brasileiras como contrárias aos princípios cristãos, o que tem sido interpretado como uma forma de intolerância religiosa.

A tensão entre os grupos pentecostais e as religiões de matriz africana é um fenômeno já bastante conhecido e estudado pelos pesquisadores que, particularmente no Rio de Janeiro¹⁷, tem se transformado e se radicalizado a tal ponto que denúncias de agressões, destruição de templos e violências de toda espécie são registradas ano após ano, principalmente nas áreas periféricas da cidade e nos municípios da Baixada Fluminense, que atualmente constata a expansão de grupos criminosos declaradamente perseguidores de terreiros e de casas de culto afro. Sobre o assunto, Mariano (2005) afirma que:

Umbanda, candomblé e suas variantes regionais têm motivos palpáveis para temer a expansão do neopentecostalismo, visto que o objetivo da guerra espiritual é, além de converter os adeptos das religiões adversárias, fechar centros espíritas, tendas de umbanda e terreiros de candomblé existentes ao redor dos templos crentes. Isso decorre de seus propósitos expansionistas e de suas concepções doutrinárias, que superdimensionam a ação e o poder malignos do diabo no mundo, exacerbam o combate aos demônios e hipertrofiam a necessidade de libertação espiritual (MARIANO, 2005, p. 117).

O livro "Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?", escrito por Edir Macedo, alcançou um marco expressivo ao ultrapassar três milhões de exemplares vendidos desde sua primeira edição em 1995, publicada pela Unipro (Universal Produções), editora vinculada à

¹⁷ Número de ataques a cultos religiosos no Rio de Janeiro sobe 43%. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/01/ataques-a-cultos-religiosos-crescem-no-rio-de-janeiro.shtml>. Acesso em 6 de janeiro de 2024.

própria igreja¹⁸. A obra se destaca no panorama religioso brasileiro, não apenas pelo seu notável sucesso editorial, mas também pelas significativas controvérsias que suscitou.

A juíza Nair Cristina de Castro, da 4ª Vara da Justiça Federal da Bahia, determinou em novembro de 2005 a suspensão da venda do livro "Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?". Segundo a juíza, a obra "se mostra abusiva e atentatória ao direito fundamental, não apenas dos adeptos das religiões originárias da África e aqui absorvidas, culturalmente, como afro-brasileiras, mas da sociedade, no seu genérico prisma, que tem direito à convivência harmônica e fraterna, a despeito de toda a sua diversidade (de cores, raças, etnias e credos)". A sentença da magistrada obrigava a Igreja Universal do Reino de Deus e a editora Unipro a retirarem a obra do mercado, impondo uma multa diária de R\$ 50 mil caso houvesse descumprimento, além de prever as "sanções cíveis e criminais cabíveis"¹⁹.

Em setembro de 2006, a 6ª Turma do Tribunal Regional Federal da 1ª Região tomou uma decisão, por maioria de votos, a favor da continuação da circulação do livro de autoria do Bispo Edir Macedo. Durante o julgamento, a Turma reconheceu que, embora o conteúdo da obra apresentasse expressões e mensagens preconceituosas, era necessário salvaguardar o princípio da liberdade de pensamento, conforme estabelecido no artigo 5º da Constituição Federal. Esta decisão ressalta o equilíbrio entre a liberdade de expressão e a proteção contra discursos discriminatórios, destacando a complexidade inerente à interpretação e aplicação dos direitos e liberdades fundamentais no contexto jurídico brasileiro²⁰.

A decisão judicial de 2005, que determinou a suspensão da circulação do livro devido a seu conteúdo considerado preconceituoso contra as religiões afro-brasileiras, seguida pela posterior revogação dessa decisão em 2006, fundamentada na defesa da liberdade de expressão, ilustra as dinâmicas tensas e complexas relacionadas ao racismo religioso no Brasil. Estas decisões judiciais são reflexo de um embate contínuo entre a salvaguarda da liberdade de expressão e a urgente necessidade de enfrentar a discriminação e o racismo religioso em um país marcado por uma rica e profunda diversidade cultural e religiosa e que verifica, já há algumas dezenas de anos, um processo de crescimento da população que se identifica como evangélica, principalmente pentecostais e neopentecostais. Esses episódios jurídicos destacam

¹⁸ Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-acontece-quando-se-le-o-livro-orixas-caboclos-e-guias/>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

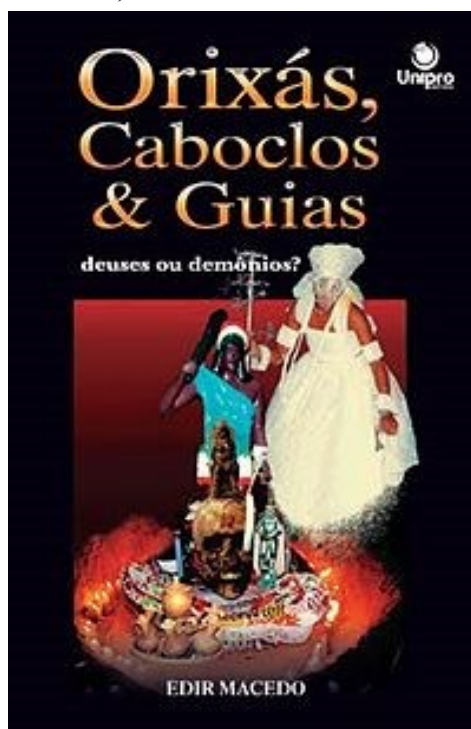
¹⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115122.shtml>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/30603/trf-1--regiao--encerrado-o-julgamento-do-livro-de-edir-macedo>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

o desafio constante de equilibrar direitos fundamentais em um contexto social e cultural diversificado.

Dados apresentados pelo IBGE, com base no censo de 2010, revelam que a cidade do Rio de Janeiro conta com uma significativa população evangélica, totalizando 1.477.021 adeptos, dos quais 794.006 estão vinculados a igrejas pentecostais e neopentecostais. Em contraste, o número de seguidores do candomblé, umbanda e outras religiões afro-brasileiras é registrado em 163.323 pessoas²¹. Além disso, o Censo 2022 do IBGE trouxe um dado relevante sobre a expansão evangélica na cidade. Dos dez municípios brasileiros com mais de 200 mil habitantes e maior concentração de templos evangélicos, oito estão localizados no Estado do Rio de Janeiro, sendo que sete deles integram a região metropolitana do Rio de Janeiro. Um levantamento realizado pelo instituto Data.Rio²², com base no censo de 2000, destacou que na Região Administrativa de Madureira, entre 15% e 19% da população dos bairros dessa localidade se identificavam como evangélicos. Esse dado evidencia o expressivo crescimento da presença evangélica na região.

Figura 10 - Livro "Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios"



Fonte: Estante Virtual.²³

²¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/pesquisa/23/22107>. Acesso em 10 de maio de 2024.

²² Disponível em: <https://www.data.rio/documents/2f911a2a05d24ea4a56ac808bdef3f35/about>. Acesso em 10 de maio de 2024.

²³ Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/edir-macedo/orixas-caboclos-e-guias-deuses-ou-demonios-/486327204>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

Além de refletir sobre questões religiosas, texto é um indicativo das complexas dinâmicas de poder e religiosidade que permeiam o contexto brasileiro. Distribuído amplamente nos mais de oito mil templos da Universal em todo o Brasil, o livro também foi traduzido para idiomas como espanhol, inglês, russo, alemão e francês. Esta vasta disseminação incluiu lançamentos em quase todos os países da América Latina e da África, além de algumas nações europeias, evidenciando seu impacto e alcance em um contexto global²⁴.

Macedo, em sua obra, argumenta vigorosamente contra as práticas de religiões afro-brasileiras, como o Espiritismo, Umbanda, Candomblé e Quimbanda, classificando-as como manifestações de "manobras satânicas". Ele atribui a estas religiões a origem de enfermidades, desavenças e vícios, colocando-as como vetores de malefícios à sociedade. Esta postura não apenas expressa uma oposição teológica, mas também revela uma dimensão de racismo religioso, onde práticas de matriz africana são estigmatizadas e marginalizadas.

A contracapa do livro "Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou demônios?" oferece um panorama acerca do conteúdo da obra, destacando a relevância da mensagem que ela propõe transmitir. De acordo com os editores responsáveis pelo texto, o livro tem como objetivo principal alertar os leitores sobre as supostas estratégias e artimanhas que, segundo a perspectiva do autor, seriam utilizadas pelo diabo para disseminar problemas de saúde e diversos tipos de adversidades entre as pessoas. Em sua estrutura, o livro traz títulos de capítulos que se referem de modo negativo a elementos das religiosidades afro-brasileira, tais como: "Nomes usados pelos demônios"; "Possessão e encostos"; "O desenvolvimento"; "Enganos demoníacos"; "Trabalhos e despachos"; "Macumba pega?"; "Ação da igreja x ação dos demônios"; "Poder contra os exus e todos os demônios"; "O que todo ex-macumbeiro deve saber?". O texto da contracapa apresenta a mensagem:

Creio ser impossível a um praticante do espiritismo ler este livro e continuar na sua prática. Acredito também ser difícil a um cristão ler este livro e continuar a professar uma fé descuidada e estagnada. Todas as áreas do demonismo são postas à descoberta neste livro; todos os truques e enganos usados pelo diabo e seus anjos para iludir a humanidade são revelados. O leitor será esclarecido sobre a origem das doenças, desavenças, vícios e de todos os males que assolam o ser humano. Este livro deve ser lido com o coração aberto, pois as verdades nele apresentadas chegam a ser chocantes e inacreditáveis. (OS EDITORES, 1995)

O neopentecostalismo, movimento ao qual Macedo é amplamente associado, tem um papel crucial na configuração do racismo religioso no Brasil. Caracterizado por uma teologia da prosperidade e práticas intensivas de exorcismo, esse movimento se coloca frequentemente em oposição direta às religiões de matriz africana, considerando-as heréticas ou demoníacas.

²⁴ Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-acontece-quando-se-le-o-livro-orixas-caboclos-e-guias/>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

Esta postura, difundida por meio da mídia e campanhas evangelizadoras, tem contribuído significativamente para a intolerância religiosa no país.

A decisão judicial de 2005 que ordenou a retirada do livro de circulação, devido ao seu conteúdo preconceituoso contra religiões afro-brasileiras, e a subsequente reversão dessa decisão em 2006, sob a alegação de liberdade de expressão, reflete as tensões e complexidades envolvendo racismo religioso no Brasil. Estas decisões judiciais evidenciam a luta contínua entre a proteção da liberdade de expressão e a necessidade de combater a discriminação e o preconceito religioso, em um país de profunda diversidade religiosa e cultural.

A demonização das religiões afro-brasileiras pelos movimentos neopentecostais, exemplificada no livro de Edir Macedo, não é um fenômeno isolado. Insere-se em um contexto histórico mais amplo de racismo no Brasil, onde práticas religiosas africanas e afro-brasileiras têm sido historicamente marginalizadas e desvalorizadas. Este racismo religioso está intrinsecamente ligado às estruturas sociais e históricas do país, refletindo desigualdades e preconceitos enraizados na sociedade brasileira.

O livro “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?”, que teve mais de três milhões de exemplares vendidos e distribuídos pelo país, teve um papel importante na ratificação de ideias preconceituosas e intolerantes contra religiões de matriz africana. De certo que, dada sua significativa tiragem e repercussão, a publicação tenha contribuído para a construção de uma imagem negativa de figuras ligadas às tradições religiosas afro-brasileira. No que tange os conflitos gerados entre a gestão de Crivella e organizadores da festa no Mercadão de Madureira, ambientada no Rio de Janeiro, cidade com frequentes registros de intolerância religiosa contra adeptos e templos de religiões de matriz africana, dois trechos emblemáticos de como Iemanjá e outros orixás são retratados no livro de Edir Macedo foram selecionados para exemplificar a propagação de ideias preconceituosas e intolerantes presentes na publicação:

No candomblé, Oxum, Iemanjá, Ogum e outros demônios são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue, para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. [...] Os espíritos imundos têm desejos que só os seres humanos podem satisfazer. Por exemplo, gostam de ser adorados. Somente o homem tem condições de praticar a adoração. Para que sejam adorados, há necessidade de serem identificados pelos seus adoradores. O que a maioria dos espíritas não sabe é que uma entidade pode se apresentar de diversas maneiras e usar os mais diversos nomes. (MACEDO, Edir, 2004. p. 14-45)

Figura 11 – Iemanjá retratada no livro de Macedo



*Iemanjá, na umbanda,
é a mesma virgem Maria
da religião católica.
Muitos outros “santos”
são associados aos demônios*

Fonte: Livro “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?”²⁵

Esta tendência de compreensão equivocada e, em alguns casos, até ilícita, sobre religiões distintas, notadamente aquelas enraizadas nas tradições afro-brasileiras, é mais frequentemente identificada nas práticas teológicas de denominações como a Igreja Universal, alinhadas ao movimento neopentecostal. Este segmento religioso tem se dedicado, por mais de três décadas no Brasil, a uma estratégia de inserção em cargos políticos e influência nas esferas públicas. Um exemplo ilustrativo do interesse político deste grupo é a comparação entre os resultados eleitorais de 1994, quando a IURD, utilizando-se de diferentes legendas partidárias, logrou eleger seis deputados federais²⁶, e os resultados das eleições de 2022, ocasião em que o partido Republicanos, associado à IURD, conseguiu eleger 41 deputados²⁷.

O aumento da presença de políticos ligados à IRUD no parlamento federal serve apenas como ilustração do avanço da participação ativa e da influência dos movimentos neopentecostais na política no Brasil. De mesmo modo, outros tantos políticos ligados ao Republicanos e à igreja ocuparam no passado, e ocupam atualmente, cargos em outras esferas de poder, como foi o caso de Crivella, então senador da República pelo mesmo partido, que foi

²⁵ MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Universal Produções. São Paulo. 2004.

²⁶ Igreja Universal elege bancada de 6 deputados e supera PRN e PSB. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/16/brasil/47.html>. Acesso em 13 de janeiro de 2024.

²⁷ Republicanos mantém crescimento nestas eleições e está entre as 10 maiores siglas. Disponível em: <https://republicanos10.org.br/nacional/republicanos-elege-41-deputado-federais-2-senadores-e-1-governador/>. Acesso em 13 de janeiro de 2024.

eleito prefeito do Rio de Janeiro. Em alguns casos, o aumento da participação de representantes desse movimento religioso nos espaços de poder na política, tem influenciado os debates públicos com suas ideologias, que por vezes disseminam desinformação e racismo religioso.

Com representação política crescente e forte presença nos meios de comunicação, esses movimentos utilizam sua plataforma para promover uma agenda que frequentemente marginaliza e demoniza religiões de matriz africana. Este fenômeno reflete questões religiosas, políticas e sociais, onde o poder e a influência são empregados para favorecer determinadas visões religiosas em detrimento de outras. O impacto dessa dinâmica é sentido de maneira aguda pelas comunidades praticantes de religiões afro-brasileiras. Relatos de violência verbal e física, vandalismo contra templos e discriminação contra seus praticantes têm se tornado recorrentes na cidade do Rio de Janeiro e foi nesse contexto que Marcelo Crivella foi eleito prefeito em 2016.

2.5. A política em torno da festa

A interconexão entre as Festas de Iemanjá do Mercado de Madureira e o panorama político do Rio de Janeiro se desenha de maneira evidente ao analisar-se a evolução histórica do evento desde sua instauração no ano de 2003. Esta correlação é caracterizada por uma dualidade: de um lado, observa-se o apoio institucional e individual proveniente de figuras políticas e agentes públicos da gestão municipal, essencial para a concretização e o desenvolvimento da festividade, por outro lado, emergem conflitos entre os organizadores do evento e o poder público, tendo tais desavenças ganhado maior dimensão e visibilidade durante a gestão do prefeito Marcelo Crivella.

Em termos positivos, o suporte obtido pelos organizadores do evento desempenhou um papel fundamental, possibilitando que a festa se firmasse expandisse sua escala, garantido a eles os recursos necessários para acompanhar tal crescimento. Em contrapartida, os conflitos documentados nesta pesquisa são majoritariamente marcados por decisões administrativas que afetaram de forma adversa a realização do evento, culminando, inclusive, na suspensão de seu elemento mais importante no ano de 2019, a carreata que atravessa a cidade do Rio de Janeiro de Madureira até a Praia de Copacabana.

A coexistência de apoio e antagonismo delinea a intrincada tessitura das relações entre o poder público e as manifestações culturais de matriz africana na cidade do Rio de Janeiro, com especial enfoque no período aqui abordado. Esta dinâmica reflete, por um lado, o reconhecimento da relevância dessas celebrações para a identidade cultural carioca e, por outro,

as tensões que perpassam os âmbitos social, político e administrativo da metrópole. A análise ganha contornos particulares ao considerarmos o apoio recebido pelo prefeito Marcelo Crivella de seu eleitorado, majoritariamente evangélico, em um contexto marcado pelo acirramento das relações e por recorrentes casos de intolerância religiosa, vivenciados na cidade entre os anos de 2017 e 2020. As fricções entre a prefeitura do Rio e os organizadores da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira emergem, assim, como um prisma analítico relevante para compreender o panorama geral da cidade no tocante à diversidade religiosa e à equidade de culto.

No rol de ações institucionais que beneficiaram essas festas, encontram-se as legislações municipais que reconheceram sua importância social e cultural para a cidade do Rio de Janeiro. A inclusão do Dia de Iemanjá no calendário oficial de eventos do município do Rio de Janeiro ocorreu através da sanção à Lei Municipal nº 4516, de 25 de maio de 2007, sancionada pelo então prefeito Cesar Maia. A lei trouxe já em seu título a determinação da data do evento, “a ser comemorado no dia 29 de dezembro de cada ano” e representou um passo importante na legitimação das celebrações para Iemanjá na cidade, conferindo aos eventos que haviam ficado dispersos no mês de dezembro, como afirmou Mãe Miriam, maior unidade ao determinar o dia 29 de dezembro como data oficial. A autoria do projeto de lei pertence ao então vereador Átila Nunes Neto, filho de Átila Nunes, político carioca reconhecido por seu papel ativo na promoção das culturas e religiões de matriz africana. Sillman afirmou em entrevista que a ideia de oficializar as comemorações para Iemanjá no calendário de eventos do Rio a partir de uma lei municipal foi sua e que, contando com sua proximidade com Átila Nunes, definiu uma data para o evento e conseguiu a criação do projeto de lei, assinado pelo filho de seu aliado político, que deu origem à Lei nº 4516/2007. Sillman comenta: “quando eu criei a lei, eu criei a lei, mas tive que arrumar um vereador, eu arrumei o Atila, e o Atila fazia parte desse contexto [...] falei, preciso de uma data, 29”.

A data escolhida por Sillman e chancelada por Nunes em seu projeto de lei definiria não apenas o dia em que o Mercado de Madureira realizaria sua celebração para Iemanjá em Copacabana, mas sim o “Dia de Iemanjá” na cidade do Rio de Janeiro, como o texto da lei determina, aqui está a encruzilhada de percepções sobre o que é a festa do mercado – e seus desdobramentos junto à prefeitura – e o que é o dia de Iemanjá e as muitas celebrações que ocorrem nas praias do Rio de Janeiro nesse dia e ao longo de todo mês de dezembro. Hélio afirma que “[...] dia vinte e nove se você for lá na Riotur no calendário oficial da cidade como

carnaval, como outros rituais, está lá, vinte e nove dia dos festejos de iemanjá, está lá, é obrigado a separar um dinheirinho para a gente” (SILLMAN, 2022).

Figura 12 – Deputado Átila Nunes participa da Festa de Iemanjá em 2005



Fonte: Facebook da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira²⁸

Esse fato demonstra em primeiro plano as imbricadas relações entre a Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira e o cenário político carioca, sem elas seria difícil imaginar a estruturação e o crescimento tão rápidos desse evento. Por outro lado, fica evidente que há uma clara confusão, do ponto de vista dos organizadores da festa do Mercadão sobre o papel da prefeitura do Rio na realização desse evento especificamente, levando em consideração que o texto das legislações que incluem o dia 29 de dezembro como data comemorativa no calendário de eventos da cidade cita o “Dia de Iemanjá”, não uma festividade especificamente.

No ano de 2010, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro adotou aprovou a Lei Municipal nº 5146, datada de 7 de janeiro. Esta lei, sob o título "Dispõe sobre a Consolidação Municipal referente a Eventos, Datas Comemorativas e Feriados da Cidade do Rio de Janeiro e Institui o Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas da Cidade do Rio de Janeiro", revogou a Lei Municipal nº 4516 de 25 de maio de 2007, mas manteve e reafirmou a celebração do dia 29 de dezembro como a data comemorativa de Iemanjá na cidade do Rio. Este ato legislativo foi sancionado pelo então prefeito, Eduardo Paes, em seu primeiro mandato à frente da cidade,

²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=313602658678386&set=a.313598628678789>. Acesso em 03 de janeiro de 2024.

consolidando a importância dessa data no contexto cultural e religioso da cidade, e destacando a trajetória de valorização das manifestações afro-brasileiras na capital carioca, particularmente no âmbito de celebrações para Iemanjá.

Durante o segundo mandato do prefeito Eduardo Paes, um passo significativo foi dado no reconhecimento público das tradições de cultuar Iemanjá nas praias do Rio de Janeiro no final de cada ano. O Decreto Municipal nº 35020, de 29 de dezembro de 2011 – na mesma data em que foi realizada uma das maiores edições da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira –, declarou as celebrações de Iemanjá, realizadas tradicionalmente nas praias cariocas, como Patrimônio Cultural Carioca. No ano seguinte, por meio do Decreto nº 35862 de 04 de julho de 2012, Paes declarou o Mercado de Madureira patrimônio cultural carioca de natureza imaterial.

O documento formalizou a importância cultural dessas festividades, como destacou a relevância da herança africana e suas práticas religiosas no tecido social e cultural do Rio de Janeiro. Ao conferir o título de Patrimônio Cultural Carioca às festas de Iemanjá, a administração municipal demonstrou um comprometimento com a preservação e valorização da diversidade cultural e das expressões religiosas afro-brasileiras na cidade. O texto do Decreto nº 35020 realça o papel das Festas de Iemanjá em unir diversas identidades religiosas sob um espírito de fraternidade e solidariedade, enfatizando sua capacidade de promover uma identificação cultural coletiva.

Decreto Rio de Janeiro nº 35.020 de 29 de dezembro de 2011. Declara patrimônio cultural carioca as festas que cultuam Iemanjá realizadas nas praias da cidade do Rio de Janeiro. O Prefeito da Cidade do Rio De Janeiro, no uso de suas atribuições legais e; considerando que as festas religiosas em culto a Iemanjá são uma comemoração tradicional do Candomblé e da Umbanda realizadas nas praias da Cidade do Rio de Janeiro; considerando que o sincretismo religioso é uma forma de expressão da cultura afro-brasileira; considerando que, mesmo de caráter religioso específico, as festas de Iemanjá agregam cidadãos de diferentes identidades religiosas, irmanando-os num mesmo propósito de fraternidade solidária e identificação cultural; considerando a necessidade de se preservar a memória cultural através do registro dos seus modos de fazer e de celebrar; considerando o pronunciamento do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural, através do processo nº 12/000.101/2010, decreta: Art. 1º Ficam declaradas Patrimônio Cultural Carioca as festas que cultuam Iemanjá, realizadas nas praias da cidade do Rio de Janeiro, nos termos do § 1º do art. 4º do Decreto nº 23.162, de 21 de julho de 2003. (DECRETO Rio de Janeiro nº 35020, 2011).

Invariavelmente, em todas as edições, a presença de dois elementos são fundamentais para garantir a execução da carreata, etapa da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira que a diferencia de outras celebrações para a deidade na cidade do Rio de Janeiro, o caminhão que transporta a imagem em tamanho real de Iemanjá e o carro de som onde ogãs e curimbeiros, equipados com seus tambores, microfones e demais instrumentos musicais, cantam e tocam as

músicas que embalam todo cortejo. Na edição de 2022, observou-se na lataria do carro de som do evento as inscrições “Projeto Dionísio Lins”.

Dionísio Lins, do Partido Progressista (PP), é um conhecido político da cidade do Rio de Janeiro, possui forte vínculo com as regiões suburbanas da cidade, sobretudo Madureira, que constitui sua principal base eleitoral. Atualmente, ele exerce o cargo de deputado estadual do Rio de Janeiro, cumprindo seu quinto mandato. Sua esposa, Vera Lins, é vereadora do município do Rio. Em sua conta oficial do Instagram, Dionísio Lins se autodenomina como um orgulhoso “suburbano” e “imperiano”²⁹. Na página “Ficha completa” do deputado no site da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), o texto de apresentação de Lins o descreve como “Representante do bairro de Madureira, Dionísio Lins é grande benemérito do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano e benemérito do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela”³⁰. É de Lins a autoria do projeto de lei 370/2011 que deu origem à Lei nº 6.403 de 08 de março de 2013, que concede o nome de Mercadão de Madureira à antiga estação ferroviária de Magno, localizada no bairro de Madureira.

Lins é também o autor da Lei nº 8189, de 30 de novembro de 2018, que declara como bem imaterial do Estado do Rio de Janeiro o mercadão de Madureira. A contribuição do Deputado Estadual Dionísio Lins, assim como a de outros políticos, como Átila Nunes, para a realização da Festa de Iemanjá do Mercadão é recorrente desde as primeiras edições e revela o significativo enraizamento da celebração no cenário social do subúrbio e da cidade como um todo, a ponto de figuras políticas interessarem-se por participar dessa manifestação ou associarem sua imagem e seu nome à festa de alguma forma. Reconhecido por seu incentivo a projetos culturais em Madureira e região, Dionísio Lins dá apoio à organização da festa contribuindo com o carro de som – adesivado com seu nome e rosto. A festa torna-se para o político um palanque de onde quem participa do evento o enxerga como benfeitor, dessa forma, Lins se beneficia da visibilidade do evento para fortalecer sua presença entre os eleitores daquela localidade.

²⁹ Perfil oficial de Dionísio Lins no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/dionisiolinsoficial/>. Acesso em 23 de novembro de 2023.

³⁰ Ficha completa do deputado Dionísio Lins. Site da ALERJ. Disponível em: <https://www.alerj.rj.gov.br/Deputados/PerfilDeputado/291?Legislatura=18>. Acesso em 23 de novembro de 2023.

Figura 13 - Caminhão de som de Dionísio Lins cedido para a festa em 2022



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Outro elemento prático necessário para a realização da carreata da festa é o trabalho de controle do trânsito e organização das vias públicas ao longo do trajeto. Devido ao tamanho da fila de veículos que se forma e à baixa velocidade com que se deslocam pela cidade, o monitoramento e controle do tráfego é essencial para que não ocorram congestionamentos que inviabilizem o deslocamento de outras pessoas, considerando que a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira ocorre sempre no dia 29 de dezembro, mesmo quando essa data é um dia útil. Da mesma forma, a ação de controle de estacionamento na orla de Copacabana requer atenção, dada a quantidade de ônibus envolvidos.

A quantidade de veículos que se desloca de Madureira à orla da praia de Copacabana durante a festa inclui o caminhão que transporta a grande estátua de Iemanjá e as dezenas de oferendas recolhidas nas lojas durante o primeiro ciclo da festa, carro de som com cantores e percussionistas, vários ônibus que levam os participantes do evento e muitos carros particulares. O volume de veículos nas ruas seguindo a procissão de Iemanjá até Copacabana causa grande impacto no trânsito por todos os bairros onde passa e, para que todo o trajeto seja percorrido sem maiores transtornos para a cidade para os participantes da festa, uma equipe de agentes da Guarda Municipal do Rio de Janeiro é deslocada para Madureira e para pontos estratégicos do caminho até a praia para acompanhar o evento. Toda essa estrutura exige um significativo trabalho de controle de tráfego, evitando que grandes engarrafamentos ocorram no decorrer do

percurso que é feito em quase duas horas, atravessando vários bairros da Zona Norte, centro e Zona Sul, até chegar ao Posto 4 da Praia de Copacabana.

Figura 14 - Hélio Sillman conversa com guardas municipais em 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Para assegurar a eficácia das medidas de regulação do trânsito durante eventos significativos, como a Festa de Iemanjá no Mercadão de Madureira, a Guarda Municipal do Rio de Janeiro, através de seu Batalhão de Motociclistas, desempenha um papel crucial. Nesta ocasião, especificamente no dia 29 de dezembro de 2022, um destacamento composto por doze agentes, sob a supervisão do oficial Aires, foi designado para liderar a carreata. A equipe, responsável por fornecer batedores e assistentes ao longo da rota, assegura a fluidez e a segurança do tráfego. A realização dessas operações, contudo, depende intrinsecamente do apoio da prefeitura do Rio de Janeiro, especialmente na liberação de pessoal qualificado para tais funções, evidenciando uma colaboração essencial entre a administração municipal e os órgãos de segurança pública.

Na entrevista concedida para a presente pesquisa, o Supervisor da Guarda Municipal, encarregado da coordenação da equipe de agentes, Aires, elucidou o procedimento pelo qual recebeu as ordens de seus superiores para a atuação no evento. Adicionalmente, ele expôs sua perspectiva acerca do papel fundamental desempenhado pela Guarda Municipal durante o acontecimento.

Nós recebemos uma ordem de serviço, né, por meio do nosso comandante, por meio da coordenação de operações especiais, eles demandaram para a gente essa missão aqui, a nossa missão aqui hoje é muito simples, garantir a integridade do comboio, fazendo a escolta do traslado dos ônibus, do caminhão de som e da imagem daqui até Copacabana (AIRES, 2022).

É interessante observar a sutileza do que é dito pelo supervisor da guarda municipal quando ele fala em “garantir a integridade do comboio”, reflexões sobre os recorrentes casos de ataques de intolerantes às religiões de matriz afro-brasileira e aos seus adeptos no Rio de Janeiro surgem quase que automaticamente. Para o agente, a função da Guarda ali não é apenas a de controlar o trânsito nas vias públicas pelas quais a carreata passará, mas também proteger os participantes, os equipamentos, veículos e a imagem de Iemanjá que atravessa a cidade na caçamba do caminhão com seus presentes e garantir que todos e tudo cheguem sem riscos a Copacabana.

Durante a entrevista com Aires, emergiu em meus pensamentos um episódio controverso e simbólico da administração de Marcelo Crivella que envolveu a Guarda Municipal do Rio de Janeiro. Este fato foi reportado pelo jornal "O Dia" em agosto de 2017. Naquela conjuntura, a Prefeitura do Rio de Janeiro promoveu um censo entre os membros da Guarda Municipal. De acordo com a reportagem, este censo possuía caráter obrigatório e tinha como foco exclusivo a investigação das práticas religiosas dos integrantes da guarnição³¹. Em mais um caso, os conflitos político-religiosos naquela gestão ganharam visibilidade na mídia, expondo as tensões relacionadas ao tema nas esferas de poder do Rio de Janeiro.

Aproveitando a súbita conexão entre os assuntos que me ocorreu, perguntei ao agente qual era sua opinião sobre a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, no que ele respondeu assim:

Eu particularmente prefiro não expor opinião acerca desse evento, tal qual é um evento bastante importante para a religião de matriz africana, então para eles, acredito eu, que seja um motivo de muito orgulho, inclusive foi o que a senhora ali acabou de falar agora, inclusive ela se emocionou de poder estar participando desse evento (AIRES, 2022).

Aires manifesta uma opinião favorável à celebração da festa, sugerindo uma percepção positiva quanto à realização do evento. Contudo, sua resposta transmite simultaneamente uma apreensão velada ao expressar seu ponto de vista. De forma interessante, o supervisor da Guarda não atribui diretamente a si o valor da festa, mas o transfere a uma senhora que, segundo ele, expressou emoção ao participar do evento. Essa estratégia de comunicação pode ser interpretada como uma forma de mitigar a responsabilidade de sua opinião, refletindo as complexas interações entre as esferas política e religiosa no Rio de Janeiro.

Conforme as declarações de Aires, constata-se que as mencionadas dinâmicas geram um clima de perceptível tensão, impactando de forma particular os agentes municipais situados

³¹ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-08-09/informe-a-polemica-do-censo-religioso.html>. Acesso em 01 de dezembro de 2023.

no coração dessas relações, frequentemente caracterizadas por conflitos, especialmente aquele grupo trabalhando ali na Festa de Iemanjá. O emprego da metodologia historiográfica oral, nesse contexto, torna-se essencial para sondar essas experiências pessoais dos participantes das festividades em suas variadas esferas de atuação. A abordagem possibilita também o desvelamento das complexidades e sutilezas inerentes às práticas religiosas e às vivências trabalho e de fé, evidenciando a interconexão destas com aspectos de identidade cultural, políticas públicas e manifestações de resistência social. Desse modo, proporciona-se uma análise mais aprofundada e detalhada dessas interações.

Apresentadas as participações direta e indireta de políticos do Rio de Janeiro na condução da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira, bem como em legislações e decisões oficiais tanto da Prefeitura do Rio quanto da Câmara de Vereadores e da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, é possível afirmar que esse evento também desempenha um papel como arena de disputas políticas na cidade. O fato é especialmente pronunciado para políticos cujas agendas priorizam a preservação da cultura afro-brasileira, assim como para aqueles mais conectados ao subúrbio carioca. Tais disputas alcançaram uma intensidade considerável durante a gestão de Marcelo Crivella, que colocou diretamente em campos opostos os políticos associados às tradições afro-brasileiras e o prefeito do Rio, que mantinha laços estreitos com a Igreja Universal.

2.6. Eleições 2016 – a vitória de Crivella

A carreira política de Marcelo Crivella teve início no ano de 2002, quando foi eleito para o Senado Federal, representando o estado do Rio de Janeiro. Nessa eleição, Crivella recebeu 1.106.161 votos³² na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, em 2006, o político concorreu ao cargo de governador do estado, obtendo o terceiro lugar, enquanto o vencedor foi Sérgio Cabral. Em sua última tentativa ao governo estadual, em 2014, Crivella foi derrotado por Luiz Fernando Pezão. Além de suas incursões eleitorais.

Crivella ocupou ainda o cargo de ministro da Pesca e Aquicultura durante o primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff, entre março de 2012 e março 2014. Em entrevista à Revista Veja, publicada em 29 de fevereiro de 2012, sobre sua nomeação para o ministério, Marcelo Crivella declarou: “A presidente pode contar com o apoio dos evangélicos [...] Sendo integrante da bancada evangélica e fazendo parte do grupo dos assessores diretos da

³² Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/maiores-votacoes?p0_abrangencia=Munic%C3%ADpio&clear=RP&session=13133774836609. Acesso em 09 de maio de 2024.

Presidência, acho que poderei ser, sim, um canal para estreitar os laços”³³. Dessa forma observa-se que o político, em sua vida pública, atuou como representante de um segmento religioso não fazendo questão de separar explicitamente as duas áreas.

Após uma disputa eleitoral polarizada e turbulenta, Marcelo Crivella, então filiado ao Partido Republicano Brasileiro (PRB), e bispo licenciado da IURD, venceu as eleições municipais no Rio de Janeiro em 2016, recebendo 59,36% dos votos válidos, o que equivale a 1.700.030 votos, contra seu concorrente no segundo turno, Marcelo Freixo, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que obteve 40,64% dos votos válidos, o equivalente a 1.163.662 votos³⁴. Houve ainda um número expressivo de abstenções naquela eleição, na qual 1.314.950 pessoas deixaram de comparecer às urnas, o equivalente a 26,85% do eleitorado da cidade do Rio. Esse resultado foi conquistado em sua terceira tentativa de eleição para a prefeitura do Rio. Na primeira, em 2004, Crivella ficou em segundo lugar no pleito, perdendo a vaga para César Maia. Em 2008, ficando na terceira colocação, o político não conseguiu chegar ao segundo turno, composto por Fernando Gabeira e Eduardo Paes, eleito na ocasião.

No auge de sua campanha para a prefeitura do Rio de Janeiro, o jornal O Globo publicou, em 16 de outubro de 2016³⁵, uma matéria que expôs mensagens de Crivella em seu livro "Evangelizando a África", editado em 2022 pela Editora Universal. Nessas mensagens, Crivella atacou a Igreja Católica e outras religiões do continente africano, afirmando que abrigam "espíritos imundos" e sugerindo que as tradições africanas permitem comportamentos imorais, inclusive envolvendo crianças. A reportagem também destacou que, na introdução da edição brasileira do livro de Crivella, os sacerdotes africanos são rotulados como "feiticeiros e bruxos, conhecidos no Brasil como pais, mães e filhos-de-santo".

Após anos de persistência, Crivella venceu em uma cidade dividida, sendo a questão religiosa um dos principais pontos de incerteza em relação a sua condução em pautas tradicionalmente desafiadoras para parte dos evangélicos, entre as quais a influência das tradições afro-brasileiras na cultura carioca e suas expressões. Em seu discurso de vitória, Crivella incluiu católicos, espíritas, umbandistas, adeptos do candomblé e aos não religiosos

³³ VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/crivella-diz-que-sera-canal-entre-governo-e-evangelicos>. Acesso em 09 de maio de 2024.

³⁴ Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/resultado-da-elei%C3%A7%C3%A3o?p0_turno=2&session=13133774836609. Acesso em 04 de maio de 2024.

³⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/em-livro-crivella-ataca-religoes-homossexualidade-terrivel-mal-20296731>. Acesso em 15 de maio de 2024.

em seus agradecimentos e afirmou ter superado "uma grande onda de preconceito alimentada durante a campanha eleitoral"³⁶. Palavras que delineavam certo clima de tensão nessa área.

Por outro lado, porém, a adesão de evangélicos à campanha de Crivella à Prefeitura do Rio em 2016 foi bastante expressiva e um fato inusitado envolvendo o pastor Silas Malafaia, apoiador do candidato, ilustrou o apoio recebido desse segmento do eleitorado. Malafaia que é líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo escreveu em seu perfil na rede social Twitter frases exaltadas como "Parabéns Cristãos" a "Chora capeta" em comemoração pela vitória de Crivella, como foi divulgado pelo Portal UOL Notícias em publicação do dia 30 de outubro de 2016³⁷. A manifestação de Malafaia endossa o clima acirrado durante aquela disputa eleitoral, com questões religiosas ocupando um papel central no pleito.

No entanto, apesar da polarização que caracterizou a campanha eleitoral, a vantagem de Crivella sobre seu concorrente foi incontestável. Ele venceu o segundo turno com uma diferença de mais de meio milhão de votos. Os eleitores de Madureira seguiram a tendência de outros bairros do subúrbio da zona norte e optaram pelo candidato do PRB. Conforme o Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE-RJ), o bairro de Madureira está dividido em três zonas eleitorais, que incluem também bairros circunvizinhos, e Marcelo Crivella venceu em todas elas: na 10^a, obteve 16.289 votos; na 118^a, 15.906 votos foram registrados para Crivella; e na 218^a, Crivella recebeu 18.561 votos³⁸. Marcelo Freixo, por sua vez, registrou 13.566 votos na 10^a zona eleitoral, 10.220 na 118^a e 13.063 na 218^a. Ao fim daquela disputa, Crivella venceu em 71 zonas eleitorais e Freixo, em apenas 26, a maioria delas na zona sul da cidade³⁹.

A chegada de Crivella à Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016 estreou um capítulo inédito na história recente da política da cidade, no qual uma pessoa tão próxima a uma igreja evangélica ocuparia o cargo mais importante do Executivo Municipal. A acalorada campanha eleitoral daquele ano seria o prenúncio de um período maior de uma oposição muito intensa entre seus defensores e seus críticos.

³⁶ G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/eleicoes/2016/noticia/2016/10/marcelo-crivella-do-prb-e-eleito-prefeito-do-rio.html>. Acesso em 09 de maio de 2024.

³⁷ UOL Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/10/30/com-chora-capeta-silas-malafaia-comemora-eleicao-de-crivella.htm>. Acesso em 09 de maio de 2024.

³⁸ Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/maiores-votacoes?p0_zona=118&p0_uf=RJ&session=108713332803090. Acesso em 09 de maio de 2024.

³⁹ G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/no-rio-crivella-vence-em-71-zonas-eleitorais-e-freixo-em-26.html>. Acesso em 09 de maio de 2024.

2.7. O bispo no poder

O PRB de Crivella em 2016 tinha suas origens diretamente ligadas à Igreja Universal, a sigla foi originalmente fundada em dezembro de 2003, sob a denominação de Partido Municipalista Renovador (PMR). A iniciativa de fundar o PMR, sob a influência direta dos bispos da IURD, foi um projeto da denominação. Conforme informações levantadas pelo jornal Folha de São Paulo⁴⁰, a coleta das assinaturas necessárias para a oficialização do partido, estimadas em aproximadamente 400 mil, ocorreu predominantemente nas entradas dos templos da Universal, logo após a realização dos cultos. Esta iniciativa foi capitaneada, na época, pelo então bispo da igreja, Vitor Paulo Araújo dos Santos. Posteriormente, em 14 de março de 2006, o PMR passou a ser chamado de Partido Republicano Brasileiro (PRB), conforme a Resolução TSE nº 22.167. Esta transformação culminou, em 28 de agosto de 2020, na autorização do TSE para a adoção de seu nome atual, Republicanos⁴¹.

A trajetória do partido está associada a figuras importantes de organizações de Edir Macedo, como a IURD e a TV Record. Vitor Paulo Araújo dos Santos, membro fundador do PMR e seu primeiro presidente nacional é ex-diretor da TV Record e atualmente bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus. Em 2010, representando o PRB, foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro. Marcos Pereira, também bispo licenciado da Igreja Universal, sucedeu-o na presidência do PRB, sendo uma figura central no partido. Pereira, que foi vice-presidente da Rede Record até 2009, ocupou o cargo de Ministro da Indústria e Comércio Exterior de 2016 a 2018. Nas eleições de 2018, foi eleito deputado federal pelo PRB e serviu como vice-presidente da Câmara dos Deputados durante o biênio 2019-2020. Marcos Pereira é o atual Presidente Nacional do Republicanos.

Com essas conexões entre sua carreira política e sua atuação como membro da IURD, Crivella teve desde sua campanha eleitoral para a prefeitura do Rio o seu nome envolvido em polêmicas que o vinculavam a possível imparcialidade de sua atuação como futuro prefeito da cidade nos assuntos que envolvessem religiões de matriz africana. Já durante o seu mandato como prefeito do Rio de Janeiro (2017-2020), Marcelo Crivella teve sua gestão marcada por uma série de polêmicas envolvendo acusações de intolerância contra as religiões de matriz africana e perseguições a manifestações culturais ligadas às origens afro-brasileiras.

⁴⁰ Igreja Universal vai criar partido político. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1301200515.htm>. Acesso em 07 de janeiro de 2024.

⁴¹ História do Republicanos. Disponível em: <https://republicanos10.org.br/nossa-historia/>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.

Crivella foi frequentemente acusado de promover uma agenda que favorecia explicitamente a denominações evangélicas, em detrimento de outras tradições religiosas, notadamente as afro-brasileiras. Este cenário gerou debates acalorados sobre o papel da administração municipal na promoção da equidade religiosa e no respeito à diversidade cultural e espiritual, fundamentais em uma sociedade democrática e pluralista como a brasileira.

Logo no início de sua gestão, em fevereiro de 2017, Marcelo Crivella adotou uma postura que rompeu com uma longa tradição carioca, na qual o prefeito entrega simbolicamente a chave da cidade ao Rei Momo⁴². Esse ato, que data pelo menos da década de 1970, simboliza a autoridade do Rei Momo sobre o Rio de Janeiro durante o período do carnaval e marca oficialmente o início da folia⁴³. A decisão de Crivella de não realizar esse ritual emblemático foi interpretada como um indicativo contundente de sua postura frente ao Carnaval e outras expressões culturais associadas às tradições afro-brasileiras.

De fato, enquanto esteve à frente da prefeitura, Crivella nunca fez a entrega simbólica da chave ao Rei Momo na abertura do carnaval carioca, mesmo quando esteve presente na cerimônia, designou outras pessoas para a função⁴⁴. A atitude do prefeito, ao se distanciar dessa cerimônia representativa da cultura e do espírito festivo do povo carioca, foi vista como uma clara mensagem sobre a linha de conduta que sua administração adotaria em relação a essas manifestações culturais.

A atitude de Marcelo Crivella de se afastar das celebrações do Carnaval se acentuou em junho de 2017, quando ele anunciou uma redução de 50% na subvenção financeira oferecida pela Prefeitura às escolas de samba do Grupo Especial. Essa decisão provocou uma crise no universo carnavalesco da cidade. Em resposta, a Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA) ameaçou cancelar os desfiles de 2018, caso o prefeito mantivesse o corte no financiamento⁴⁵. Apesar da firmeza de Crivella em não reverter sua decisão, as escolas de samba, enfrentando tal desafio, realizaram seus desfiles, demonstrando a resiliência e a importância cultural do Carnaval carioca. A postura do prefeito, neste contexto, foi interpretada como um reflexo de suas prioridades administrativas e uma possível desvalorização de uma das mais expressivas manifestações culturais do Rio de Janeiro.

⁴² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/02/24/crivella-nao-aparece-para-entregar-chave-do-rio-ao-rei-momo.htm>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

⁴³ Disponível em: <https://enfoco.com.br/noticias/cidades/folia-aberta-no-rio-prefeito-entrega-chave-da-cidade-ao-rei-momo-91180?d=1>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.osaogoncalo.com.br/geral/120752/eduardo-paes-entrega-chave-da-cidade-para-o-rei-momo-e-comeca-oficialmente-o-carnaval-no-rio>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

⁴⁵ Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/corte-de-verba-ameaca-desfile-de-carnaval-do-rio/>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

Também durante a gestão Crivella um outro símbolo da cultura afro-brasileira no subúrbio do Rio enfrentou dificuldades para se manter, a Casa de Jongo da Serrinha, localizada no Morro da Serrinha, em Madureira, que precisou fechar suas portas e suspender suas atividades em 2018 por falta de recursos. A casa foi inaugurada em 2015, a partir da cessão de um imóvel da Prefeitura do Rio à Organização Não Governamental Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha, com investimento de aproximadamente R\$ 2,5 milhões providenciados pela prefeitura durante a administração de Eduardo Paes. Contudo, a partir de 2017, a ONG deixou de receber fomento direto da Prefeitura do Rio, sendo o último aporte recebido em 2016, no valor de R\$ 90 mil. Nesse mesmo período, enfrentaram a perda do patrocínio da Petrobras.

Enfrentando obstáculos na obtenção de novos recursos financeiros, a Casa de Jongo da Serrinha empreendeu esforços para angariar apoio governamental, recorrendo especificamente ao programa de fomento direto oferecido pela Prefeitura. Este programa se caracteriza pelo investimento direto do governo municipal em projetos culturais, selecionados mediante processos de edital. Em março de 2017, a Casa de Jongo da Serrinha submeteu um projeto a esse programa, porém, infelizmente, não logrou êxito na sua aprovação.

A explicação para a não aprovação do projeto foi fornecida pela Secretaria de Cultura do Município. De acordo com a então secretária Nilcemar Nogueira, em declaração concedida ao portal de notícias Terra, a negativa se deveu a um corte orçamentário significativo que afetou todas as secretarias da administração municipal. Conforme suas palavras, houve uma redução de 25% nos orçamentos de todas as secretarias logo no início da gestão vigente, o que, implicitamente, impactou a disponibilidade de recursos para novos projetos culturais como o apresentado pela Casa de Jongo da Serrinha⁴⁶.

Em entrevista para essa pesquisa, Nilcemar Nogueira afirmou que seu período no comando da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro foi marcado pela escassez de recursos financeiros, segundo ela, causados por erros administrativos da gestão anterior de Eduardo Paes. Nogueira afirmou:

Eu não fiz uma gestão política de apoios diretos. Eu tinha muito pouco recurso. Porque assim, você recebe, em 2017, a entrada do governo, com uma divisão, uma programação orçamentária pelo gestor anterior [de Eduardo Paes]. Então eu não encontrei dinheiro para fomento. Não havia nenhum recurso para fomento e também não recebi nenhum recurso para fomento do prefeito [Marcello Crivella]. E vários equipamentos com problemas de degradação, então o pouco recurso que eu tinha era

⁴⁶ Aos 97 anos, filha de escravos luta para manter viva tradição musical das senzalas. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/aos-97-anos-filha-de-escravos-luta-para-manter-viva-tradicao-musical-das-senzalas,4cedaa3270402af9910ffc53eaf6caaf643eygqm.html?utm_source=clipboard. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

para manter os equipamentos funcionando e todos abertos. São 64 equipamentos. E o pouquinho que tinha foi feito apoio por meio de edital. (NOGUEIRA, 2024)

A conjuntura de restrição orçamentária para atividades culturais durante a gestão do prefeito Crivella afetou significativamente mais uma iniciativa voltada à valorização da cultura afro-brasileira no Rio de Janeiro, a Feira das Yabás. Este evento, realizado tradicionalmente no segundo domingo de cada mês na Praça Paulo da Portela, situada no bairro de Oswaldo Cruz – uma região próxima a Madureira –, enfrentou uma interrupção a partir de novembro de 2017. A Prefeitura, que anteriormente se configurava como uma das principais fontes de financiamento para a feira, cessou seu apoio financeiro.

Marquinhos de Oswaldo Cruz, o idealizador do evento, expressou em entrevista concedida à Agência Brasil a sua motivação para a criação da Feira das Yabás: “Eu queria mostrar uma herança da diáspora no Rio de Janeiro, principalmente, do subúrbio do Rio de Janeiro. É um pedaço da África no coração da cidade maravilhosa e aí veio o nome Yabás”. Esta declaração de Marquinhos, datada de 2018, ressalta a importância simbólica e cultural do evento como um espaço de celebração e preservação da herança africana no Rio. A suspensão do financiamento pela Prefeitura, assim, não representou apenas uma redução de recursos financeiros, mas também um desafio à continuidade de um projeto que se dedica a manter viva a rica tradição afro-brasileira na cidade.⁴⁷

Outra expressão cultural ligada às tradições afro-brasileiras e vinculada ao subúrbio carioca, que também experimentou repercussões adversas durante a administração de Marcelo Crivella, foi o Projeto Trem do Samba. Este projeto representa um dos eventos mais emblemáticos na cidade do Rio de Janeiro, celebrando o Dia Nacional do Samba em 02 de dezembro. O evento é uma homenagem às históricas viagens de trem realizadas por Paulo da Portela, fundador da renomada escola de samba Portela, na década de 1920. A celebração consiste em uma jornada ferroviária, partindo da estação Central do Brasil, situada no centro da cidade, até a estação de Oswaldo Cruz, localizada na zona norte, e é marcada pela presença de inúmeros sambistas que se apresentam durante o trajeto.

Com a ascensão de Marcelo Crivella à prefeitura, em 2017, houve uma mudança significativa no suporte financeiro concedido ao Projeto Trem do Samba. Nos anos anteriores, especificamente em 2016, o projeto havia recebido um aporte de 800 mil reais, conforme relatado por Marquinhos de Oswaldo Cruz, uma das figuras centrais da organização do evento.

⁴⁷ Casa do Jongo reabre hoje com festa na zona norte do Rio. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2018-03/casa-do-jongo-reabre-com-festa-hoje-na-zona-norte-do-rio>. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

Contudo, sob a nova gestão, o projeto deixou de contar com o financiamento municipal. Diante desta realidade, os organizadores foram compelidos a realizar as edições de 2017 e 2018 com recursos oriundos do setor privado. No entanto, em 2019, a persistente falta de recursos levou à não realização do Trem do Samba, interrompendo uma tradição de 24 edições anuais ininterruptas. Este episódio evidencia as dificuldades enfrentadas por manifestações culturais populares quando submetidas a contingências político-administrativas⁴⁸.

As diversas situações de tensão envolvendo manifestações culturais e religiosas na cidade do Rio de Janeiro, sob a administração de Marcelo Crivella, suscitaram questionamentos acerca das supostas motivações por trás da limitação dos investimentos culturais, os quais impactaram de forma significativa eventos vinculados à cultura afro-brasileira. As políticas adotadas, caracterizadas pela restrição ou pelo entrave no acesso a recursos municipais destinados a esses eventos, foram interpretadas por muitos como uma estratégia deliberada de debilitar manifestações culturais e religiosas que não se alinhassem às crenças pessoais de Crivella e de parte significativa de seu eleitorado.

Essa percepção de uma possível agenda política e ideológica subjacente nas decisões de financiamento cultural gerou um debate mais amplo sobre a relação entre políticas públicas e a diversidade cultural e religiosa na cidade. A interpretação de que tais medidas poderiam constituir um esforço para marginalizar ou silenciar expressões culturais específicas, particularmente aquelas enraizadas nas tradições afro-brasileiras, evidencia uma preocupação com o respeito e a valorização da pluralidade cultural e religiosa que caracteriza o tecido social do Rio de Janeiro.

Contudo, a Secretária de Cultura da gestão Crivella, Nilcemar Nogueira, negou que durante a sua atuação no governo Crivella houvesse privilégio ou discriminação com qualquer segmento cultural ou religioso na cidade:

Ainda sobre a questão de matriz africana, a gente tinha um calendário de atividades nos teatros, que era o “Mês da Diversidade”, porém a diversidade foi pauta durante toda a gestão. O que eu gostaria de deixar bem claro é: a quem tinha uma expectativa que eu tivesse um foco direcionado para uma identidade, para uma cultura que eu pertença, que eu sou desse meio, eu fui uma gestora para todos os gêneros, para todas as linguagens, para todos os territórios. Então eu acho que, enquanto gestora pública, eu não criei zonas de privilégios para nenhuma das linguagens culturais, as expressões culturais ou territorial. (NOGUEIRA, 2024)

Ao tratar das dificuldades enfrentadas para a captação de recursos junto à Prefeitura do Rio de Janeiro para a realização da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira durante a

⁴⁸ Sem patrocínio, Trem do Samba não vai circular após 24 anos de tradição. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2019/11/28/sem-patrocínio-trem-do-samba-nao-vai-circular-apos-24-anos-de-tradicao.ghtml>. Acesso em 13 de janeiro de 2024.

gestão do prefeito Marcelo Crivella, Hélio Sillman enfatiza a importância do reconhecimento oficial das celebrações em honra a Iemanjá nas praias cariocas. Esse reconhecimento, ratificado pela Lei Municipal nº 5146/2010, é considerado por Sillman como um elemento validador crucial para a festividade organizada pelo Mercado de Madureira.

Sillman argumenta que a inclusão da festa no calendário oficial da cidade não se limita a uma mera formalidade burocrática, mas se configura, de maneira substancial, como um respaldo legal imprescindível. Essa legitimação formal, segundo o Sillman, transcende a esfera simbólica, conferindo um alicerce legal para a reivindicação e obtenção de subvenções financeiras por parte do governo municipal. Desse modo, a lei não somente reconhece a importância cultural e religiosa da celebração, mas também se torna um instrumento fundamental para a garantia de apoio institucional e de recursos necessários à realização do evento. O que, como o próprio Sillman afirmou, nunca ocorreu durante a gestão de Crivella.

Nesse contexto de desencontros entre organizadores da festa e a prefeitura do Rio, já a partir do primeiro ano de gestão de Crivella, sinais de que o período áureo da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira havia ficado no passado começou a aparecer. Hélio afirma em entrevista:

Nesse período de Crivella acabou. Acabou [Risos], não teve, acabou tudo, por que como é que eu vou? Existia uma negociação muito boa com a prefeitura desde o César Maia. Durante o Crivella não, não tinha, não autorizava. Eu tenho aqui, o Portal Carioca me dá acesso a isso, não era autorizada a festa. (SILLMAN, 2022)

Logo em seu primeiro ano de gestão, Marcelo Crivella implementou alterações nas normativas referentes à autorização e à execução de eventos, assim como à produção de conteúdo audiovisual, em áreas públicas do município do Rio de Janeiro. Essas mudanças foram oficializadas por meio do Decreto Municipal nº 43219, datado de 26 de maio de 2017, que instituiu o Sistema "Rio Ainda Mais Fácil Eventos – RIAMFE", que representou o principal elemento de conflito entre a Administração Municipal e organizadores da Festa de Iemanjá do Mercado. Entre as principais mudanças empreendidas pelo decreto estava a transferência para o Gabinete do Prefeito da competência para conceder autorizações para a realização de eventos na cidade e a prerrogativa de interditar imediatamente as atividades e apreender equipamentos em casos de eventos realizados sem autorização prévia.

Na prática, este decreto configurou-se como um mecanismo de controle exercido pela Prefeitura sobre a organização de todos os eventos na cidade. A análise dessa política pública, em um contexto mais amplo, levanta questões sobre a autonomia das organizações e grupos culturais na cidade e sobre o papel do governo municipal na regulamentação e

no fomento de atividades culturais e sociais. No contexto das Festas de Iemanjá do Mercadão de Madureira, conforme reiteradas falas de Hélio Sillman, justamente a falta de autorização para realização de pontos cruciais do evento o inviabilizaria.

Decreto Rio nº 43219 de 26 de maio de 2017. Institui o Sistema “Rio Ainda Mais Fácil Eventos – RIAMFE”, simplifica os procedimentos relativos à autorização e à realização de eventos e produções de conteúdo audiovisual em áreas públicas e particulares no Município do Rio de Janeiro, e dá outras providências. O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, e CONSIDERANDO a necessidade da Administração Pública de aperfeiçoar o desempenho na análise e na autorização dos pedidos para a realização de eventos temporários nas áreas públicas e privadas do Município; CONSIDERANDO a necessidade de constante manutenção e aperfeiçoamento da simplificação de procedimentos de licenciamento de eventos e de produções de conteúdo audiovisual, como forma de fomento às atividades econômica e cultural, aliada à premência de se conferir transparência e celeridade a tais procedimentos; CONSIDERANDO que a autorização de eventos e de produções de conteúdo audiovisual em áreas públicas e particulares sujeita-se, em regra, a decisão discricionária e a critérios de conveniência e oportunidade; DECRETA: Art. 1º Fica instituído o sistema “Rio Ainda Mais Fácil Eventos - RIAMFE”, instrumento digital destinado a recepcionar, processar, armazenar e emitir autorizações relativas ao procedimento administrativo de autorização de eventos e para produção de conteúdo audiovisual. [...] Art 2º Para efeito do disposto no § 1º do Art. 1º deste Decreto, considera-se evento, todo exercício temporário de atividade econômica, cultural, esportiva, recreativa, musical, artística, expositiva, cívica, comemorativa, social, religiosa ou política, com fins lucrativos ou não [...] Art. 4º Competirá ao Gabinete do Prefeito a outorga da autorização de que trata este Decreto e à Coordenadoria de Licenciamento e Fiscalização - CLF - a ação fiscalizatória sobre as atividades desenvolvidas pelos particulares. Parágrafo único. Gestão do sistema RIAMFE será exercida pela CLF ou pelo Gabinete do Prefeito Art. 5º A realização de eventos ou de produção de conteúdo audiovisual sem autorização acarretará a aplicação das sanções previstas nos arts. 123 e 141 do CTM, sem prejuízo de outras penalidades e providências, notadamente a interdição imediata da atividade e a apreensão de equipamentos (DECRETO RIO Nº 43219, 2017).

A medida adotada enfrentou duras críticas de segmentos da sociedade relacionados à cultura e às religiões afro-brasileiras especialmente, devido a preocupações com a possível interferência da administração municipal na liberdade de manifestação de praticantes do candomblé, da umbanda e de outras religiões afro-brasileiras em áreas públicas da cidade. A repercussão negativa sobre o sistema RIAMFE foi intensa e apenas quatro dias após a publicação do Decreto nº 43.219, o Chefe de Gabinete do Prefeito, respondendo pelo expediente da Secretaria Municipal da Casa Civil, no expediu a Resolução nº 58, de 30 de maio de 2017, que aprovou o regulamento do Sistema Rio Ainda Mais Fácil Evento – RIAMFE. Contrariando o que determinou o art. 1º do decreto nº 43,219, a Resolução nº 58, em seu art. 1º, estipulou que “não estão sujeitos aos procedimentos de Consulta Prévia e de emissão de Alvará de Autorização Transitória [...]: I - manifestações decorrentes da liberdade de reunião; II - procissões e celebrações religiosas em geral.

Contudo, a medida do Poder Municipal para isentar eventos de cunho religioso de Consulta Prévia e de emissão de alvará de autorização previstas no Decreto nº 43.219 não foi suficiente para pacificar as divergências em torno do sistema RIAMFE. Em uma frente de disputa no legislativo, os vereadores Tarcísio Motta e Marielle Franco, ambos do PSOL, protocolaram na Câmara Municipal do Rio o Projeto de Decreto Legislativo nº 23/2017, de 2 de junho de 2017, que buscou sustar os efeitos do Decreto Municipal nº 43.219, que instituiu o sistema RIAMFE. Essa iniciativa do legislativo não prosperou no plenário e o projeto foi arquivado.

A polêmica e as críticas ao sistema seguiram e, em agosto do mesmo ano, representantes de religiões afro-brasileiras e grupos culturais realizaram um protesto no plenário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro⁴⁷, que incluiu a lavagem das escadarias do prédio da Câmara antes da realização da audiência pública intitulada “Não Mexa na Minha Ancestralidade”, convocada pelo vereador Brizola Neto. Em entrevista ao site Carta Capital, publicada no dia 24 de agosto de 2017, o vereador expressou preocupação, alegando que:

O decreto gera inquietação por dificultar a obtenção de alvará. Considerando que o prefeito Crivella é ligado à Igreja Universal, conhecida por sua postura crítica, especialmente em relação às religiões de matriz africana, percebe-se no Rio de Janeiro um clima de ódio e intolerância”. (NETO, 2017)

Poucos dias depois, Crivella expediu o Decreto nº 43.604, de 31 de agosto de 2017, que alterou o art. 4º do decreto que Instituiu o RIAMFE, substituindo o Gabinete do Prefeito como responsável pelas autorizações aos eventos na cidade. Com o novo decreto, a competência para análise e autorização para realização de eventos ficou a cargo dos seguintes órgãos: a Coordenadoria Geral de Promoção de Eventos da Subsecretaria de Comunicação Governamental – CGPE, da Secretaria Municipal da Casa Civil – CVL, quando se tratar de eventos com público estimado de mais de mil pessoas e os realizados em áreas públicas da orla marítima, Aterro do Flamengo, Quinta da Boa Vista, Alto da Boa Vista, Parque Ari Barroso, Lagoa Rodrigo de Freitas, Parque Olímpico, Parque de Madureira e Orla Conde; a Coordenadoria de Licenciamento e Fiscalização/CLF, da Secretaria Municipal de Fazenda – SMF, nos demais casos.

As alterações no texto de instituição do RIAMFE não findaram e outros dois decretos ainda foram expedidos ainda na gestão de Marcelo Crivella para corrigirem o original. O Decreto nº 45718, de 18 de Março de 2019, que revogou o Decreto nº 43.604, de 31 de agosto de 2017, alterou novamente a redação do art. 4º do Decreto nº 43.219. Com essa nova

mudança, passaram a ser os responsáveis pela autorização de eventos na cidade do Rio de Janeiro a Subsecretaria de Licenciamento, Fiscalização e Controle Urbano da Secretaria Municipal de Fazenda a outorga da autorização de que trata este Decreto e a Coordenadoria de Licenciamento e Fiscalização da Secretaria Municipal de Fazenda. Por fim, o Decreto nº 46.274, de 25 de Julho de 2019, que reprecipitou o Decreto municipal nº 40.711, de 8 de outubro de 2015, que simplifica os procedimentos relativos a autorização e realização de eventos em áreas públicas e particulares no Município do Rio de Janeiro e concedeu competência ao Subsecretário de Promoção de Eventos - SUBPEV, da Secretaria Municipal de Envelhecimento, Qualidade de Vida e Eventos - SEMESQVE, a aprovação das Consultas Prévias de Eventos no Rio.

No judiciário, em 05 de julho de 2017, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ) abriu o processo nº 0035850-23.2017.8.19.0000, uma representação direta de inconstitucionalidade contra o decreto de Crivella, de autoria do Deputado Estadual Átila Alexandre Nunes Pereira Filho. No dia 27 de julho de 2017, o TJ-RJ abriu o processo nº 0040967-92.2017.8.19.0000, outra representação direta de inconstitucionalidade, dessa vez de autoria da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção do Estado do Rio De Janeiro (OAB/RJ). A adesão extensa aos processos indica a dimensão da preocupação desses setores da sociedade com os efeitos do decreto de Crivella.

Ambos os processos foram julgados em apenso, com a participação de dezesseis instituições como *amicus curiae*, expressão latina que significa "amigo da corte" e indica pessoa, entidade ou órgão com interesse na questão, que tem conhecimentos sobre o tema e colabora com o tribunal fornecendo subsídios para o julgamento (STF, 2021). Foram elas: o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental – IARA; o Instituto de Desenvolvimento Cultural – INDEC; o Ilê Omiojuaro; a Associação Templo Umbandista Oxum e Ogum; Instituto de Estudos Pesquisas Desenvolvimento Sócio Cultural e Sustentabilidade – Omolara; o Ilê Axé Manjele Ô; o Ilê Àṣẹ̀ Íyálode Òṣún Kare Ade Omi; o Ilê Asé Iji Toju Efun; o Centro Espirita Pai Benedito D'angola; o Centro Caboclo Sete Estrelas; o Ilê Odé Bauwré; o Ilê Axéayabá Omi Dun; Iylê Asé Ofá Èré; o Abaça De Oya Bale; o Ilê Iya Bori Messa; o Fórum Estadual de Mulheres Negras; e o Sindicato dos Servidores Públicos do Município do Rio de Janeiro.

Em 23 de janeiro de 2018, os desembargores do TJ-RJ concederam em caráter liminar a suspensão do Decreto nº 43.219, de 26 de maio de 2017. Em 20 de maio de 2019, Judiciário Fluminense declarou a inconstitucionalidade tanto do decreto quanto da Resolução CVL nº 58, de 31 de maio de 2017. A batalha judicial seguiu com os pedidos de recursos da Prefeitura

do Rio e somente em 19 de novembro de 2019, dois anos após a criação do RIAMFE, os desembargadores do Rio de Janeiro declararam encerrados os processos confirmando a inconstitucionalidade das regras por ele impostas.

Ao longo de seu mandato, a relação de Marcelo Crivella com a Igreja Universal foi alvo de muitas críticas. Essas ações foram interpretadas como um favorecimento aos interesses de um grupo religioso específico, em detrimento das necessidades e direitos da cidade como um todo. Por exemplo, o episódio conhecido como "Fala com a Márcia" que ganhou destaque na mídia quando Márcia da Rosa Pereira, assessora alocada na Comlurb, se destacou por facilitar o acesso de líderes evangélicos a procedimentos de cirurgia de catarata, por meio da intervenção de Crivella⁴⁹. Outro episódio polêmico foi a instalação de um tomógrafo pela Prefeitura do Rio no estacionamento da Igreja Universal do Reino de Deus, em vez da alocação do equipamento em uma unidade de saúde⁵⁰.

Houve denúncias de discriminação em políticas públicas, onde programas e iniciativas voltadas para a valorização das culturas e religiões afro-brasileiras foram preteridos pela prefeitura do Rio intencionalmente⁵¹. Esta postura contribuiu para a perpetuação do racismo religioso, limitando o acesso dessas comunidades a oportunidades e reconhecimento. Assim, a gestão de Marcelo Crivella no Rio de Janeiro ficou marcada por episódios que refletem o racismo religioso e a intolerância contra religiões de matriz africana. As ações e políticas adotadas durante seu mandato sugeriram a preferência por grupo religioso específica e, de certa forma, contribuíram para a marginalização e o estigma contra religiões historicamente oprimidas, destacando os desafios enfrentados na gestão da diversidade religiosa na cidade.

Este movimento, contextualizado dentro de uma administração que enfrentava críticas relacionadas à gestão de eventos culturais e religiosos, particularmente aqueles associados às comunidades afro-brasileiras, suscita discussões importantes sobre as políticas culturais e de gestão urbana na cidade do Rio de Janeiro. O ato refletiu as dinâmicas administrativas e as tensões políticas subjacentes na condução de políticas públicas voltadas para a cultura e a expressão popular em um cenário complexo e diversificado.

⁴⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/12/22/gestao-de-crivella-foi-marcada-por-crises-e-episodios-polemicos.ghtml>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

⁵⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/05/06/mp-tomografo-crivella-rio-rocinha-igreja-universal.htm>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

⁵¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/religoes-de-matriz-africana-se-unem-contra-decreto-de-crivella-no-rio/>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

3. A.C. & D.C. - ANTES E DEPOIS DE CRIVELLA

A trajetória da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira é marcada por desafios, resistência e transformações. Desde sua concepção em 2003, este evento tem se destacado por sua magnitude e sua complexidade estrutural, abrangendo uma diversidade de atividades que se estendem, pelo menos, ao longo de trinta dias, desde o ciclo festivo dentro das instalações do mercado, passando pela carreata pela cidade e se concretizando na Praia de Copacabana. O que começou como uma celebração comemorativa e religiosa pela reconstrução do mercado após um devastador incêndio rapidamente se tornou um símbolo cultural e religioso das tradições afro-brasileiras no subúrbio do Rio de Janeiro.

A escolha de Iemanjá como figura central desta celebração não foi aleatória, mas estratégica. Os tradicionais festejos nas praias do Rio de Janeiro em honra à Iemanjá ao final de cada ano foram a inspiração para a construção da festa do mercado. Sua ampla popularidade e arraigada veneração entre os fiéis cariocas serviram como um ímã para atrair um público diversificado, transcendentemente religioso, que encontra na figura da divindade uma fonte de admiração e inspiração. Assim, a festa já nasce grande, partindo de uma tradição já existente, e capitaliza a devoção a Iemanjá e promove a imagem e a importância comercial do Mercado de Madureira no segmento de compras afro-votivas.

Ao longo dos anos, a festa cresceu em tamanho e relevância, tornando-se um marco no contexto cultural do Rio de Janeiro. A diversificação de suas atividades e a presença constante de figuras políticas e religiosas destacam sua importância não apenas para a comunidade local, mas para a cidade como um todo. No entanto, a partir de 2017, a festa enfrentou desafios sem precedentes. A falta de suporte financeiro e organizacional da Prefeitura do Rio de Janeiro marcou um ponto de inflexão na trajetória da festa. Em 2018, as dificuldades financeiras e a escassez de diálogo com as autoridades municipais ameaçaram até mesmo a realização do evento. Em 2019, a situação se agravou, culminando na realização da edição mais limitada desde sua criação.

A chegada de Eduardo Paes à prefeitura a partir de sua eleição em 2022 representou um novo capítulo na história da festa. Com uma postura mais receptiva à cultura e às tradições locais, Paes sinalizou um potencial renascimento na relação entre a administração municipal e os organizadores da festa. Essa era de renovação e fortalecimento das relações abriu novamente o diálogo entre as partes prometendo um futuro promissor, onde a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira pode continuar a ser um símbolo de resistência e celebração das

tradições afro-brasileiras no Rio de Janeiro retomando sua dimensão típica das primeiras edições.

3.1. A festa de Iemanjá do Mercado de Madureira

Desde a sua concepção inicial, no ano de 2003, a Festa de Iemanjá realizada no Mercado de Madureira tem se destacado por sua magnitude e complexidade estrutural, caracterizando-se pela diversidade e riqueza de atividades que se desdobram ao longo de vários momentos e espaços distintos. Na prática, este evento ultrapassa a ideia tradicional de uma celebração pontual, conformando-se mais propriamente como um circuito festivo extensivo, que se prolonga por um período mínimo de trinta dias. Este formato ampliado permite uma maior imersão cultural e uma participação mais intensa e diversificada dos envolvidos, refletindo a importância cultural e social que a festa adquiriu ao longo dos anos.

O cerimonial da festa inicia-se no primeiro dia de dezembro de cada ano com a instalação de uma imponente estátua de Iemanjá, meticulosamente vestida e adornada por Hélio, na entrada principal do Mercado, simbolizando a abertura das celebrações. Ali também é posicionado uma urna para que fiéis e visitantes possam depositar seus pedidos e preces à divindade ao longo do mês, esse ponto especificamente da festividade permite a participação indireta de milhares de pessoas que eventualmente não poderiam estar presentes no dia da carreata até a praia. Complementarmente, é organizado um espaço reservado para as oferendas dedicadas ao orixá, que são posteriormente transportadas em procissão até Copacabana, culminando no dia oficial da celebração, 29 de dezembro, marcando assim o ápice da festa. Essas práticas refletem a profundidade da conexão da comunidade com Iemanjá, e seu papel central no evento.

Sillman remonta a organização e os preparativos de toda a estrutura do evento no trecho:

“Então vamos botar aqui por ordem cronológica, assim, para a gente ter a festa, quando eu falo na festa, ela começa dia primeiro de dezembro, por que, e quando falo a festa, a festa é todo o mês de dezembro, dia vinte e nove de dezembro é final da festa, é um mês. A essência é o mês de dezembro inteiro, a gente começa dia primeiro, dia primeiro a iemanjá ela é vestida, ela é colocada aqui no dia primeiro, eu pego ela, a imagem de dois metros no andor, né, que tem, eu visto ela, quem, me dá a ligação, quem me dá a informação, a cor que ela quer, qual a vestimenta que ela quer, eu não faço aleatório, vou botar ela de verde, vou botar ela de branco, vou botar ela de azul, não, eu não faço aleatório, eu pergunto às pessoas, a imagem, que você tem da iemanjá, a maneira que você gostaria de ver a iemanjá, então algumas pessoas quer tem algumas energias, não eu, me dão essa consulta e eu falei, então ela vai ser verde água, por exemplo, ela vai ser azul, bem tradicional, vai ser branca, pedindo paz, toda essa coisa eu já procuro me informar, nós estamos em dezembro, eu procuro me informar em novembro, novembro eu tenho as informações delas, vestir e aparece aqui dia primeiro, do dia primeiro até o dia vinte e nove de dezembro todos os dias os barcos são colocados na frente das lojas, os barquinhos são colocados eu vou em cada loja, pergunto se ele quer participar. Todo mundo quer participar. Então nesse período

de primeiro de dezembro a vinte e nove são feitas oferendas dentro de cada loja, mais ou menos vinte e cinco lojas, eu acho que é mais ou menos isso, vinte e cinco lojas de artigos religiosos e bota as oferendas aqui, então vai enchendo. [...] Então todo esse ritual é feito nesse final aqui, o ritual começa dia primeiro e as pessoas vão depositando” (SILLMAN, 2022).

Os festejos começam com a concentração do público na rua, em frente às portas da principal entrada do Mercado, onde ialorixás e babalorixás dão as bênçãos a todos que se aproximam. Para a realização desse momento, uma faixa da Avenida Ministro Edgard Romero é fechada para que a multidão, em roda, participe dos primeiros ritos. Nesse ponto, fica evidente como uma organização mínima de infraestrutura é necessária para a realização da festa, isso porque a avenida onde essa parte do evento acontece estendendo-se por cerca de três quilômetros, atravessando Madureira e prosseguindo até o bairro de Vaz Lobo, sendo a principal conexão com as regiões de Irajá e Penha⁵². Os batuques e os cânticos começam ali, acompanhados de coro de vozes e as palmas. A defumação, prática comum em religiões de matriz africana, é feita para “abrir os trabalhos” e uma sequência de fogos de artifício anunciam o início da festa.

Figura 15 - Imagem de Iemanjá junto à urna para os pedidos dos fiéis



Fonte: Arquivo pessoal do autor do autor.

Seguindo um preceito comum aos candomblés, o início das celebrações na rua é marcado pelo primeiro toque dos atabaques e pelos cânticos iniciais, entoados no idioma yorubá, em homenagem a Exu, o orixá ligado aos caminhos, à rua e às encruzilhadas. Na

⁵² Disponível em: <https://diariodorio.com/ruasorio-quem-foi-edgard-romero/>. Acesso em 30 de novembro de 2023.

sequência, ainda no começo da festa, são também reverenciados com cânticos, palmas e ritmos de atabaque exus e pombagiras, entidades emblemáticas da umbanda, que possuem uma forte conexão com esses espaços. Neste momento, os devotos invocam a proteção para todos os participantes do cortejo, que percorrerão as ruas de Madureira, situada na Zona Norte do Rio de Janeiro, rumo ao seu destino na Praia de Copacabana, localizada na Zona Sul da cidade. Este rito inicial estabelece uma conexão entre o espiritual e o material, recebendo dessas entidades a permissão para ocupar as ruas da cidade em procissão.

Durante este momento da celebração, na efervescência da avenida movimentada, o trânsito circundante, já comprometido pela via interditada, diminui significativamente sua fluidez. Os automóveis reduzem a velocidade ao contornar a aglomeração de pessoas em festa, atraídos pela curiosidade em observar a cena. Concomitantemente, a quantidade de indivíduos reunidos ao redor da roda de cânticos cresce exponencialmente, a ponto de sobrecarregar tanto a equipe de organização do evento, responsável pela gestão do tráfego, quanto as patrulhas da guarda municipal, incapazes de manejar adequadamente o intenso movimento de veículos e pedestres que se detêm para admirar, ou ao menos tentar compreender, o que está acontecendo.

Figura 16 - Início da festa na Avenida Edgard Romero



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na sequência dos rituais de abertura realizados na entrada principal do mercado, os participantes, guiados por Mãe Miriam e outros líderes espirituais, retornam ao interior do mercado para dar início à procissão pelas suas galerias. Durante esta fase, as embarcações e as

oferendas preparadas por cada estabelecimento participante são coletadas em cada uma das lojas participantes, contribuindo para o aumento gradativo do cortejo que se movimenta pelos corredores do mercado. Os devotos, carregando os barcos simbólicos sobre suas cabeças, avançam pelo percurso, entoando cânticos em louvor a Iemanjá e marcando o ritmo com palmas. Este procedimento é mantido até que a última oferenda seja integrada ao cortejo. Posteriormente, todas as oferendas são cuidadosamente acomodadas em um caminhão estacionado na entrada do mercado, local onde a cerimônia teve início.

Hélio descreve assim essa etapa do evento:

Chega no dia vinte e nove eu pego todos esses barcos e faço aqui nas galerias eu faço uma procissão, porque as lojas estão distribuídas dentro do Mercado de Madureira e eu faço um, assim, vamos dizer, tem a galeria B, tem a galeria C, tem a outra galeria aqui, tem a galeria A, todas essas aqui, e aqui a rua, e aqui fica o caminhão, tem barco aqui, barco aqui, barco aqui, barco, barco, então quando eu faço caminhada eu entro... Vou recolhendo e botando na cabeça das pessoas, as pessoas vão recolhendo, e quando saem e bota aqui em cima do caminhão, entendeu? Todos os barcos são colocados aqui. [o entrevistado rabiscava um papel onde rascunhava pontos de sua fala] E olha bota um caminhão, tem que ser um caminhão muito grande, porque... E aí bota barco em cima de barco, mas fazer o que, tudo que a gente pensa fazer tem custo, caminhão pequeno custa barato, caminhão grande custo grande, quando tem dinheiro aluga, quando não tem dinheiro não aluga (SILLMAN, 2022).

Figura 17 - Início da procissão pelos corredores do mercado em 2022



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Líderes religiosos, participantes e a maior parte da equipe de organização se direcionam para as entradas laterais do Mercado de Madureira, localizadas na Rua Conselheiro Galvão,

que é completamente fechada ao trânsito para acomodar as atividades do evento. Nesse espaço, forma-se uma aglomeração ao redor do caminhão que transporta a grande estátua de Iemanjá, juntamente com as dezenas de oferendas meticulosamente acomodadas. Este grupo musical assume a ali função de ogãs ou curimbeiros – os primeiros membros da ritualística dos candomblés responsáveis por tocar os tambores durante as cerimônias, os segundos são assim chamados no contexto da umbanda, onde além dos tambores podem também cantar os pontos que conduzem os rituais – acompanhando a carreata ao longo de todo o seu trajeto, cantando e tocando em homenagem a Iemanjá, criando assim uma atmosfera de reverência e celebração que vai contagiando as pessoas durante o percurso.

Estes artistas assumem o papel vital de ogãs ou curimbeiros – termos respectivos do candomblé e da umbanda para designar os músicos ritualísticos. No candomblé, os ogãs são responsáveis por tocar os tambores durante as cerimônias, enquanto os curimbeiros na umbanda, além de tocarem, podem também entoar os pontos que direcionam os rituais. Esses músicos acompanham a carreata ao longo de todo o seu percurso, cantando e tocando em homenagem a Iemanjá. Esta prática musical cria uma atmosfera de reverência e celebração, que se propaga e contamina positivamente as pessoas ao longo do trajeto, reforçando a aura de sacralidade e euforia comuns entre festas populares no Brasil.

Na concentração para a saída da carreata, o público se reúne na Rua Conselheiro Galvão, na parte lateral do mercado, onde os ônibus recebem as centenas de pessoas que acompanharão o trajeto de Madureira à Praia de Copacabana. Nesse momento, o controle do acesso aos ônibus é feito através da conferência de quem possui a camisa do evento. Essas camisas servem como uma espécie de ingresso tanto para o transporte nos ônibus da festa até Copacabana quanto como garantia de acesso à área exclusiva, delimitada por grades e coberta por lonas na praia – estruturas providenciadas com recursos da Prefeitura do Rio de Janeiro. As camisas são um elemento importante na integração a festa do Mercadão com a comunidade de Madureira porque são trocadas ao longo de todo o mês de dezembro por alimentos não perecíveis que posteriormente são utilizados na confecção de cestas básicas para distribuição no Morro São José (favela localizada nas imediações do mercado), apontando mais uma conexão entre a festa e a comunidade local de Madureira.

Após percorrer aproximadamente trinta quilômetros, chega à areia da praia o caminhão transportando a imponente estátua de Iemanjá, ladeada por uma profusão de barcos e oferendas. Concomitantemente, uma multidão desembarca dos ônibus que partiram do Mercadão horas antes e junto com tantas outras pessoas que já aguardavam na praia a chegada da procissão

começam a recolher todas as oferendas do caminhão para então organizá-las no centro das tendas que ocupam uma área de mil metros quadrados.

Figura 18 - Tendas da Prefeitura do Rio na Praia de Copacabana



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No local, são efetuadas danças, entoados cânticos, realizadas preces, além da organização de um processo metódico para a seleção dos itens que serão ofertados ao mar. Nota-se um zelo particular com a preservação ambiental, buscando-se evitar, a todo custo, o descarte de materiais não biodegradáveis nas águas. Mãe Miriam lidera essa triagem de objetos e, simultaneamente, promove a distribuição daqueles itens impróprios para serem lançados ao mar, repassando-os aos participantes da celebração.

Após mais de sete horas desde o início da aglomeração nas proximidades do Mercado de Madureira, percorrendo o extenso trajeto pelas vias urbanas e realizando diversos atos rituais ao longo de todas as fases da festa, as oferendas são, enfim, depositadas no mar, simbolizando a conclusão dos festejos. Com o término do evento, os agentes da Guarda Municipal que permaneceram ali, auxiliam os condutores dos veículos envolvidos na festa na evacuação da orla da praia. Paralelamente, os funcionários da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) iniciam os procedimentos para a higienização das areias.

Essa observação reforça a indispensabilidade do apoio estrutural, de segurança e de limpeza provido pelos entes públicos e seus agentes, para a viabilização de um evento desta magnitude que, além de reunir centenas de pessoas, se desdobra por uma área enorme da cidade,

além de fazer uso de espaços públicos extremamente movimentados (os arredores do Mercado de Madureira e a orla de Copacabana) ao eventualmente em dias úteis, como aconteceu em 2022, quando a data caiu numa quinta-feira.

A concretização da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, com a devida garantia de conforto e segurança, demanda um planejamento robusto e uma série de procedimentos. Esses procedimentos são essenciais para que a Prefeitura, em colaboração com os organizadores do evento, possa efetivamente desenvolver e aprovar as necessidades logísticas e operacionais. Isso inclui as interações com as diferentes repartições municipais responsáveis pela autorização e supervisão do evento. Destaca-se, em especial, a relevância do papel desempenhado pelas equipes da Guarda Municipal e da Comlurb no dia da carreata, aspectos fundamentais para o sucesso e a ordem durante a celebração.

Desde 2003, no dia 29 de dezembro de cada ano, portanto, a carreata que parte do Mercado de Madureira em direção à praia de Copacabana atravessa a cidade do Rio de Janeiro e levando milhares de participantes a acompanharem o cortejo ou saudarem a imagem Iemanjá ao cruzar com a procissão passando por elas nas ruas da cidade. A festa organizada pelo Mercado rapidamente se estabeleceu como um evento cultural relevante na cidade, atraindo não apenas seguidores dos cultos afro-brasileiros, mas também um público diversificado, admiradores de Iemanjá que professam outras fés.

3.2. As origens da festa do Mercado

A Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira surgiu no ano de 2003, como um evento comemorativo e de gratidão religiosa pela reconstrução do mercado após um grande incêndio que destruiu totalmente as suas instalações em janeiro do ano 2000, acabando com as cerca de 650 lojas em atividade no local. Após grandes obras de reconstrução e modernização, o Mercado de Madureira foi reaberto ao público em 2001. Em 2003, Hélio Sillman, comerciante e colaborador da equipe de marketing do Mercado, liderou a organização da primeira edição da festa com apoio de outros comerciantes locais e com o suporte religioso do babalorixá Pai Renato de Obaluaiê e da ialorixá Mãe Miriam de Oyá.

Planejada desde sua origem para incluir em sua programação uma carreata de Madureira até Copacabana, a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira surge simultaneamente como evento religioso e como ação planejada de divulgação do retorno das atividades comerciais do mercado, no intuito de rerepresentar o espaço renovado para a cidade e de recuperar os clientes afastados desde o incêndio. Sillman (2022) afirma que “[...]eu queria em Copacabana [...]

porque é o núcleo, aí vem o tal do *marketing* também, é a menina dos olhos final do ano, estrangeiros, muito, tudo, tudo”.

Para além da ação de agradecimento – e essa é uma das grandes surpresas que a pesquisa revela – o evento serviria também como uma espécie de vitrine para divulgação do retorno das atividades do centro comercial, especializado na venda de itens litúrgicos de religiões de matriz africana. Conforme explicado por Sillman, com o fechamento do mercadão após o incêndio, muitos clientes que buscavam por esses produtos passaram a buscá-los em lojas especializadas espalhadas pelo subúrbio. Sillman afirma que:

O Mercadão concentra muitas lojas a nível estadual, municipal, e quando a gente perdeu esse contato as pessoas procuram as outras lojas que estão na periferia. Então tinha que fazer alguma coisa para dizer, olha, voltamos, então foi uma maneira de a gente introduzir a festa em 2003 que foi a primeira. (SILLMAN, 2022)

Figura 19 - Hélio Sillman em entrevista à Globo News



Fonte: Facebook da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira⁵³.

O objetivo subjacente era claro, mobilizar a devoção e admiração por Iemanjá para ampliar o alcance do evento, atraindo assim um contingente maior de participantes e assegurando uma cobertura midiática mais abrangente, que efetivamente ocorre todos os anos, com matérias de jornais sobre cada edição do evento⁵⁴, com a intenção de publicizar a

⁵³ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=718808111620299&set=t.100064440439579>. Acesso em 03 de janeiro de 2024.

⁵⁴ Disponível em: <https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2023/12/21a-festa-de-yemanja-do-mercadao-tem-esquenta-de-alegria-e-fe.ghtml>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

importância comercial do Mercado de Madureira no segmento de compras afro-votivas e sua relevância cultural para a cidade do Rio de Janeiro.

Desde sua primeira edição, a festa de Iemanjá do Mercado de Madureira ocorre anualmente no dia 29 de dezembro de cada. Diferentemente da tradição de Salvador, na Bahia, onde a celebração centenária em homenagem à Iemanjá tem raízes profundamente ligadas ao candomblé e acontece primordialmente no dia 02 de fevereiro⁵⁵, uma data que reflete o sincretismo com Nossa Senhora das Candeias, em práticas e rituais profundamente vinculados às tradições do Candomblé (SANTOS, 2005). No Rio de Janeiro, as festas em honra a esse orixá popularizaram-se acontecendo no último dia de cada ano, 31 de dezembro, com entregas de presentes, barcos, flores e rituais nas praias, realizados majoritariamente por adeptos da umbanda. Contudo, a data reconhecida oficialmente no calendário municipal de eventos para as homenagens a Iemanjá é o dia 29 de dezembro, a data em que tradicionalmente ocorre a carreata do Mercado de Madureira.

Hobsbawm (1970) postula que as tradições, ao contrário de serem práticas inalteradas e ancestrais, são frequentemente construídas e reinventadas, em resposta a novos contextos sociais, políticos e culturais. No caso da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, observa-se essa dinâmica de reinvenção e adaptação tanto da data do evento, quanto de seu formato. Hobsbawm argumenta que muitas tradições supostamente antigas são, na verdade, invenções recentes, moldadas por necessidades específicas de uma época ou um grupo, desse modo, elementos culturais e religiosos podem ser reconfigurados para atender às necessidades e expressões de diferentes comunidades.

Conforme aponta Bahia (2018), a tradição umbandista de cultuar Iemanjá na virada de cada ano teria dado origem à festa de réveillon nas praias da cidade do Rio de Janeiro acabou por perder espaço justamente para as grandes celebrações de réveillon, especialmente na Praia de Copacabana, onde atualmente acontece a famosa queima de fogos. Isso porque a realização dos rituais religiosos nas praias, no dia 31 de dezembro, foi tornando-se cada vez mais dificultosa devido à dimensão das celebrações de fim de ano nessa praia especificamente, visto que a organização de um evento que costuma reunir mais de dois milhões de pessoas⁵⁶ exige um nível profissional de preparativos que envolve, entre outras coisas, a restrição do acesso ao

⁵⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/salvador-retoma-festa-no-rio-vermelho-e-renova-devocao-a-iananja.shtml>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

⁵⁶ Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/reveillon-de-copacabana-reune-29-milhoes-de-pessoas-e-rio-bate-recorde-de-turistas/>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

bairro de Copacabana no dia de sua realização, o que impediria, por exemplo, a chegada dos muitos veículos da carreta da festa do Mercadão à Praia de Copacabana.

Esse processo de esvaziamento da Praia de Copacabana por parte de adeptos das religiões de matriz africana para suas homenagens à Iemanjá dando lugar ao vertiginoso crescimento das celebrações de *réveillon* indicam (VAZ; JACQUES, 2006) uma relação inversamente proporcional entre espetáculo e participação popular, de modo que quanto mais espetacular for a assimilação da cultura em processos de utilização do espaço urbano, menor será o envolvimento da população e da cultura popular e vice-versa. Quanto à relação entre espetacularização e gentrificação, nota-se uma associação direta, significando que a espetacularização urbana inevitavelmente conduz à gentrificação tanto do espaço físico quanto da cultura. Nessa perspectiva, às festas de Iemanjá que são realizadas atualmente na Praia de Copacabana tornam-se importantes elementos de resgate dessa tradição e desse território da cidade transfigurado, a partir da década de 1970, em cartão de visita do Rio de Janeiro – e do Brasil – a partir de seus megaeventos. A festa do Mercadão, nesse sentido, por sua dimensão, ganha destaque nesse processo de resgate.

Figura 20 - Imagem de Iemanjá chega à Praia de Copacabana em 2013



Fonte: Facebook da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira⁵⁷.

⁵⁷

Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=635217513183564&set=a.635209059851076&locale=pt_BR. Acesso em 19 de janeiro de 2023.

em:
Acesso

Durante a entrevista exclusiva para esta pesquisa acadêmica, a ialorixá Mãe Miriam de Oyá faz ratificar a capilarização do culto à Iemanjá no Rio de Janeiro e no Brasil e relembra as origens das comemorações de réveillon nas praias do Rio. A sacerdotisa ressalta também que a escolha de uma data fixa para uma celebração à Iemanjá tem a vantagem de recuperar a tradição antiga em que vários grupos religiosos de terreiros distintos se reuniam na praia para cultuar a deusa, dando vultuosidade às comemorações. Segundo Mãe Miriam, o crescimento dos eventos de réveillon em Copacabana e a capitalização desses eventos pelos segmentos de turismo na cidade acabaram por afastar os religiosos e seus rituais da praia na data comumente utilizada, o dia 31 de dezembro. Nesse sentido, para Mãe Miriam, a definição do dia 29 de dezembro, mesmo não sendo a data tradicional dos antigos cultos à Iemanjá na virada de cada ano, tem sua vantagem no sentido de congregar mais pessoas ao redor de uma celebração.

“Bem, Iemanjá é um orixá muito popular no Brasil principalmente aqui no Rio de Janeiro, muito reverenciada. Antigamente essas homenagens ocorriam 31 de dezembro, isso na década de 1970 e os terreiros de umbanda iam para a orla, as praias, e marcavam um pequeno espaço onde ali aconteciam as giras de umbanda, e cada terreiro oferecia o seu barco para Iemanjá, e fizemos, assim acontecia por vários anos, até que outros segmentos religiosos e a parte de turismo aqui do Rio eles começaram a invadir as orlas com a religião deles, os hotéis começaram com fogos de artifício, a parte turística teve a soberania em cima da parte religiosa, e os terreiros foram se afastando, aí cada um fazia num dia diferente, em dezembro, e assim ficou quase perdida essa tradição” (MÃE MIRIAM, 2022).

Pierre Nora conceitua os "lugares de memória" em três dimensões principais. Primeiro, são espaços físicos onde a memória social se fixa e é perceptível sensorialmente. Em segundo lugar, funcionam como pontos de ancoragem para memórias coletivas, adquirindo uma função significativa nesse aspecto. Por último, representam locais simbólicos que manifestam e revelam a identidade coletiva. Esses lugares são marcados por uma intencionalidade de preservar memórias. Eles não surgem espontaneamente, mas são construções históricas cujo interesse reside em seu papel como documentos e monumentos que iluminam os processos sociais, conflitos, paixões e interesses que os investem de um significado icônico.

A ialorixá Mãe Patrícia de Ayrá, membro do grupo de líderes religiosos que deram apoio à Mãe Miriam durante a vigésima edição do evento, em entrevista concedida para essa pesquisa, no dia 29 de dezembro de 2022, ressaltou a importância da Festa do Mercadão de Madureira para a afirmação da identidade afro-brasileira na cidade, justamente por se tratar de um evento público, em espaço aberto, e citou outros exemplos de eventos públicos que, segundo ela, são gratificantes para os adeptos dessas tradições religiosas. Em sua fala, a ialorixá defende que a rua como palco de vivências religiosas afro-brasileira possibilita a perspectiva de um dia a discriminação e o preconceito contra essas religiões sejam abolidos. A sacerdotisa afirma:

Para a gente, para quem é do santo, não sei, é satisfação plena, sabe? Eu vou falar para você que é o mesmo que você ver o carnaval da Grande Rio, Exu vencendo... Eu estava falando também isso hoje, a nossa religião ela vem de uma senzala, então ela sofre preconceito até hoje, então quando você percebe que nossa Iemanjá, sabe? Nossa Iansã, nosso Ogum, nosso Exu está sendo levado além dessa fronteira que eles tentam colocar para a gente é satisfatório, é recompensador, é porque é um direito nosso, é um papel nosso, dá mesma maneira que os santos católicos, que dentro da religião cristã Jesus Cristo, Espírito Santo... nossos orixás, é a nossa vida, então quando você percebe realmente o povo cantando, parando na rua para poder olhar, é muito bom, é esperança de que realmente a gente vai conseguir chegar em algum lugar, ser visto com isso, com amor, com união, que é uma religião que é para trazer o bem-estar, então a palavra é essa mesmo, gratidão e satisfação em ver aqui a nossa bandeira sendo levantada. (MÃE PATRÍCIA, 2022)

Figura 21 - Pedestres assistem à carreata da festa



Fonte: Facebook da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira⁵⁸.

Já em sua primeira edição, em 2003, a festa do Mercado adotou a carreata até a Praia de Copacabana como sua grande característica definidora. Fica evidente que o elemento rua é essencial para o desenvolvimento dessa festividade. Começando com uma lavagem simbólica das escadarias da entrada principal do mercado, a celebração ganhava vulto com a procissão de veículos seguidos pelo caminhão que transporta a imagem de Iemanjá até a praia de Copacabana, passando por diversos bairros da zona norte, centro e zona sul, num trajeto de cerca de 30 quilômetros, exatamente no intuito de mostrar o Mercado. Hélio explica o porquê no trecho:

Isso aí [o trajeto de Madureira a Copacabana] cria na cidade do Rio de Janeiro um estardalhaço, é uma confusão generalizada, e isso é mais importante, o que está acontecendo no Rio de Janeiro, é a procissão do Mercado de Madureira, a gente para

⁵⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=635217046516944&set=a.635209059851076>. Acesso em 06 de maio de 2024.

o trânsito, engarrafamento generalizado, olha aí os batedores aqui [Hélio aponta para uma foto do Facebook da festa]. (SILLMAN, 2022)

A página de perfil na rede social Facebook dedicada à Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira, possui cerca de sete mil seguidores e é um dos principais canais de comunicação utilizados pelos organizadores do evento para divulgar informações e detalhes de cada edição da festa e como meio de cobertura e registro dos eventos já realizados. Na área do perfil destinada à apresentação da festa, a organização do evento o descreve da seguinte forma:

Essa festa é realizada por lojistas do Mercadão de Madureira - Rio de Janeiro, que é o principal centro de exposição e comercialização de Artigos Religiosos e Afro-brasileiros do Brasil. Conhecido em todo o País como um centro de referência de produtos utilizados pelos adeptos das religiões afro-brasileiras, com suas numerosas lojas de Artigos Religiosos, o Mercadão de Madureira estava devendo a esse segmento de clientes uma homenagem significativa. Escolhemos, desta forma, uma festa para Iemanjá, por ser ela a "mãe de todas as cabeças", sendo assim venerada por todas as nações espiritualistas e tendo muitos admiradores entre o povo de outras religiões. (FACEBOOK - Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira)

A festa de Iemanjá no Mercadão de Madureira não se limita a ser apenas um evento religioso, ela incorpora elementos significativos de comunicação institucional. Projetada como uma vitrine para o novo mercado, que passou por uma modernização após sua reconstrução, a festa mistura o sagrado com o secular. O objetivo era criar um evento que não apenas honrasse a divindade, mas também promovesse o espaço comercial renovado, destacando suas novas instalações e aprimoramentos.

Sobre a origem da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira, Hélio Sillman, idealizador e organizador de todas as edições da festa, em entrevista feita para essa pesquisa afirma:

Sou responsável por toda organização da festa de Iemanjá no Mercadão de Madureira desde a sua origem, que foi em dois mil e três, após um incêndio, teve um incêndio no ano dois mil, o Mercadão acabou, voltando em dois mil e um, dois mil e dois e em dois mil e três a gente fez essa festa no intuito de fazer um agradecimento e também mostrar ao povo carioca que o Mercadão havia voltado, porque na época o Mercadão pegou fogo, acabou tudo, todas as lojas perderam, e a mídia estava aí por inteira, fez toda aquela, 'ah, grande incêndio', aquele negócio que aparece. A primeira [festa] foi em 2003 e como foi, a primeira como sendo uma sequência, quando você bota primeira dá uma condição de você fazer a segunda, a terceira e por aí vai, abre um precedente para algo que vai ser perpétuo até fazer a vigésima. Foi em forma de um agradecimento porque nós trabalhamos com lojas de artigos religiosos, então o marketing, claro, está embutido aí, mas para a gente ter uma noção como festa fazer na simplicidade, mas fazer na essência, como é que a gente vai fazer? Tem que ter uma essência, qual a essência, vir o povo do santo, que eu não sou umbandista nem candomblecista. Eu não sou, eu sou católico, mas, assim, eu sou simpatizante das outras religiões, eu vejo que a melhor religião é aquela que você se sente bem, aquela que você se identifica, então eu sou católico de infância, mas agente quando se identifica com alguma coisa e crê naquela coisa então a gente encara, que você se sente bem, eu estou me sentindo bem devido a religiosidade que eu tenho, mas adepto a vários segmentos, vários momentos que a gente pode introduzir essa coisa na minha vida porque é bom para mim, como se fosse, eu me sinto bem fazendo isso. (SILLMAN, 2022).

Essa fusão entre o religioso e o publicitário na celebração de Iemanjá revela uma perspectiva interessante das práticas culturais e comerciais no dos lojistas do Mercado de Madureira. O evento realizado pelo mercado transcende a expressão de fé, não o abandonando, mas reformulando uma nova abordagem, atuando também como uma ação de *marketing* para as lojas de artigos religiosos dos cultos afro-brasileiros no Mercado de Madureira que após o incêndio e a reconstrução do espaço haviam deixado de ser referência desse segmento na cidade. Neste contexto, a festa serve duplamente como um espaço de devoção para os seguidores de Iemanjá e como uma plataforma para atrair atenção para o mercado, alavancando seu perfil comercial e cultural na cidade.

3.3. O crescimento e o apogeu

Com o decorrer dos anos, observa-se um aumento tanto no tamanho quanto na relevância da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, no contexto cultural do Rio de Janeiro. Nota-se a diversificação e a quantidade de programações do evento, além das presenças de figuras políticas, evidenciando um vínculo entre os cenários político e cultural da cidade. Paralelamente, a festa conta com a presença constante de líderes religiosos e representantes da administração do Mercado de Madureira. Essa participação diversificada destaca a importância do evento para a comunidade local e para o município do Rio de Janeiro de uma maneira mais abrangente, refletindo uma confluência entre os âmbitos cultural, religioso e político na cidade.

Nos primeiros anos da década de 2010, A Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira atingiu seu auge, em termos de tamanho das estruturas, da diversificação da programação do evento e, claro, do público participante. Foi no próprio ano de 2010 que as celebrações para iemanjá nas praias receberam uma data oficial definitiva no calendário da cidade, sendo adotado para tal o dia 29 de dezembro, data em que o Mercado de Madureira já realizava sua festa há sete anos.

No decurso de suas edições anuais e seu desenvolvimento, o evento em homenagem à Iemanjá passou a contar com apresentações cenográficas de danças de orixás típicos do candomblé e de entidades comuns à umbanda, concomitantemente, shows de música, apresentações de dança, e até a presença de escolas de samba passaram a compor o roteiro da festa. Hélio confirma: “Aqui está vendo [Hélio aponta para uma foto no Facebook da festa], essa aqui é a nona [edição da festa], foi uma das maiores que eu fiz, em 2011”. Nesse mesmo

ano, as festas para Iemanjá nas praias do Rio de Janeiro foram declaradas patrimônio cultural da cidade.

No ano de 2013, segundo Hélio, a carreata que saiu do Mercado de Madureira contou com vinte e cinco veículos ônibus para transporte dos participantes, além dos carros particulares acompanhando o cortejo da imagem de Iemanjá de Madureira até Copacabana, impactando as vias em todos os lugares por onde passou. Com base na experiência daquele ano, o público esperado para os festejos nas tendas montadas na praia de Copacabana no ano de 2014 foi estimado em cinco mil pessoas, segundo informação de Hélio em trecho de entrevista ao jornal O Globo, do dia 26 de dezembro de 2014: “Durante todo o evento, passam cerca de 5 mil pessoas pela tenda. É também uma atração turística — avalia Sillman”⁵⁹. A trajetória da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira no decorrer de um ano para outro foi, na maior parte das vezes, de crescimento e evolução, ganhando um número cada vez maior de participantes, mais diversificação das atividades que compõem o evento e aumentando significativamente o interesse do público em geral e consequentemente a cobertura da mídia.

Figura 22 - Carreata da festa em 2013



Fonte: Facebook da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira⁶⁰.

⁵⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/pelo-12-ano-imagem-de-iemanja-sera-levada-do-mercadao-de-madureira-em-carreata-ate-copacabana-14904812>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

⁶⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=482082221830428&set=a.482080171830633&locale=pt_BR. Acesso em 19 de janeiro de 2024.

Figura 23 - Multidão recebe a estátua de Iemanjá em Copacabana em 2011



Fonte: Facebook da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira⁶¹.

Desde sua criação em 2003 e com o aumento de sua popularidade, a Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira tornou-se um símbolo cultural e religioso das tradições afro-brasileiras em Madureira e na cidade do Rio de Janeiro. Com a inclusão das festas para iemanjá incluídas no calendário oficial da cidade e seu reconhecimento como parte do conjunto de patrimônios culturais do Rio de Janeiro, o evento passou a exprimir na mídia e na comunidade local de Madureira e do subúrbio, de forma mais visível, as celebrações para Iemanjá em Copacabana, fazendo referência e um resgate às tradições centenárias de cultuar a rainha dos mares na praia no final do ano. Claramente, numa reformulação da tradição que se apresenta adaptada a novos formatos, contextos políticos e sociais e comerciais, mas que com a origem nas festas do passado consegue a seu modo manter uma tradição no presente.

3.4. Início do fim: festa de 2017

Durante o ano de 2017, a Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira enfrentou um cenário desafiador devido à falta de suporte financeiro e organizacional que era habitualmente oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Diante dessa ausência de recursos municipais, os organizadores do evento empenharam-se na busca por financiamento alternativo. Segundo

⁶¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=635217586516890&set=a.635209059851076>. Acesso em 08 de maio de 2024.

Hélio Sillman, um dos responsáveis pela celebração, o evento contou com o apoio financeiro de patrocinadores, contribuições oriundas do próprio Mercadão de Madureira, além de fundos arrecadados através de rifas organizadas pelos organizadores. Nesse episódio, foi a primeira vez em que a festa não contou com o suporte da prefeitura.

Naquele ano, conforme já se tornara costumeiro, o evento recebeu ampla cobertura midiática por parte de diversos veículos de comunicação cariocas, incluindo os jornais O Dia e Extra, o Portal G1, além de reportagens veiculadas nos telejornais locais da TV Globo do Rio de Janeiro, Bom Dia Rio e RJTV. Todavia, destaca-se que somente a matéria veiculada no jornal Extra, em 28 de dezembro de 2017, sob a autoria do colunista e líder religioso Pai Paulo de Oxalá, abordou em manchete e como tema central a ausência de apoio por parte da Prefeitura do Rio para aquela edição da festividade. Intitulada "Mercadão realiza festividade em honra a Yemanjá sem respaldo da Prefeitura do Rio", a reportagem ressaltou as tensões emergentes entre os organizadores do evento e a gestão de Marcelo Crivella, então em seu primeiro ano de mandato, evidenciando um cenário de relações deterioradas. Apesar de ser a única publicação mais especificamente voltada para o alerta, o texto do jornal Extra encontrava ressonância em outros episódios, também veiculados na mídia carioca, de dificuldades enfrentadas por outras iniciativas culturais ligadas à cultura afro-brasileira naquele mesmo ano, desde o início da administração Crivella, como Trem do Samba, a Feira das Yabás, as escolas de samba Portela e Império Serrano e a Casa de Cultura Jongo da Serrinha.

Figura 24 - Cobertura jornalística da festa em 2017



Fonte: Jornal O Dia; Portal G1; Jornal Extra⁶²

⁶² Imagem à esquerda: Jornal O Dia. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/2017/12/rio-de-janeiro/36640-homenagens-a-iemanja-de-madureira-ate-copacabana.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2024. Imagem do centro:

Beatriz Nascimento, integrante da equipe organizadora, ressaltou que a realização do ritual foi possível graças exclusivamente ao patrocínio de comerciantes locais, que doaram a quantia de R\$ 40 mil⁶³. Em entrevista ao jornal O Dia, Hélio Sillman destacou que houve um aumento significativo na participação popular na festa naquele ano, com uma estimativa de mais de 10 mil pessoas. Ele atribuiu esse crescimento à reação da comunidade frente aos ataques contra as religiões de matriz africana: "Toda essa polêmica provocou uma adesão ainda maior. Quem era adepto, mas não vinha, se mobilizou para vir", explicou Sillman⁶⁴.

Corroborando as declarações de Sillman sobre o crescimento da mobilização popular para a Festa de Iemanjá, um fato notável foi divulgado na página oficial do evento no Facebook. Pela primeira vez em 15 anos, as camisas do evento esgotaram-se antes mesmo da data da celebração. A rápida distribuição das camisas naquele ano evidencia um aumento significativo no interesse e na participação do público, considerando que para participar da carreata nos ônibus disponibilizados pela festa é preciso adquirir a camisa do evento.

Em uma publicação feita no perfil da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira no Facebook, em 28 de dezembro de 2017⁶⁵, foi feito o anúncio de confirmação daquela edição do evento:

Informamos a todos que nossa festa acontecerá amanhã 29 de dezembro no posto 4. A imagem deverá estar chegando na praia as 17h e nossos festejos começam as 18h com várias apresentações. Não temos mais camisas, mas aqueles q não conseguiram adquirir poderá ir de branco que será liberado o espaço que está destinado ao povo que está com a camisa da festa. Pela primeira vez nestes 15 anos as mesmas terminaram nesta quinta...graças a Deus...com as trocas de alimentos. OBRIGADA a tds que ajudaram!!!! A ORGANIZAÇÃO. (FACEBOOK, 2017)

Em declarações ao jornal Extra, Sillman mencionou que, tradicionalmente, a festa conta com o apoio logístico do Mercado e com o patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro. No entanto, em 2017, mesmo após a entrega de todos os documentos necessários para a obtenção do patrocínio municipal, o apoio não foi concretizado. Portanto, a celebração teve que ser realizada somente com o suporte logístico do Mercado. Sillman expressou o sentimento daquele momento: "Estamos vivendo um momento muito difícil, então vamos pedir à grande

Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/carreata-de-iemanja-e-realizada-nesta-sexta-no-rio-e-pede-paz-uniao-solidariedade-e-amor.ghtml>. Acesso em 08 de maio de 2024; Imagem à direita: Jornal Extra. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/mercadao-faz-festa-para-yemanja-sem-apoio-da-prefeitura-do-rio-22234317.html>. Acesso em 08 de maio de 2024.

⁶³ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/festa-de-iemanja-em-copacabana-reune-duas-mil-pessoas-22240772.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

⁶⁴ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/2017/12/rio-de-janeiro/36640-homenagens-a-iemanja-de-madureira-ate-copacabana.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

⁶⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=482082221830428&set=a.482080171830633&locale=pt_BR. Acesso em 19 de janeiro de 2024.

mãe, paz para o mundo!".⁶⁶ Apesar das adversidades, a programação do evento manteve a tradicional roda com Babalorixás, Ialorixás e filhos de santo, que dançaram e cantaram em homenagem a Iemanjá, reafirmando a vitalidade e a resistência cultural da festividade mesmo em tempos desafiadores.

3.5. Resistência na festa de 2018

Em 2018, porém, já com muitas dificuldades financeiras, e sem a garantia do aparato logístico e de controle de tráfego e de espaços na Praia de Copacabana, a festa ficou ameaçada de não ocorrer. Seus organizadores chegaram a divulgar em publicação do dia 14 de novembro de 2018⁶⁷ no perfil do Facebook da festa, a informação do cancelamento da edição daquele ano devido à falta de iniciativas da prefeitura do Rio de Janeiro para a realização do evento:

Acabo de receber a informação que a Festa de Yemanjá deste ano não irá acontecer. Apesar de fazer parte do calendário da cidade, o nosso digníssimo prefeito não fez questão de mover uma palha para q a mesma pudesse se realizar como todos os anos. Estarei colocando mais pra frente alguma notícia que por ventura venha modificar esse quadro. Obrigada. (FACEBOOK, 2018)

Relembrando a resistência de organizadores e participantes da Festa de Iemanjá do Mercadão diante das adversidades enfrentadas durante a gestão Crivella, Mãe Miriam narra:

Olha, no Mercadão, o Hélio sempre correu atrás da parte burocrática, nós tivemos ajuda da prefeitura sim, destinava uma verba, fora que ele fazia camisetas, e trocava por alimentos não perecíveis, entendeu? E assim cada lojista que era da religião ajudava, e assim saía, mas nós tivemos quatro anos sombrios aqui no Rio de Janeiro. Sombrios, que a nossa festinha foi deste tamanho [gesto com a mão indicando a redução do evento], cada um ia para Copacabana como podia, sem tenda. O evento acontecia, porque nós somos resistentes... Não deixamos de fazer. Como fizemos no dia de São Jorge, a semana de São Jorge, nós fomos para o Mercadão celebrar. [MÃE MIRIAM, 2022]

Apesar dos desafios enfrentados devido à ausência de apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro e ao decréscimo de patrocínios, a edição de 2018 da festa foi realizada com esforço e dedicação por parte dos organizadores. Esta versão do evento diferiu significativamente das precedentes, as quais eram conhecidas por sua grandiosidade e programação diversificada. A escassez de recursos financeiros naquele ano obrigou a implementação de mudanças estruturais importantes no evento, a principal delas foi a falta dos ônibus que habitualmente faziam o transporte dos participantes do Mercadão de Madureira até Copacabana para a emblemática carreata. Diante deste cenário, os organizadores solicitaram que os participantes utilizassem

⁶⁶ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/mercadao-faz-festa-para-yemanja-sem-apoio-da-prefeitura-do-rio-22234317.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

⁶⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/iemanjademercadao/?locale=pt_BR. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

meios próprios de transporte para se dirigirem a Copacabana, onde ocorreria a etapa final da festividade.

Naquele mesmo ano, o então vereador Átila Alexandre Nunes Pereira – também filho de Átila Nunes e irmão do autor da lei que incluiu o Dia de Iemanjá no Calendário Oficial de Eventos da Cidade do Rio de Janeiro, Átila Nunes Neto – protocolou no Plenário da Câmara Municipal de Vereadores do Rio de Janeiro uma denúncia acompanhada de pedido de cassação de mandato do prefeito Crivella. O documento assinado no dia 09 de julho de 2018⁶⁸ trazia um extenso dossiê com atos de Marcelo Crivella que, segundo o vereador, feriam a função pública de mandatário da cidade, entre as quais o corte de verbas intencional à celebração denominada “Barco de Iemanjá”, realizada pela Congregação Espírita Umbandista do Brasil (Ceub). O Barco de Iemanjá, assim como a festa organizada pelo Mercadão de Madureira, conta com uma procissão pelas ruas do Rio de Janeiro como elemento importante do evento. No entanto, a procissão do Barco de Iemanjá parte do bairro do Estácio – na zona central da cidade – até a Praia de Copacabana, em um trajeto mais curto do que o percorrido pela celebração do Mercadão, com aproximadamente dez quilômetros de extensão.

Ao se observar a edição de 2018, percebe-se uma drástica redução na festa, tanto em termos de público quanto a seu conteúdo. Em comparação, no ano de 2011, conforme destacado por Sillman, o evento alcançou um de seus ápices, dispondo de 22 ônibus para o transporte dos participantes na carreata, além de apresentar uma ampla diversidade de atrações artísticas que incluíam performances de dança que faziam alusão aos rituais de umbanda e candomblé, e shows musicais, que prolongavam as atividades até o período noturno.

Na edição de 2018, a Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira precisou de adaptar ao novo cenário de relações com a administração municipal do período Crivella. Essa diminuição, segundo as análises, deveu-se primordialmente à escassez de recursos financeiros, o que restringiu a possibilidade de uma programação mais extensa e variada. Adicionalmente, dificuldade de diálogo com a Prefeitura resultou na insuficiência de suporte à estrutura da festa, o que acarretou a menor participação popular, um contraste significativo se comparado às edições anteriores. Em publicação do dia 10 de novembro de 2018 Madureira⁶⁹, organizadores voltaram a utilizar o perfil da festa no Facebook para confirmar a realização do evento,

68

Disponível em: <https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/83491ead466246dd032577590051acc4/41d4e9dda faabfb9832582c6007d2082?OpenDocument>. Acesso em 20 de janeiro de 2024.

⁶⁹Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/festas-de-ianjanja-nas-praias-sao-afora-patrimonio-cultural-carioca-3538921>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

comunicar a inexistência de ônibus para o transporte dos participantes e destacar as dificuldades encontradas nas negociações com a Prefeitura do Rio:

Informativo. A festa de Yemanjá irá acontecer no dia 29 de dezembro na Praia de Copacabana onde a imagem de nossa Mãe estará chegando por volta de 16h no posto 4 (Constant Ramos). Sabemos que infelizmente não tivemos "verba" da prefeitura, de patrocinadores para que acontecesse como todo ano a grande festa, mas com luta e União teremos nossa singela homenagem. Teremos duas tendas simples , som para que nossos ogas, curimbeiros e curimbeiras possam louvar nossos orixás, não terá divisória , mas uma corda estará dividindo o espaço para que a imagem possa ficar no centro da arena como sempre, não terá camisetas para vender e nem trocar por alimentos...mas pedimos que todos coloquem suas camisetas dos outros anos e lotem a areia de copacabana. Não haverá show com Barra vento , oga Genario de xango como sempre aconteceu, mas nada irá impedir de juntos gritamos numa só voz " Odoya Yemanjá"!!!!# Não haverá ônibus portanto o metrô será a condução de todos por sua própria conta. Pela manhã estaremos no mercadão e o caminhão sairá de lá as 15h com a imagem e as oferendas. Acho que expliquei tudo. Juntos somos fortes. A fé não pode falhar!!!! (FACEBOOK, 2018)

Figura 25 - Programação da festa em 2018

A imagem é um cartaz de programação para a 16ª Procissão de Yemanjá do Mercadão de Madureira - RJ. O cartaz tem um fundo azul com uma imagem de uma mão segurando uma coroa de Yemanjá. O texto principal é "16º Procissão de Yemanjá do Mercadão de Madureira - RJ." em letras brancas e amarelas. Abaixo, há uma seção "Programação:" com horários: 10 h - Concentração, 12 h - Licença à Exu, 14 h - Retirada dos Barcos, e 15 h - Carreata a Copacabana. O dia da festa é "29.12 Sábado" e o local é "Praia Copacabana Posto 04". Há também uma imagem de Yemanjá dançando no mar. No canto inferior esquerdo, há um logotipo do "MERCADÃO DE MADUREIRA" com o slogan "O maior mercado popular do Brasil." e "Junto com você". No canto inferior direito, há um logotipo da "Agenda cultural AGEN AFRO" com o slogan "SeloQualidade".

Fonte: Facebook da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira⁷⁰

Os organizadores demonstraram sua indignação em uma entrevista ao jornal O Globo⁷¹, criticando a ausência de suporte da prefeitura para a edição de 2018 da festa. Sillman, um dos organizadores, relatou a situação enfrentada em Madureira, onde ele mesmo se encarregou de toda a organização, abrangendo desde a imagem de Iemanjá que decorava o caminhão da procissão até o planejamento do trânsito. Em suas palavras, "Essa gestão não nos deu nenhum apoio. Nos outros anos, tínhamos batedores, guarda municipal... Hoje não temos nada". A

⁷⁰

Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1993823993989569&set=a.341474445891207>. Acesso em 07 de janeiro de 2024.

⁷¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/procissao-para-ianjanja-arrasta-devotos-de-madureira-copacabana-23335319>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

realização da festa em 2018 foi um grande desafio para seus organizadores e uma demonstração de resistência num contexto de tantos obstáculos. Em entrevista para essa pesquisa, Sillman afirmou que “nunca teve [dinheiro da Prefeitura no período de Crivella] e esse problema gera uma insatisfação e gera também um cansaço meu, porque para eu conseguir fazer eu brigo muito, é muito estressante, muito”. Ao longo dessa pesquisa, as reclamações mais recorrentes por parte dos organizadores da festa são em relação à falta das estruturas na Praia de Copacabana e, principalmente, à falta de apoio logístico para realização da carreata.

No ano de 2018, a programação da festa foi bastante reduzida, não incluindo os shows de músicos e as apresentações de danças afro comuns em outras edições. Esses elementos da festa funcionavam também como atração para pessoas que eventualmente já estavam em Copacabana e, vendo aquelas manifestações, se aproximavam e ficavam para acompanhar a festa, aumentando o público do evento. Esse fato associado à inexistência de ônibus que levassem os participantes de Madureira à Copacabana, a festa de Iemanjá do Mercadão em 2018 foi uma das menores desde o seu início, mas foi apenas o prenúncio do que viria no ano seguinte, que viria a ser ainda mais difícil para seus organizadores.

3.6. A carreata vira circuito: a festa de 2019

Ao longo de 2019, a tradicional Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira enfrentou desafios sem precedentes, culminando na realização de sua edição mais limitada desde a sua criação, em 2003. Este cenário desfavorável foi intensificado pelas crescentes dificuldades no diálogo com a Prefeitura do Rio de Janeiro, o que resultou na impossibilidade de organizar a principal atividade do evento: a procissão de Madureira a Copacabana. De acordo com os organizadores, a falta de recursos financeiros necessários para o aluguel do caminhão que transporta a estátua, do carro de som e dos ônibus para os participantes, somada à ausência de autorizações essenciais por parte dos órgãos municipais, obrigou a celebração a se restringir ao espaço interno do Mercadão de Madureira. Em entrevista ao Portal G1, em 28 de dezembro de 2019, Hélio Sillman esclareceu: “A gente não vai fazer o ritual da carreata. Em Copacabana, vamos só entregar os presentes”. Paralelamente, Anderson Teixeira, pesquisador da festa, destacou: “Madureira em si é um grande território que preserva e conserva todas as referências da África”⁷².

⁷² Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/28/homenagem-a-ianjanja-leva-devotos-ao-mercadao-de-madureira-no-rio.ghtml>. Acesso em 07 de janeiro de 2024.

Em clima de tensão causado pelas mudanças impostas ao evento naquele ano, os organizadores voltaram a utilizar o Facebook, em uma publicação do dia 27 de novembro de 2019⁷³, para anunciar o novo formato do evento (sem carreata e sem as celebrações na Praia de Copacabana), reforçar o caráter de resistência daquela edição em especial e denunciar em letras garrafais a ausência de alvará de liberação da festa por parte da Prefeitura:

ATENÇÃO DEVOTOS DE NOSSA MÃE YEMANJÁ. NOSSA LUTA É GRANDE E ÁRDUO, A PRINCÍPIO NÃO TERÍAMOS A NOSSA FESTA ANUAL, MAS "ELA" NÃO NOS ABANDONA E FAREMOS UMA PEQUENA HOMENAGEM. SEGUE ABAIXO COMO SERÁ. Dia 28 de dezembro de 2019 não faremos a tradicional carreata, que sai do Mercado para Copacabana! Sem recursos, sem apoio da prefeitura e o mais importante! Sem O ALVARÁ DE REALIZAÇÃO. E faremos fazendo o "Circuito Yemanjá" um passeio dentro das galerias do Mercado de Madureira, Como acontecesse nos Museus, em cada galeria será colocada uma imagem de Iemanjá em 13 pontos diferentes, em cada, será colocado banners com mensagens simples e de fácil entendimento a população do sincretismo da Cultura CARIOCA. Então! dia 28 de Dezembro convido para participar dessa homenagem a Yemanjá! (FACEBOOK, 2019)

Substituindo o tradicional cortejo que percorria as vias do Rio de Janeiro, de Madureira até Copacabana, a festa de 2019 foi marcada por uma caminhada interna nos corredores do Mercado. Reduzida drasticamente, a festa não contou com seu elemento mais emblemático: a procissão e carreata que atraía milhares às ruas da cidade, culminando em uma grande celebração na praia de Copacabana. Assim, os devotos de Iemanjá foram privados do elemento público da rua, simbolizando também a contínua marginalização das religiões de matriz africana no contexto urbano.

Diante dos obstáculos enfrentados pela equipe responsável em 2019, ocorreu a divulgação, por meio do perfil no Facebook da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, do cancelamento da procissão e carreata até Copacabana. O tributo à Iemanjá foi modesto em 28 de dezembro de 2019, excluindo-se o elemento rua que espalhava a festa pelas vias da cidade desde Madureira até Copacabana. A ausência de financiamento, a falta de suporte da prefeitura e, segundo Sillman, a não emissão do alvará necessário pela Prefeitura do Rio, impossibilitaram a realização do desfile e das atividades na praia. Assim, como medida alternativa, efetuou-se o que foi nomeado pelos responsáveis como 'Circuito Yemanjá', uma mostra situada nos corredores do Mercado destacando o sincretismo da tradição cultural carioca.

Naquele ano, Hélio Sillman, em entrevista à Rádio Tupi⁷⁴, comentou que, apesar da falta de apoio municipal no ano anterior, o cortejo seguiu até Copacabana, mesmo sem alvará. Ele

⁷³ Disponível em: https://www.facebook.com/lemanjadomercado/?locale=pt_BR. Acesso em 25 de janeiro de 2024.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.tupi.fm/rio/procissao-de-yemanja-nao-acontecera-por-falta-de-apoio-da-prefeitura-dizem-organizadores/>. Acesso em 08 de maio de 2024.

revelou que, devido aos problemas enfrentados nas duas últimas edições do evento, já com a cidade sob a administração de Crivella, a organização optou por realizar a festa dentro do Mercado. A matéria informou ainda que “a Prefeitura do Rio disse, por meio de nota, que a tradicional procissão de Iemanjá, realizada em Madureira, não precisa de alvará por se tratar de uma manifestação religiosa”. A questão do alvará negado para a realização da festa é um ponto crucial no imbróglio entre organizadores e a prefeitura, por essa razão aparece repetidamente em trechos das entrevistas para esta pesquisa e em notícias sobre a festa divulgadas nas mídias.

A Prefeitura do Rio manteve a posição da não necessidade de emissão de alvará para a realização do evento do Mercado, mesma postura adotada em resposta à manchete “Sabe a última do bispo? Prefeito corta verba para festa de Iemanjá”, publicada na edição de 29 de novembro de 2017 pelo jornal Extra⁷⁵, que denunciou a retirada do apoio financeiro de cerca de R\$30 mil ao evento realizado pela Ceub. Na página marcelocrivella.com.br, ainda no dia 29 de novembro de 2017, foi publicado o texto intitulado “A verdade sobre a publicação do Jornal Extra, a respeito da verba para a Festa de Iemanjá”⁷⁶, que rebateu a notícia do jornal Extra afirmando que “A Prefeitura apoia a realização do evento “Barco de Iemanjá” e inclusive o isentou de alvarás e do pagamento de taxas municipais”.

Esse entendimento da gestão Crivella sobre eventos de natureza religiosa acabou por deixar a Festa de Iemanjá do Mercado em uma espécie de “limbo”. De fato, manifestações religiosas não necessitam de autorização prévia para suas realizações, como resguarda a Constituição Federal em seu 5º artigo, contudo, a dimensão e a complexidade do evento do Mercado requerem uma série de procedimentos de controle e cuidado das autoridades públicas, principalmente no que diz respeito ao deslocamento de tantos veículos pela cidade e da organização do espaço na Praia de Copacabana. A prefeitura, portanto, ao entender o evento unicamente como manifestação religiosa, se isentou de dar o suporte necessário para a execução da carreata e das celebrações na praia.

A atuação prática dos agentes da guarda municipal ao longo do trajeto, assim como o da companhia de limpeza urbana (Comlurb), após a cerimônia na praia representam a principal queixa de Hélio Sillman quando se refere a falta de apoio da prefeitura durante a gestão de Marcelo Crivella. Devido à complexidade do evento, sem a autorização municipal para a

⁷⁵ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/pela-primeira-vez-em-13-anos-prefeitura-do-rio-corta-apoio-financeiro-procissao-de-iemanja-22126728.html>. Acesso em 08 de maio de 2024.

⁷⁶ Disponível em: <https://marcelocrivella.com.br/a-verdade-sobre-a-publicacao-do-jornal-extra-a-respeito-da-verba-para-a-festa-de-iemanja/>. Acesso em 08 de maio de 2024.

realização do evento, esses mecanismos de gestão da festa não seriam disponibilizados e inviabilizariam a sua realização. Sillman declarou em entrevista a esta pesquisa:

Posso fazer porque existem leis atuais, e para que eu faça isso, por exemplo, não é necessário pedir autorização, isso aí é uma manifestação, claro manifestação é uma manifestação, mas isso é programado, eu boto uma tenda, eu pego vinte e cinco ônibus boto para circular, eu boto tudo ali, água mineral, tudo para distribuir de graça para todo o mundo, e tudo essa estrutura tem que ser feito lá trás. [...]então como ele pode dizer para mim ou dizer para a população em geral que não foi feito porque é manifestação? Negativo. Aí eu fui chamar a Globo, vim falar, Hélio tem direito, vamos lá, bem olha, não foi assim, porque eu falei para ele, isso ai se faz com a previa, eu tenho que botar uma tenda de mil e duzentos metros em Copacabana, e o caminhão vai subir a calçada para jogar aqueles troços lá e montar aquela estrutura, tenho autorização para subir a calçada, eu tenho autorização da guarda municipal, isso é um evento, não é uma manifestação, é totalmente diferente. Teve uma vez que eu não tinha autorização, eu consegui autorização, César Maia assinou, mas um dia antes. Aí os caras chegaram, que tenda é essa, eu falei logo, pelo amor de Deus, era uma hora da manhã, eu falei, não desmonta isso, isso é do César Maia, eu tenho autorização do César Maia, e se vocês arrumarem qualquer problema quanto a isso... Eu trazia a blusa sempre apoio da prefeitura. (Hélio Sillman, 2022)

Desde 2017, a possibilidade de cancelamento do evento já se evidenciava pela crescente falta de interesse e apoio da prefeitura. A ausência de auxílio financeiro reduziu significativamente a estrutura da festa, simplificando os bastidores e limitando a participação de outros agentes organizadores. A estrutura comum da festividade, que normalmente se iniciava na entrada do Mercado de Madureira e se concluía no posto 4 da praia de Copacabana, foi excepcionalmente alterada em 2019, restringindo-se ao espaço comercial. Esta concentração do evento dentro do Mercado marcou um paroxismo, profundamente relacionado aos entraves impostos pelo poder público na autorização oficial para a celebração na orla. A excepcionalidade da festa em 2019 exigiu inúmeras adaptações em sua estrutura, visando reduzir custos. Segundo Sillman, o Mercado forneceu dez mil reais (TEIXEIRA, 2021), suficientes apenas para a realização do evento dentro do mercado, dadas as despesas da estrutura para a carreata e instalações na praia.

Para contornar a impossibilidade de realizar a procissão tradicional, os organizadores inovaram com a criação do "Circuito Yemanjá", uma exposição comemorativa dentro do Mercado de Madureira. Esta iniciativa buscou preservar a existência da festa, mesmo diante da restrição ao espaço público. Ao término das celebrações no Mercado, Sillman e um grupo pequeno grupo dirigiram-se de maneira discreta à praia de Copacabana, onde entregaram ao mar os presentes dedicados a Iemanjá, selando de forma discreta a conclusão da festividade daquele ano.

As alterações implementadas na celebração da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, durante o ano de 2019, representam uma relevante ruptura em relação à tradição que se mantinha inalterada desde o ano de 2003. A festividade, historicamente caracterizada

por um cortejo no qual os adeptos das religiões de matriz africana, provenientes dos subúrbios, percorriam as vias urbanas do Rio de Janeiro, culminando na praia de Copacabana, foi mutilada. O percurso da zona norte à zona sul terminava com uma expressiva homenagem à Iemanjá em um dos locais mais icônicos da metrópole, reconhecido tanto em âmbito nacional quanto internacional. Anderson Teixeira, analisando a singularidade da edição de 2019 da festa em sua tese de doutorado⁷⁷, afirma que “a excepcionalidade dos processos rituais em acontecimento acaba por fomentar uma reconfiguração das espacialidades”. O pesquisador aponta para a mudança na relação com os espaços causados pela restrição do evento aos limites do Mercado de Madureira, considerando os relatos recorrentes de participantes da festa da importância de a celebração ocupar as ruas da cidade.

Figura 26 - Festa de Iemanjá do Mercado em 2019



Fonte: Jornal Meia Hora⁷⁸

Mãe Patrícia de Ayrá, em entrevista, faz um relato comparativo entre edições da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira anteriores à gestão de Marcelo Crivella e a edição de 2019, durante seu mandato, no ano em que o evento teve sua menor dimensão, a sacerdotisa remonta:

Particpei enquanto não era da gestão dele, era uma festa linda, grande, com apoio, com toda uma estrutura, e particpei de uma eu acho que já dentro, mas eu acho que não chegou nem a ser a festa, foi uma coisa tão pequena, que eu acho que foi

⁷⁷ TEIXEIRA, Anderson Rodrigues. Presente de Iemanjá: devoção e festa de matrizes africanas no Mercado de Madureira-RJ. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 67. 2021.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.meiahora.com.br/geral/2019/12/5846156-iemanja--procissao-ficou-no-mercadao.html>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.

resistência mesmo, a palavra foi essa, foi resistência, parece que o Mercado se juntou com... O que você entendeu lá quando você via aquela festa gigante de repente você viu aquilo ali 10%, Mercado de Madureira, um pouco do candomblé, da umbanda, que se juntou resistindo para que acontecesse, então é nítido. (MÃE PATRÍCIA)

A modificação na execução da festa, ao reduzir o evento às dependências do Mercado de Madureira, refletiu as dinâmicas de marginalização e invisibilização enfrentadas por seus organizadores durante o período de gestão de Marcelo Crivella na prefeitura do Rio de Janeiro. Tal mudança evidencia os desafios contínuos enfrentados por estas tradições religiosas e culturais em sua busca por reconhecimento e espaço na esfera pública. Assim, esta análise sinaliza para uma compreensão mais ampla sobre como as práticas religiosas afro-brasileiras são percebidas e vivenciadas no contexto urbano contemporâneo do Rio de Janeiro, ressaltando a necessidade de atenção às dinâmicas de poder e resistência cultural que permeiam essas manifestações.

3.7. A era Paes e a festa de 2022

A eleição municipal do Rio de Janeiro em 2020, culminando na vitória de Eduardo Paes sobre Marcelo Crivella, constitui um episódio significativo na narrativa política contemporânea da cidade. Este evento é emblemático das disputas ideológicas vigentes e reflete uma tentativa de reconfigurar a identidade administrativa e política do Rio. Eduardo Paes, filiado ao Democratas (DEM) e ex-prefeito da cidade entre 2009 e 2017, articulou sua campanha em torno de um discurso de experiência e competência administrativa. Propôs uma agenda focada na eficiência da gestão pública e na implementação de políticas abrangentes, contrapondo-se ao mandato de Marcelo Crivella, do Republicanos, que foi marcado por controvérsias relacionadas a acusações de nepotismo e má gestão, além de uma postura de intolerância religiosa.

Crivella, associado aos princípios neopentecostais devido à sua vinculação com a Igreja Universal, enfrentou resistência considerável em sua tentativa de reeleição. Seu mandato anterior, pautado por uma administração que enfatizava princípios religiosos, provocou oposição de diversos segmentos da sociedade carioca, especialmente daqueles que se sentiram marginalizados por suas políticas. Paes, por sua vez, apresentou-se como uma alternativa pragmática, enfatizando a necessidade de recuperação econômica e de melhorias nos serviços públicos. Seu discurso procurou reconstituir a imagem de um Rio de Janeiro inclusivo, em contraste com a gestão anterior, muitas vezes percebida como sectária.

A disputa eleitoral foi pautada por debates intensos, com as questões de gestão pública, saúde – particularmente em relação à pandemia de COVID-19 – educação e segurança ocupando posições centrais nas discussões. A eleição também foi influenciada pela crescente

insatisfação popular com a situação estrutural e econômica da cidade. A vitória expressiva de Paes expressou o desejo da população carioca por uma mudança na gestão municipal.

Historicamente, o resultado dessas eleições poderá ser analisado como um ponto de inflexão na trajetória política do Rio de Janeiro, uma cidade com significativa relevância na história cultural e política brasileira. A escolha dos eleitores não foi apenas entre dois candidatos, mas representou uma decisão sobre a visão e o futuro desejado para a sociedade carioca. Consequentemente, a eleição de Eduardo Paes consistiu em um momento importante na história recente da cidade, revelando uma tendência ao pragmatismo político em detrimento de valores morais ou religiosos na escolha do mandatário da Prefeitura naquele ano.

Paes, figura frequentemente presente em eventos culturais da cidade, assumiu durante seu mandato uma postura contrária à de seu antecessor, no que concerne à gestão de eventos e celebrações na cidade. Esse direcionamento foi uma marca distintiva da mudança proposta por sua eleição. Assim, no carnaval de 2022, o primeiro a ser realizado na cidade após o hiato imposto pela pandemia de Covid-19, Paes retomou a tradição de conduzir pessoalmente a cerimônia de entrega simbólica da chave da cidade ao Rei Momo, como ato que inaugura oficialmente as festividades carnavalescas no Rio de Janeiro. Naquela ocasião, Paes expressou seu entusiasmo em entrevista concedida ao jornal O Globo⁷⁹:

Após alguns anos sem que essa cerimônia fosse realizada, sua retomada tem significado especial. O carnaval representa a mais expressiva manifestação cultural de nosso povo e o mais significativo símbolo de nossa nação. Não posso descrever o quanto ansiava por este momento, o de entregar novamente a chave da cidade ao Rei Momo. (Eduardo Paes, 2022)

A presença do prefeito Eduardo Paes na cerimônia de abertura do carnaval carioca em 2022 simbolizou uma mudança significativa na política cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro. Essa nova orientação ficou evidenciada com a implementação, no mesmo ano, do Plano de Investimentos "Viva a Cultura Carioca". Trata-se de um programa abrangente de incentivos e ações culturais, com um orçamento de R\$ 349 milhões. De acordo com informações divulgadas pelo Portal da Prefeitura do Rio, este valor constitui o maior aporte financeiro já destinado à cultura na história do município. Este plano, além de destacar a valorização da cultura na gestão municipal, promete fomentar uma ampla gama de atividades artísticas e culturais, impactando significativamente o cenário cultural da cidade.

Entre as iniciativas que compõem o "Viva a Cultura Carioca", ressalta-se o programa "Ações Locais", desenvolvido com a finalidade de identificar e valorizar iniciativas culturais

⁷⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/20/paes-entrega-chaves-da-cidade-ao-rei-momo-e-carnaval-e-declarado-aberto-no-rio.ghml>. Acesso em 20 de janeiro de 2024.

que gerem impactos benéficos nas comunidades envolvidas. Paralelamente, o plano contemplou a expansão do projeto "Zonas de Cultura", iniciado em Madureira no mesmo ano de 2022, prevendo a destinação de R\$ 15 milhões para apoiar projetos e agentes culturais do bairro, promovendo também a participação de artistas locais em intervenções artísticas no espaço urbano. Essas ações, em seu conjunto, refletiram uma nova forma da Prefeitura atuar no fomento da cultura na cidade do Rio.

A partir de agosto de 2022, tive a oportunidade de acompanhar os preparativos para a realização da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira daquele ano para composição desta pesquisa. A 20ª edição da festa, assim como o carnaval do sambódromo, teve naquele ano sua primeira edição após a pandemia e pós Crivella. Durante uma entrevista concedida para esta pesquisa, surgiu a questão sobre as expectativas de apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro, na gestão de Eduardo Paes. Em relação a este tema, Hélio Sillman expressou seu entusiasmo com a perspectiva de uma maior colaboração por parte da administração municipal. Sillman manifestou sua opinião, declarando: "A prefeitura vai engajar mais firmemente porque o Eduardo Paes sinalizou que está aberto a essa parte aí... e a secretaria de cultura está do meu lado". Esta afirmação ressalta o otimismo de Sillman quanto a uma parceria mais sólida e efetiva com o governo municipal, refletindo uma era de potencial renovação e fortalecimento das relações entre a Prefeitura do Rio e os organizadores da festa.

Figura 27 - Agentes da Prefeitura atuam na festa em 2022



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Efetivamente, foi possível constatar a presença marcante de agentes públicos municipais ao longo de todo o dia 29 de dezembro de 2022, durante a realização da carreata. Desde as primeiras horas da manhã, tanto membros da guarda municipal quanto servidores da Subprefeitura da Zona Norte, à qual a região administrativa de Madureira está subordinada, estiveram presentes no evento, colaborando ativamente na organização dos veículos, no

fechamento das vias e no controle do tráfego nas proximidades do Mercadão. Assim como, ao final da festa, já no início da noite, as equipes de limpeza da Comlurb iniciaram a limpeza da praia e um destacamento menor da guarda municipal conduziu o embarque dos participantes de volta e a retirada dos ônibus e demais veículos da orla da praia.

A expectativa de Hélio Sillman em relação ao apoio da Prefeitura do Rio se confirmou na edição de 2022 da festa. Realizado em 29 de dezembro daquele ano, o evento, organizado pelo Mercadão de Madureira, retomou a carreata pelas ruas da cidade e a programação na Praia de Copacabana que não ocorriam desde 2018. Marcando o retorno do formato original da festa, os organizadores do evento conseguiram o caminhão que transporta a imagem de Iemanjá e as oferendas até a praia, quatro ônibus destinados ao transporte dos celebrantes, além da montagem de tendas em uma área extensa de 10 mil metros quadrados na Praia de Copacabana. Essa retomada contou também com um significativo suporte logístico, incluindo o esquema de segurança providenciado pela Guarda Municipal e o apoio da Comlurb, responsável pela limpeza da praia após o término do evento. A realização bem-sucedida da festa, com as medidas de apoio, demonstrou o comprometimento da administração municipal com o evento.

Figura 28 – Entrega das oferendas no mar de Copacabana em 2022



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A grande carreata, composta por um cortejo de vários ônibus, veículos particulares e um carro de som, acompanhava o caminhão que transportava a imagem de Iemanjá e as oferendas dos lojistas e participantes da festa presentes em Madureira, rumo à Praia de

Copacabana, onde uma multidão já aguardava a chegada da procissão. Todo o percurso contou com suporte da Guarda Municipal, sob a liderança de Aires, que gentilmente contribuiu com uma entrevista para esta pesquisa.

A retomada da procissão na composição da festa do Mercadão simbolizou a luta e resistência de cidadãos suburbanos praticantes de religiões afro-brasileiras para a ocupação de espaços públicos da cidade do Rio com suas expressões culturais e religiosas. O suporte oferecido pelas forças municipais refletiu uma nova postura da administração em relação à festa. Os esforços conjuntos então contribuíram para o resgate da essência original do evento, que se caracteriza pela sua conexão intrínseca com os territórios urbanos, manifestada em todas as suas etapas, no Mercadão de Madureira, nas ruas da zona norte, centro e zona sul e concluindo na Praia de Copacabana.

Em dezembro de 2022, a Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira comemorou sua vigésima edição, assinalando o retorno às ruas da cidade e à Praia de Copacabana. A retomada da celebração com suas características iniciais é particularmente significativa no contexto da afirmação de religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, que enfrentam histórica discriminação e preconceito em suas expressões públicas. A presença dessas manifestações no espaço público não apenas representa uma forma de resistência cultural, mas também contribui para a educação e o compromisso social em prol da igualdade religiosa e do reconhecimento da diversidade cultural do Rio de Janeiro. Neste cenário, a cidade do Rio de Janeiro não só serve como palco, mas também funciona como um elemento ativo na construção de sociabilidades e na formação da identidade cultural de sua gente. A Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira, evento suburbano, exemplifica essa dinâmica ocupando e percorrendo as ruas da cidade e fazendo da Praia de Copacabana, local tão destacado no imaginário coletivo sobre o Rio de Janeiro, sua apoteose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos que envolveram a realização da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira durante a gestão do prefeito Marcelo Crivella (2017-2020) representam um objeto de estudo interessante para a investigação das práticas religiosas e culturais afro-brasileiras no contexto da ocupação do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro na contemporaneidade. A administração de Crivella, conhecido por suas vinculações com a Igreja Universal do Reino de Deus, adotou medidas frequentemente consideradas desfavoráveis às manifestações de religiões de matriz africana, sendo marcada por controvérsias relacionadas à liberdade de expressão religiosa, especialmente em relação às práticas afro-brasileiras públicas. A Festa de Iemanjá, realizada anualmente desde o ano de 2003 e que reúne milhares de devotos numa procissão e carreata que atravessam diversos bairros das zonas norte, central e sul do Rio de Janeiro, enfrentou desafios significativos neste período, refletindo tensões mais amplas entre a administração municipal e as comunidades envolvidas na execução da celebração.

Em termos históricos, a festa no Mercado de Madureira é um microcosmo do sincretismo religioso brasileiro, entrelaçando o Candomblé, a Umbanda e outras práticas religiosas em uma conjuntura de festa pública. O evento, além de sua importância religiosa, é também um espaço de afirmação cultural e identitária para muitos praticantes no Rio de Janeiro e particularmente aqueles da região do subúrbio da cidade. Esses grupos foram os principais atingidos durante a gestão de Crivella, no que diz respeito ao evento, porque houve uma redução notável no apoio institucional e nos recursos destinados a eventos ligados às religiões afro-brasileiras e nesse contexto. Essa postura da administração municipal foi interpretada por muitos como uma forma de marginalização dessas práticas religiosas, dado o histórico de casos de intolerância religiosa envolvendo a Igreja universal do Reino de Deus, associação religiosa com a qual o então prefeito Crivella tem significativas ligações.

No entanto, a resistência da Festa de Iemanjá no Mercado de Madureira foi expressiva. Os organizadores e participantes do evento demonstraram uma resiliência notável, mantendo a celebração viva mesmo diante das dificuldades. Esta resistência pode ser compreendida como uma forma de desafio às políticas que visavam limitar a expressão pública de suas crenças. Ao continuar realizando a festa, a comunidade de Madureira e suburbana preservou suas tradições e reafirmou seu direito à liberdade religiosa, à expressão cultural e à preservação de suas memórias.

A análise do período da gestão Crivella no Rio de Janeiro, no que diz respeito à realização da Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, revela as complexas interações entre

religião, política e identidade cultural na cidade. A luta pela perpetuação da festa, por parte de seus organizadores, demonstra como práticas culturais e religiosas podem se tornar arenas de disputa política e social. Neste contexto, o evento torna-se um símbolo de resistência contra tentativas de marginalização e um espaço para a reivindicação de direitos e reconhecimento. Esta dinâmica reflete um aspecto mais amplo da sociedade brasileira, onde a religiosidade afro-brasileira continua a desempenhar um papel significativo na formação da identidade nacional, apesar dos desafios enfrentados.

Portanto, a Festa de Iemanjá no Mercadão de Madureira, durante a administração de Marcelo Crivella, serve como um estudo de caso na historiografia brasileira sobre a resistência cultural e religiosa na cidade do Rio de Janeiro. Ela ilustra como comunidades podem mobilizar suas tradições e práticas culturais como forma de resistência política e social. Este episódio também destaca a contínua relevância e vitalidade das práticas religiosas afro-brasileiras no Rio de Janeiro contemporâneo, desafiando as tentativas de marginalização e evidenciando a sua capacidade de adaptação e perseverança diante de adversidades políticas e sociais.

A festa transcende a mera celebração religiosa e cultural, configurando-se como um instrumento de afirmação identitária e de resistência social para pessoas ligadas às religiões de matriz africana no subúrbio do Rio. Portanto, a continuidade da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira, que enfrentou desafios sem suporte da prefeitura durante a gestão de Crivella, reflete lutas materiais e simbólicas em que comunidades marginalizadas lutam para preservar suas práticas e tradições diante de obstáculos econômicos e falta de apoio governamental. Além disso, nessa luta, identifica-se uma dimensão simbólica vital. A realização da Festa de Iemanjá representa um esforço de reivindicar o direito à ocupação do espaço público urbano, frequentemente negado. Esta batalha simbólica é fundamental para compreender como as comunidades empregam suas tradições não só como celebração, mas também como meio de resistência cultural e afirmação de identidade nos territórios da cidade.

Em 2019, a não realização da tradicional carreata de Madureira até Copacabana, que levava a estátua de Iemanjá e seus presentes, além da ausência da habitual multidão de devotos e participantes que se deslocava do subúrbio para a zona sul, região mais abastada da cidade, para celebrar Iemanjá, representou uma significativa perda para a Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira. Essa ausência retirou um dos principais trunfos da festa, a grande visibilidade proporcionada pelo cortejo de cerca de trinta quilômetros de vias públicas que interligam os dois pontos da celebração, o Mercadão de Madureira e a Praia de Copacabana.

A carreata do subúrbio até a orla da zona sul, promovida pela festa, não só vincula simbolicamente diferentes territórios da cidade, mas opera como ferramenta de educação e combate à intolerância religiosa a partir da apresentação pública de elementos dos cultos afro-brasileiros. A ausência da carreata enfraqueceu a conexão simbólica entre os participantes da festa e o território da cidade. Isso pode ser interpretado como um reflexo de uma política de gestão urbana que, intencionalmente ou não, contribuiu para a descaracterização da relação entre as manifestações culturais e o espaço urbano, desarticulando a interação entre cultura e cidade.

As relações estabelecidas entre os organizadores da Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira e a Prefeitura do Rio de Janeiro, e como estas influenciam de maneira decisiva a realização do evento. A interação entre esses atores revelou-se crucial para compreender a evolução da festa, que vivenciou uma fase de expansão até a edição de 2016, seguida por um declínio acentuado durante o período de 2017 a 2019, coincidindo com a administração do prefeito Marcelo Crivella.

A ruptura no diálogo e na colaboração com as autoridades municipais privou os organizadores da festa de um instrumento vital para o seu desenvolvimento: a articulação política. A ausência dessa interlocução com o poder público resultou não apenas na diminuição do apoio institucional, mas também refletiu na capacidade de mobilização e na obtenção de recursos necessários para a execução da festa. Tal cenário elucidou o papel fundamental que as relações políticas desempenham na viabilização e no sucesso de eventos culturais de grande porte, particularmente em contextos nos quais o apoio governamental se faz essencial. A falta de comunicação pacificada entre organizadores da festa e a gestão municipal, envoltas num contexto de acirramento político e ideológico, prejudicou a realização das festas em homenagem à Iemanjá organizadas pelo Mercadão no período em que Crivella esteve no comando da Prefeitura do Rio, revelando uma relação de causa e efeito de resultados negativos para a festividade que perdeu, em determinado momento, o seu espaço nas ruas e na Praia de Copacabana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

- **Jornais**

AOS 97 anos, filha de escravos luta para manter viva tradição musical das senzalas. **Portal Terra**. Rio de Janeiro. 10/02/2018. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/aos-97-anos-filha-de-escravos-luta-para-manter-viva-tradicao-musical-das-senzalas,4cedaa3270402af9910ffc53eaf6caaf643eygqm.html?utm_source=clipboard. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

BANCADA evangélica já alcança 80% dos partidos. **Correio Braziliense**. 22/05/2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/05/5009738-bancada-evangelica-ja-alcanca-80-dos-partidos.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

BERTOLUCCI, Rodrigo. Na Zona Norte, a efervescência do bairro de Madureira. **Portal O Globo** – Rio de Janeiro, 18/09/2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/na-zona-norte-efervescencia-do-bairro-de-madureira-13976938>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

CARREATA de Iemanjá é realizada nesta sexta no Rio e pede paz, união, solidariedade e amor. **Portal G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/carreata-de-iemanja-e-realizada-nesta-sexta-no-rio-e-pede-paz-uniao-solidariedade-e-amor.ghtml>. Acesso em 08 de maio de 2024

CASA do Jongo reabre hoje com festa na zona norte do Rio. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro. 31/03/2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2018-03/casa-do-jongo-reabre-com-festa-hoje-na-zona-norte-do-rio>. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

COM 'chora capeta', Silas Malafaia comemora eleição de Crivella. **UOL Notícias**. São Paulo. 30/10/2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/10/30/com-chora-capeta-silas-malafaia-comemora-eleicao-de-crivella.htm>. Acesso em 09 de maio de 2024.

COMISSÃO vai à ONU acusar Universal de intolerância religiosa. **Folha de São Paulo**. 27/06/2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u587298.shtml>. Acesso em 03/ de janeiro de 2024.

CORTE de verba ameaça desfile de carnaval do Rio. **Isto é dinheiro**. 16/06/2017. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/corte-de-verba-ameaca-desfile-de-carnaval-do-rio/>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

CRIVELLA não aparece para entregar chave do Rio ao Rei Momo. **UOL Notícias**. Rio de Janeiro, 24/02/2017. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/02/24/crivella-nao-aparece-para-entregar-chave-do-rio-ao-rei-momo.htm>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

EDUARDO Paes entrega chave da cidade para o Rei Momo e começa oficialmente o carnaval no Rio. **O São Gonçalo**. 20/04/2022. Disponível em: <https://www.osaogoncalo.com.br/geral/120752/eduardo-paes-entrega-chave-da-cidade-para-o-rei-momo-e-comeca-oficialmente-o-carnaval-no-rio>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

EM livro, Crivella ataca religiões e homossexualidade: “terrível mal”. **O Globo**. 16/10/2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/em-livro-crivella-ataca-religoes-homossexualidade-terrivel-mal-20296731>. Acesso em 15 de maio de 2024.

ESTÁTUA de Iemanjá é alvo de vandalismo na praia do Olho d’ Água, em São Luís; pai de santo aponta intolerância religiosa. **G1**. 23/07/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/07/23/estatua-de-iemanja-e-alvo-de-vandalismo-na-praia-do-olho-d-agua-em-sao-luis-pai-de-santo-aponta-intolerancia-religiosa.ghtml>. Acesso em 04 de maio de 2024.

FEIRA das Yabás celebra 10 anos e homenageia Ivone Lara e Marielle. **Agência Brasil**. 13/05/2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/feira-das-yabas-celebra-10-anos-no-rio-e-homenageia-ivone-lara-e-marie>. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

FESTA de Iemanjá, em Copacabana, reúne duas mil pessoas. **Extra**. Rio de Janeiro. 29/12/2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/festa-de-iemanja-em-copacabana-reune-duas-mil-pessoas-22240772.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

FESTAS de Iemanjá nas praias são agora Patrimônio Cultural Carioca. **O Globo**. Rio de Janeiro. 30/12/2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/festas-de-iemanja-nas-praias-sao-agora-patrimonio-cultural-carioca-3538921>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

FOGO destrói mercado de 650 lojas no Rio. **Folha de São Paulo Cotidiano**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1701200014.htm>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

FOLIA aberta no Rio: prefeito entrega chave da cidade ao Rei Momo. **Enfoco**. Rio de Janeiro, 17/02/2023. Disponível em: <https://enfoco.com.br/noticias/cidades/folia-aberta-no-rio-prefeito-entrega-chave-da-cidade-ao-rei-momo-91180?d=1>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

GESTÃO de Crivella foi marcada por crises e episódios polêmicos. **G1**. Rio de Janeiro 22/12/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/12/22/gestao-de-crivella-foi-marcada-por-criises-e-episodios-polemic.ghtml>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

HOMENAGENS a Iemanjá de Madureira até Copacabana. **O Dia**. 29/12/2017. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/2017/12/rio-de-janeiro/36640-homenagens-a-iemanja-de-madureira-ate-copacabana.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2024

HOMENAGEM a Iemanjá leva devotos ao Mercado de Madureira, no Rio. **G1**. Rio de Janeiro. 28/12/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de>

janeiro/noticia/2019/12/28/homenagem-a-iemanja-leva-devotos-ao-mercadao-de-madureira-no-rio.ghhtml. Acesso em 07 de janeiro de 2024.

IGREJA Universal do Reino de Deus é condenada por intolerância religiosa. **Correio 24 Horas**. Salvador, 20/09/2008. Disponível em: <
<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/igreja-universal-do-reino-de-deus-e-condenada-por-intolerancia-religiosa/>>. Acesso em 17 janeiro de 2021.

IGREJA Universal elege bancada de 6 deputados e supera PRN e PSB. **Folha de São Paulo**. 16/10/1994. São Paulo. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/16/brasil/47.html>. Acesso em 13 de janeiro de 2024.

IGREJA Universal vai criar partido político. **Folha de São Paulo**. Rio de Janeiro. 13/01/2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1301200515.htm>. Acesso em 07 de janeiro de 2024.

IMAGEM de Iemanjá é depredada a marretadas em Florianópolis. **G1**. 19/09/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/09/19/imagem-de-iemanja-e-depredada-a-marretadas-em-florianopolis.ghhtml>. Acesso em 04 de maio de 2024.

IMAGEM de Iemanjá é vandalizada após festejos em celebração à Rainha do Mar em Saquarema, no RJ. **G1**. 06/02/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2023/02/06/imagem-de-iemanja-e-vandalizada-apos-festejos-em-celebracao-a-rainha-do-mar-em-saquarema-no-rj.ghhtml>. Acesso em 04 de maio de 2024.

INFORME: a polêmica do Censo Religioso. **O Dia**. Rio de Janeiro, 09/08/2017. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-08-09/informe-a-polemica-do-censo-religioso.html>. Acesso em 01 de dezembro de 2023.

JUIZA suspende venda de livro do bispo Edir Macedo. **Folha de São Paulo**. Salvado, 10/11/2005. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115122.shtml>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

LYRIO, Alexandre. As mil faces de Iemanjá: conheça origem e formas da orixá celebrada domingo. **Correio 24 Horas**. Salvador, 01/02/2020. Disponível em: <
<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/as-mil-faces-de-iemanja-conheca-origem-e-formas-da-orixa-celebrada-domingo/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

MAIS de 100 anos do Mercado de Madureira. **MULTIRIO**. Disponível em:
<https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/2957-mais-de-100-anos-do-mercadao-de-madureira>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

MARÍN, Mar. Crivella quebra tradição e não abre carnaval do Rio. **UOL Notícias**. São Paulo. 25/02/2017. Disponível em:
<<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/efe/2017/02/25/crivella-quebra-tradicao-e-nao-abre-carnaval-do-rio.htm>>. Acesso em 17 janeiro de 2021.

MARCELO Crivella é eleito prefeito do Rio e diz que venceu 'onda de preconceito'. **G1**. Rio de Janeiro. 31/10/2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de>

janeiro/eleicoes/2016/noticia/2016/10/marcelo-crivella-do-prb-e-eleito-prefeito-do-rio.html. Acesso em 09 de maio de 2024.

MERCADÃO faz festa para Yemanjá sem apoio da Prefeitura do Rio. **Extra**. 28/12/2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/mercadao-faz-festa-para-yemanja-sem-apoio-da-prefeitura-do-rio-22234317.html>. Acesso em 08 de maio de 2024.

MP analisa decisão de Crivella de instalar tomógrafo da Rocinha em templo. **UOL**. 06/05/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/05/06/mp-tomografo-crivella-rio-rocinha-igreja-universal.htm>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

NÚMERO de ataques a cultos religiosos no Rio de Janeiro sobe 43%. **Folha de São Paulo**. Rio de Janeiro. 21/01/2022. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/01/ataques-a-cultos-religiosos-crescem-no-rio-de-janeiro.shtml>. Acesso em 6 de janeiro de 2024.

O que explica multiplicação de templos evangélicos no Brasil. **BBC News Brasil**. 12/07/2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo>. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

PAES entrega chaves da cidade ao Rei Momo e carnaval é declarado aberto no Rio. **G1**. Rio de Janeiro. 20/04/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/20/paes-entrega-chaves-da-cidade-ao-rei-momo-e-carnaval-e-declarado-aberto-no-rio.ghtml>. Acesso em 20 de janeiro de 2024.

PELA primeira vez em 13 anos, Prefeitura do Rio corta apoio financeiro à procissão de Iemanjá. **Extra**. 29/11/2017. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/pela-primeira-vez-em-13-anos-prefeitura-do-rio-corta-apoio-financeiro-procissao-de-iemanja-22126728.html>. Acesso em 08 de maio de 2024.

PELO 12º ano, imagem de Iemanjá será levada do Mercadão de Madureira em carreata até Copacabana. **O Globo**. Rio de Janeiro. 26/12/2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/pelo-12-ano-imagem-de-iemanja-sera-levada-do-mercadao-de-madureira-em-carreata-ate-copacabana-14904812>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

POLÍCIA prende 'Bonde de Jesus' que atacava terreiros de umbanda e candomblé. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 18/08/2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/08/18/interna_nacional,1078089/policia-prende-bonde-de-jesus-que-atacava-terreiros-de-umbanda-e-can.shtml. Acesso em 30 de novembro de 2023.

PROCISSÃO para Iemanjá arrasta devotos de Madureira a Copacabana. **O Globo**. Rio de Janeiro. 29/12/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/procissao-para-iemanja-arrasta-devotos-de-madureira-copacabana-23335319>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

PRODUTORES culturais e alunos protestam no Rio em defesa da Casa do Jongo. **Agência Brasil**. 09/01/2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2018->

01/jongueiros-protestam-no-rio-em-defesa-de-salvaguada-para-o-patrimonio. Acesso em 02 de janeiro de 2024.

RELIGIÕES de matriz africana se unem contra decreto de Crivella no Rio. **Carta Capital**. 24/08/2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/religioes-de-matriz-africana-se-unem-contradecreto-de-crivella-no-rio/>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

RUASDORIO: Quem foi Edgard Romero? **Diário do Rio**. Rio de Janeiro, 21/12/2022. Disponível em: <https://diariodorio.com/ruasdoria-quem-foi-edgard-romero/>. Acesso em 30 de novembro de 2023.

SALVADOR retoma festa no Rio Vermelho e renova devoção a Iemanjá. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/salvador-retoma-festa-no-rio-vermelho-e-renova-devocao-a-iemanja.shtml>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

SEM patrocínio, Trem do Samba não vai circular após 24 anos de tradição. **G1**. 28/11/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2019/11/28/sem-patrocinio-trem-do-samba-nao-vai-circular-apos-24-anos-de-tradicao.ghtml>. Acesso em 13 de janeiro de 2024.

TERREIRO de candomblé é depredado em Nova Iguaçu e religiosos são expulsos. **G1**. Rio de Janeiro, 29/03/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/29/terreiro-de-candomble-e-depredado-em-nova-iguacu-religiosos-foram-expulsos.ghtml>. Acesso em 30 de novembro de 2023.

TERREIRO de umbanda é alvo de vandalismo em Realengo. **O Dia**. Rio de Janeiro, 22/10/2022. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/10/6509842-terreiro-de-umbanda-e-alvo-de-vandalismo-em-realengo.html>. Acesso em 30 de novembro de 2023.

TRF/1ª Região: Encerrado o julgamento do livro de Edir Macedo. **Migalhas**, 26/09/2006. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/30603/trf-1--regiao--encerrado-o-julgamento-do-livro-de-edir-macedo>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

21ª Festa de Yemanjá do Mercadão tem esquentada de alegria e fé. **Extra**. Rio de Janeiro. 22/12/2023. Disponível em: <https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2023/12/21a-festa-de-yemanja-do-mercadao-tem-esquentada-de-alegria-e-fe.ghtml>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

- **Fotografias/Imagens**

BONDE elétrico no trajeto Madureira – Penha. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1512912/icon1512912.jpg. Acesso em 8 de outubro de 2023.

CÂMARA do Rio institui 24 de junho como Dia do Jongo. **Agência Brasil**. 10/09/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/camara-do-rio-institui-24-de-junho-como-dia-do-jongo>. Acesso em 2 de janeiro de 2024.

DECRETO de Dornelles dá status de bem imaterial ao Mercado de Madureira. **O Globo**. 04/12/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/decreto-de-dornelles-da-status-de-bem-imaterial-ao-mercadao-de-madureira-23278508>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

ESTANTE Virtual. **“Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?”** Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/edir-macedo/orixas-caboclos-e-guias-deuses-ou-demonios-/486327204>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

FEIRA das Yabás: Samba e culinária no dia dos pais. **Sambando**. Disponível em: <https://www.sambando.com/feira-das-yabas-samba-e-culinaria-no-dia-dos-pais>. Acesso em 2 de janeiro de 2024.

FESTIVAL Madureira Zona Preta estreia com baile charme, festas, DJs, feijoada e papo com Griot. **Portal da Prefeitura do Rio**. 08/11/2022. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cultura/festival-madureira-zona-preta-estreia-com-baile-charme-festas-djs-feijoada-e-papo-com-griot/>. Acesso em 2 de janeiro de 2024.

IGREJA de São José da Pedra, Madureira - Rio de Janeiro/RJ. Reddit. https://www.reddit.com/r/fotografiaBR/comments/q6ea6y/igreja_de_s%C3%A3o_jos%C3%A9_da_pedra_madureira_rio_de/?rdt=61868. Acesso em 22 de dezembro de 2023.

IMPÉRIO Serrano faz carreata em homenagem a São Jorge. **Galeria do Samba**. 22/04/10. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/noticias/imperio-serrano-faz-carreata-em-homenagem-a-sao-jorge/6152/>. Acesso em 2 de janeiro de 2024.

PERFIL Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. Facebook. 03/07/2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=718808111620299&set=t.100064440439579>. Acesso em 03 de janeiro de 2024.

PERFIL Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. Facebook. 05/12/2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1993823993989569&set=a.341474445891207>. Acesso em 07 de janeiro de 2024.

PERFIL Mercado de Madureira. Facebook. 07/03/2023. Disponível em: https://www.facebook.com/mercadaodemadureira/photos?locale=pt_BR. Acesso em 10 de outubro de 2023.

PERFIL Mercado de Madureira. Facebook. 09/01/2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=635217046516944&set=a.635209059851076>. Acesso em 06 de maio de 2024.

PERFIL Mercado de Madureira. Facebook. 21/12/2022. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6146978518647847&set=pb.100064598323378.-2207520000&locale=pt_BR. Acesso em 10 de outubro de 2023.

PERFIL Mercado de Madureira. Facebook. 22/05/2023. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=617037010459571&set=pb.100064598323378.-2207520000&type=3&locale=pt_BR. Acesso em 10 de outubro de 2023.

PORTELA escolhe nesta sexta-feira samba-enredo de 2015; final tem 3 concorrentes. **R7**. 17/10/2014. Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/portela-escolhe-nesta-sexta-feira-samba-enredo-de-2015-final-tem-3-concorrentes-17102014>. Acesso em 2 de janeiro de 2024.

ÚLTIMO bondinho de burro no Rio, da linha circular suburbana de tramways, fazia o percurso entre os suburbanos de tramways, fazia o percurso entre os suburbanos de Madureira e Irajá, transferida a concessão para a "Light", a tração animal foi substituída pela elétrica em ferro de 1928. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1485735/icon1485735.jpg. Acesso em 8 de outubro de 2023.

- **Depoimentos Orais**

AYRES. Entrevista sobre a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. Entrevista concedida a Jonatan Firmino. Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 2022.

DE AYRÁ, Mãe Patrícia. Entrevista sobre a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. Entrevista concedida a Jonatan Firmino. Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 2022.

DE OYÁ, Mãe Miriam. Entrevista sobre a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. Entrevista concedida a Jonatan Firmino. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 2022.

FREITAS, Graça. Entrevista sobre a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. Entrevista concedida a Jonatan Firmino. Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 2022.

NOGUEIRA, Nilcemar. Entrevista sobre a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. Entrevista concedida a Jonatan Firmino. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 2024.

SILLMAN, Hélio. Entrevista sobre a Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira. Entrevista concedida a Jonatan Firmino. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2022.

- **Internet**

A verdade sobre a publicação do Jornal Extra, a respeito da verba para a Festa de Iemanjá. Disponível em: <https://marcelocrivella.com.br/a-verdade-sobre-a-publicacao-do-jornal-extra-a-respeito-da-verba-para-a-festa-de-iemanja/>. Acesso em 08 de maio de 2024.

ALERJ. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25edae7e64db53b032564fe005262ef/0ef875c1071b9bcf0325835900627613?OpenDocument&Highlight=0,mercado%20de%20madureira>. Acesso em 06 de janeiro de 2024.

CONHEÇA as estações: Madureira. **Supervia Trens Urbanos**. Disponível em: <<https://www.supervia.com.br/pt-br/estacao/madureira>>. Acesso em 16 de janeiro de 2022

CONHEÇA o BRT. **BRT Rio**. 2015. Disponível em: <<https://brt.rio/wp/conheca-o-brt/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

CRESCIMENTO dos estabelecimentos evangélicos no Brasil nas últimas décadas. **IPEA**. 2023. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12605/1/NT_123_Diset_crescimento_dos_estabelecimentos.pdf. Acesso em 4 de janeiro de 2024.

CRIVELLA diz que será canal entre governo e evangélicos. Veja. 29/02/2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/crivella-diz-que-sera-canal-entre-governo-e-evangelicos>. Acesso em 09 de maio de 2024.

DATA Rio. População residente e domicílios segundo bairros do município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.data.rio/documents/popula%C3%A7%C3%A3o-residente-e-domic%C3%ADlios-segundo-bairros-do-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro-2010/about>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

DATA.Rio. Proporção de pessoas evangélicas em relação ao total da população do Município do Rio de Janeiro – 2000. Disponível em: <https://www.data.rio/documents/2f911a2a05d24ea4a56ac808bdef3f35/about>. Acesso em 10 de maio de 2024.

DECRETO “Rio ainda mais fácil eventos” simplifica aprovação de eventos no Rio. **Portal da Prefeitura do Rio**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=7075608>. Acesso em 20 de

DENÚNCIA de infração político-administrativa contra o excelentíssimo senhor prefeito Marcelo Crivella de autoria do vereador Átila A. Nunes. **Portal da Câmara Municipal do Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/83491ead466246dd032577590051acc4/41d4e9ddafaabfb9832582c6007d2082?OpenDocument>. Aceso em 20 de janeiro de 2024.

EXPOSIÇÃO virtual "quantos nomes tem a rainha do mar?". **Dragão do Mar – Centro de Arte e Cultura**. Ceará, 18/08/2021. Disponível em: < <http://www.dragaodomar.org.br/noticias/881/20210818-1624-exposicao-virtual-quantos-nomes-tem-a-rainha-do-mar>>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

FEIRA das Yabas: pequenos pensamentos. **Museu Afro Digital**. Disponível em: < http://www.museuafrorio.uerj.br/?page_id=3264>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

FESTA de Iemanjá do Mercado de Madureira. **Facebook**. Disponível em: < <https://www.facebook.com/iemanjadomercadao/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

FESTA de Iemanjá do Mercado de Madureira. **Facebook**. Disponível em: https://www.facebook.com/iemanjadomercadao/about_details?locale=pt_BR. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

HISTÓRIA do bairro – Bairro: Madureira. **Portal da Cidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: < <https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html>>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

HISTÓRIA do jongo e da Serrinha. **Portal Jongo da Serrinha**. Disponível em: <https://jongodaserrinha.org/111-2/>. Acesso em 17 de novembro de 2023.

HISTÓRIA do Mercado de Madureira. **Portal Mercado de Madureira**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://mercadaodemadureira.com/historia/>. Acesso em 17 de janeiro de 2021.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/pesquisa/23/22107>. Acesso em 10 de maio de 2024.

IEMANJÁ – Lenda, Mito e Sincretismo Religioso. **Portal Geledés**. São Paulo, 02/02/2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/iemanja-lenda-mito-e-sincretismo-religioso/>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

IMPÉRIO Serrano. **WikiRio**. Disponível em: https://www.wikirio.com.br/Império_Serrano. Acesso em 17 de novembro de 2023.

MAPA DE MADUREIRA. Google Maps. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Madureira,+Rio+de+Janeiro+-+RJ/@-22.8702984,-43.3400991,14.75z/data=!4m6!3m5!1s0x99632828cfcc1f:0x8ea83a8e6deb0e48!8m2!3d-22.8724517!4d-43.3363996!16s%2Fm%2F05p79v_?hl=pt-BR&entry=ttu. Acesso em 22 de dezembro de 2023.

NAÇÕES Unidas Brasil. “Rio de Janeiro é 1ª paisagem cultural urbana declarada Patrimônio Mundial da UNESCO”. **Portal Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/75172-rio-de-janeiro-é-1ª-paisagem-cultural-urbana-declarada-patrimônio-mundial-da-unesco>. Acesso em 10 de março de 2022.

NOSSA História. **Portela**. História. Disponível em: <https://www.gresportela.org.br/Historia>. Acesso em 17 de novembro de 2023.

NOSSA História. **Republicanos**. Disponível em: <https://republicanos10.org.br/nossa-historia/>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.
novembro de 2023.

O que acontece quando se lê o livro “Orixás, Caboclos e Guias. **Universal**. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-acontece-quando-se-le-o-livro-orixas-caboclos-e-guias/>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

OS amigos da corte: requisitos para admissão, funções e limites, segundo a jurisprudência do STJ. **Superior Tribunal de Justiça**. 22/08/2021. Disponível em: [https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/22082021-Os-amigos-da-corte-requisitos-para-admissao--funcoes-e-limites--segundo-a-jurisprudencia-do-STJ.aspx#:~:text=%E2%80%8B%E2%80%8BAmicus%20curiae%20\(amigo,fornecer%20subs%C3%ADdios%20ao%20%C3%B3rg%C3%A3o%20julgador](https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/22082021-Os-amigos-da-corte-requisitos-para-admissao--funcoes-e-limites--segundo-a-jurisprudencia-do-STJ.aspx#:~:text=%E2%80%8B%E2%80%8BAmicus%20curiae%20(amigo,fornecer%20subs%C3%ADdios%20ao%20%C3%B3rg%C3%A3o%20julgador).

PAISAGENS Cariocas entre a Montanha e o Mar. **Portal UNESCO**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-n-brazil/rio-de-janeiro/#c1464988>. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

PORTAL da Prefeitura do Rio. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108328/16DECRETO35020FestasqueCultuamIemanja.pdf>. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

PRESTES a completar 11 anos, Parque Madureira se tornou ícone de lazer na Zona Norte. **Portal da Prefeitura do Rio**. Rio de Janeiro. 15/06/2023. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/prestes-a-completar-11-anos-parque-madureira-se-tornou-icone-de-lazer-na-zona-norte/>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

PROCISSÃO de Yemanjá não acontecerá por falta de apoio da Prefeitura, dizem organizadores. **Rádio Tupi**. 28/12/2019. Disponível em: <https://www.tupi.fm/rio/procissao-de-yemanja-nao-acontecera-por-falta-de-apoio-da-prefeitura-dizem-organizadores/>. Acesso em 08 de maio de 2024.

REPUBLICANOS mantém crescimento nestas eleições e está entre as 10 maiores siglas. Disponível em: <https://republicanos10.org.br/nacional/republicanos-elege-41-deputado-federais-2-senadores-e-1-governador/>. Acesso em 13 de janeiro de 2024.

RÉVEILLON de Copacabana reúne 2,9 milhões de pessoas, e Rio bate recorde de turistas. **Portal Prefeitura do Rio**. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/reveillon-de-copacabana-reune-29-milhoes-de-pessoas-e-rio-bate-recorde-de-turistas/>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

SURGIMENTO, trajetória e expansão das Igrejas Evangélicas no território brasileiro ao longo do último século (1920-2019). **Centro de Estudos da Metrópole**. 17/05/2023. Disponível em: https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/cem_na_midia_anexos/NT20.pdf. Acesso em 4 de janeiro de 2024.

TRIBUNAL de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Processo Nº: 0035850-23.2017.8.19.0000. Disponível em: <https://www3.tjrj.jus.br/consultaprocessual/#/consultapublica?numProcessoCNJ=0035850-23.2017.8.19.0000>. Acesso em 14 de maio de 2024.

TRIBUNAL de Justiça do Estado Rio de Janeiro. Processo Nº: 0040967-92.2017.8.19.0000. Disponível em: <https://www3.tjrj.jus.br/ejud/ConsultaProcesso.aspx?N=2017.007.00194>. Acesso em 14 de maio de 2024.

TRIBUNAL de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Acórdão representação por inconstitucionalidade. Disponível em: <https://www3.tjrj.jus.br/gedcacheweb/default.aspx?UZIP=1&GEDID=000428BAAC2DF32DC50C67DB507F21F5994AC50A2C313A4A&USER=>. Acesso em 15 de maio de 2024.

TRIBUNAL Superior Eleitoral. Disponível em: https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/resultado-da-elei%C3%A7%C3%A3o?p0_turno=2&session=13133774836609. Acesso em 04 de maio de 2024.

TRIBUNAL Superior Eleitoral. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/maiores->

votacoes?p0_abrangencia=Munic%C3%ADpio&clear=RP&session=13133774836609.
Acesso em 09 de maio de 2024.

UNESCO. Brasília, 08/12/2016. Disponível em: <
http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/single-view/news/rio_de_janeiro_receives_from_unesco_the_certificate_of_world/>. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

UNIVERSAL 45 anos: Os primeiros passos de uma conquista. **Universal**.
<https://www.universal.org/noticias/post/universal-45-anos-os-primeiros-passos-de-uma-conquista/>. Acesso em 6 de janeiro de 2024.

Bibliografia

ABREU, Maurício. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

ALBERTI, Verena. **Fontes orais: histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena; FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria (Org.). **Desafios à história oral do século XXI. História oral: desafios para o século XXI**. JOUTARD, Philippe. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

ANDREI, Elena. **Coisas de santo - iconografia da imaginária afro-brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

BAHIA, Joana. **O Rio de Iemanjá: uma cidade e seus rituais**. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 10, n. 30, p. 177-215, 2018.

BELCHIOR, Elysio. **Estácio de Sá e a fundação do Rio de Janeiro**. História, São Paulo, 27 (1): 2008.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** São Paulo. 2ª edição. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

CASTILLO, Lisa. **Bamboxê Obitikô e a expansão do culto aos orixás (século XIX): uma rede religiosa afroatlântica**. Salvador, 2016.

COPPE, Moisés Abdon; PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAÚJO, Leonor Franco de (org). **A força da fé: existência, resistência e resiliência da religiosidade popular brasileira**. Ituiutaba: Barlavento, 2020

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e identidade religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiana e Trindade – GO**, 2014.

DE ALBUQUERQUE, Simone Nascimento; DE LIMA, Juliano; PACHECO, Marcus Peigas. Mapa de Susceptibilidade ao Risco Geotécnico no Maciço da Tijuca com Utilização de Modelo Probabilístico e Ferramenta Geoestatística. Campinas, 2020.

DE ALMEIDA, Flávio Aparecido; MOREIRA, Reinaldo Cardoso. **Neopentecostalismo e teologia da prosperidade: história e implicações no Brasil contemporâneo.**

DE MATOS, Alderi Souza. **A Reforma Protestante do século XVI.** Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, v. 3, n. 1, 2011.

ENCONTRO de Geógrafos da América Latina, São Paulo: Universidade de São Paulo.

ESCOLA Naval – Roteiro – Passeio Marítimo. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/dphdm/escola-naval>>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

ESTAÇÃO de Trem de Madureira. Estações Ferroviária do Brasil. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_linha_centro/madureira.htm. Acesso em 28 de novembro de 2023.

FONT, Joan Nigué; RUFÍ, Joan Vicente. **Geopolítica, identidade e globalização**, 2006.

FRAGA, Annelise Caetano; SANTOS, Miriam de Oliveira. **Madureira, capital dos subúrbios (1940-1960): carnaval e comércio na produção de uma comunidade imaginada.** Iluminuras, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p.11-31, 2015.

GANDRA, Edir. **Jongo da Serrinha: dos terreiros aos palcos.** Rio de Janeiro. GGE Editora, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1973.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. “**Apontar e citar. A verdade da história**”, in Dossiê História - Narrativa. RH. Revista de História. nº 2, Campinas, IFCH - Unicamp, 1991.

GRAMSCI, Antonio. **Osservazioni sul folclore.** Letteratura e vita nazionale, p. 215-221, 1950.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio; DAVIES, Frank Andrew. **Alegorias e deslocamentos do "subúrbio carioca" nos estudos das ciências sociais (1970-2010).** Sociologia & Antropologia, v. 8, p. 458, 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Da territorialidade à Multiterritorialidade.** In: Anais do X. 20-26 de março de 2005, p. 6774-6792.

HOBBSBAWM, Eric John. **Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX.** Zahar Editores, 1970.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** Tradução Jefferson Luiz Carmargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IWASHITA, Pedro Kuniharu. **Maria no contexto da religiosidade popular brasileira**. Fribourg: Imprimerie S. Canisius, 1987.

JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (Org.). **Territórios culturais na cidade do Rio de Janeiro**. VAZ, Lilian Fessler; JACQUES, Paola Berenstein. p. 87-88, 2006. – Salvador: EDUFBA ; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 1924. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas. Editora da UNICAMP, 1990.

LEVI, Giovanni. A herança imaterial. **Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Vivaldo da C. **A Família de Santo nos Candomblés Jeje-Nagôs da Bahia: um estudo das relações intragrupais**. Salvador: Corrupio, 2003.

LOPES, Nei. **Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo. Hucitec-EDUSP, 1991.

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou demônios**. Unipro. São Paulo, 1995.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios**. Universal Produções. São Paulo. 2004.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**, 2ª edição, São Paulo, Edições Loyola, 2005.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Os bailes de charme: espaços de elaboração de identidades juvenis**. Última década, nº 22, p.12. Valparaíso. 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2017.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Recensão a Santo Mazzarino, Il pensiero storico classico I-II**. Rivista Storica Italian, LXXIX, 1967, ed. 1969, p. 61, apud LE GOFF, Jacques, 1924, p. 49

MONTERO, Paula. **Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso**. Religião & Sociedade, vol. 32, nº 1, 2012.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. Nº 10. 1993.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PARÉS, Luis Nicolau. **O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental**. Editora Companhia das Letras, 2016.

PAULA, Ariane. **O saber e a montagem: um estudo de O Queijo e os vermes, de Carlo Ginzburg**. 2020.

PEREIRA, Rodrigo. **Nas margens do atlântico: o comércio de produtos entre a África ocidental e o Brasil e sua relação com o candomblé.** História econômica & História de empresas, vol. 18 nº 2 (2015), 323-354. Rio de Janeiro, 2016.

PORTELLI, Alessandro et al. **O que faz a história oral diferente.** Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História, v. 14, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **“A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.”** Tempo, 1997.

PRANDI, Reginaldo. **A Realidade social das religiões no Brasil – Religião,**

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX.** Tempo social, v. 2, p. 49-74, 1990.

PRANDI, Reginaldo. **Perto da magia, longe da política.** Novos Estudos CEBRAP, 1992.

REVEL, Jaques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise.** Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIO DE JANEIRO. Lei Estadual Lei nº 6.403 de 08 de março de 2013. **Concede o nome de Mercado de Madureira à antiga estação ferroviária de Magno, localizada no bairro de Madureira, município do Rio de Janeiro.** Imprensa Oficial do estado do Rio de Janeiro.

Disponível em:
https://www.ioerj.com.br/portal/modules/conteudoonline/mostra_edicao.php?k=10E85E68-154DC-45E9-B5E7-F825A438514B1. Acesso em 08 de maio de 2024.

RIO DE JANEIRO (RJ). Decreto Municipal nº 35862 de 04 de julho de 2012. **Declara patrimônio cultural carioca, de natureza imaterial, o Mercado de Madureira.** Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 05 de jul. de 2012. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www2.rio.rj.gov.br/conlegis/legis_consulta/42542Dec%2035862_2012.pdf. Acesso em 04 de maio de 2024.

RIO DE JANEIRO (RJ). Decreto Municipal nº 35020 de 29 de dezembro de 2011. **Declara Patrimônio Cultural Carioca as festas que cultuam Iemanjá realizadas nas praias da Cidade do Rio de Janeiro.** Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 30 de dez. de 2011. Disponível em: <https://doweb.rio.rj.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1624#/p:7/e:1624?find=decreto%20n%C2%BA%2035020,%20de%2029%20de%20dezembro%20de%202011>. Acesso em 20 de novembro de 2023.

RIO DE JANEIRO (RJ). Lei nº 5146, de 7 de janeiro de 2010. **Dispõe sobre a consolidação municipal referente a eventos, datas comemorativas e feriados da Cidade do Rio de Janeiro e institui o Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas da Cidade do**

Rio de Janeiro. Disponível em: <https://doweb.rio.rj.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1259#/p:5/e:1259?find=CONSOLIDA%C3%87%C3%83O%20MUNICIPAL%20REFERENTE%20A%20EVENTOS>. Acesso em: 5 de janeiro de 2021.

RIO DE JANEIRO (RJ). Lei nº 4516, de 25 de maio de 2007. **Institui no calendário oficial do município do Rio de Janeiro o dia de Iemanjá, a ser comemorado no dia 29 de dezembro de cada ano.** Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/lei-ordinaria/2007/451/4516/lei-ordinaria-n-4516-2007-institui-no-calendario-oficial-do-municipio-do-rio-de-janeiro-o-dia-de-iemanja-a-ser-comemorado-no-dia-29-de-dezembro-de-cada-ano>. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

RIO DE JANEIRO (RJ). Decreto Rio nº 43219 de 26 de maio de 2017. **Institui o Sistema "Rio Ainda Mais Fácil Eventos - RIAMFE", simplifica os procedimentos relativos à autorização e à realização de eventos e produções de conteúdo audiovisual em áreas públicas e particulares no Município do Rio de Janeiro, e dá outras providências.** DIÁRIO Oficial do Município do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://doweb.rio.rj.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/3435#/p:5/e:3435?find=decreto43219>. Acesso em 20 de novembro de 2023.

ROCHA, Agenor Miranda. **As nações Ketu: origens, ritos e crenças: os candomblés antigos do Rio de Janeiro.** Mauad Editora. 2000.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SANTHIAGO, Ricardo. **Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade.** Revista de História. João Pessoa, 2008.

SANTOS, Eufrazia. **Religião e espetáculo: análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé.** Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, v. 4, 1966, p. 10.

SANTOS, Noronha. **As freguesias do Rio Antigo.** Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

SILVA, Cristina da Conceição. **As ruas e lugares de Madureira e Oswaldo Cruz, espaços de memórias, identidades e de afirmação das culturas negras.** Rio de Janeiro: Autografia. 2020.

SILVEIRA, Leandro Manhães. **Nas trilhas de sambistas e “povo do santo”: memórias, cultura territórios negros no Rio de Janeiro (1905-1950).** Niterói: UFF, 2012.

SIMONARD, Pedro. **A construção da tradição no Jongo da Serrinha: uma etnografia visual do seu processo de espetacularização.** Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
Sociedade e política. São Paulo: Hucitec-EDUSP, 1996.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade.** Petrópolis: Vozes, 1988.

TEIXEIRA, Anderson Rodrigues. **Presente de Iemanjá: devoção e festa de matrizes africanas no Mercado de Madureira-RJ**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2021.

THOMPSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 15, 1997.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TRABUCO, Zózimo. **A França Antártica e as guerras religiosas (1555-1560)**. Marco Antônio Nunes da Silva e Suzana Maria de Sousa Santos Severs (Org.) Estudos inquisitoriais: história e historiografia. Cruz das Almas. 2019.

VANSINA, Jan. **A Tradição Oral e sua Metodologia**. São Paulo: Hucitec, 1982.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo mundo**. Salvador: Corrupio, 1981.